

Religiosidade difusa e identidade confessional

António Teixeira Fernandes

A emergência, com grande visibilidade, do desencantamento do mundo nas sociedades contemporâneas tende a definir o campo em que se vem situando a problemática sociológica da religião. Fenómeno com uma longa história perdida no tempo, a secularização conhece recentemente algumas reformulações, tanto em termos de declínio do sagrado como da sua restauração. Ao mesmo tempo que se tenta equacionar, de outra forma, o ocaso religioso, nomeadamente no mundo ocidental, delimitam-se os contornos do que se possa entender por religião, na tentativa de se superarem as abordagens tanto da secularização como do retorno. Os dois aspectos do problema andam directamente associados. Dilui-se ou concentra-se o sagrado quando as diferentes abordagens procuram medir o grau e a extensão da sua permanência.

As transformações operadas no mundo actual deslocam sensivelmente o centro de interesse. A segmentação das sociedades, com a consequente autonomização relativa das suas diferenciações, parece retirar à secularização a importância de facto social difuso que conheceu algumas décadas atrás. O individualismo evolui para novas modalidades, apagando-se a antinomia público-privado em que ele tendia exclusivamente a inscrever-se. Mais do que o refugio na vida privada, a pessoa, hoje em dia, parece buscar sobretudo a plena subjectivação. Se a religião antes não consentida no espaço público se havia refugiado na esfera privada, como seu último reduto onde se pensava aguardasse a total extinção, agora tende a ser entendida como apoio a uma subjectividade na sua busca de sentido.

Parece assistir-se, cada vez mais, a um processo de individuação da religião. Mantém-se, em larga medida, a tendência para a privatização, mas

sem que esta esgote a dimensão daquela. Dá-se uma recomposição do campo religioso, em que entra um certo retorno, ao mesmo tempo que se opera sobretudo um voltar-se da religião para si própria.

A presente análise pretende abordar a recomposição do campo religioso, considerando a importância da religião na construção das identidades individuais e sociais, o papel que desempenham as Igrejas na constituição dessas identidades e o lugar que detêm nas sociedades actuais.

1. Múltiplas são as mudanças ocorridas nas sociedades hodiernas. De particular impacto sobre a conduta religiosa, são a segmentação social e a crescente individuação.

As sociedades são hoje afectadas por um processo de crescente dissociação. A fragmentação da actividade colectiva realiza-se no contexto de um processo geral de descontextualização e de desinstitucionalização da vivência social. A segmentação da sociedade faz com que os diversos domínios sociais se especializem e se autonomizem. No entender de Pierre Bourdieu, "nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído pelo conjunto destes micro-cosmos sociais relativamente autónomos, espaços de relações objectivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreductíveis às que regulam os outros campos" ¹. O desenvolvimento da modernidade fragmenta os espaços onde se desenrola a existência humana. Os cenários da vida actual diversificam-se e segmentam-se, levando as pessoas a confrontarem-se com uma diversidade de escolhas. O homem passa a viver cada vez mais num mundo de múltiplas opções. O desenvolvimento sócio-económico cria o contexto para a alteração dos modos e dos estilos de vida.

A individuação anda associada, por sua vez, ao advento da modernidade, como ela se apresenta actualmente. Surgem como traços característicos desta modernidade o pluralismo sócio-cultural, o individualismo, a urbanização geral do espaço com a desterritorialização que acarreta e o desenvolvimento económico e social, com a alteração dos modos e dos estilos de vida. A modernidade altera profundamente a vida social na sua quotidianidade e afecta os aspectos mais pessoais da experiência dos indivíduos.

O processo de individuação desenvolve-se, como sua causa e efeito, neste contexto de mudanças no tecido social. Por individuação, entende-se o processo de assunção livre por cada um das orientações do mundo que dão sentido à existência. Distingue-se do individualismo, enquanto este possa

BOURDIEU, Pierre — *Réponses*, Paris, Seuil, 1992, p. 73.

significar mera centração na vida privada. Aquela constrói-se no relacionamento da pessoa com a sociedade, de uma sociedade que deixa de oferecer visões do mundo universalmente aceites e obriga os indivíduos a buscar as significações que encham de sentido a existência.

O pluralismo cultural faz com que os universos simbólicos dotados de sentido se multipliquem e entrem em concorrência. Os diversos sistemas de significação passam a oferecer o sentido a quem dele carece. As pessoas buscam orientação para a vida, tentando esconjurar as incertezas. As trajetórias existenciais são construídas num mundo que se abre para um futuro problemático. Compete, por outro lado, cada vez mais ao indivíduo a escolha das suas pertenças sociais, das suas actividades culturais e das suas crenças. As normas e os valores prescritos socialmente necessitam de ser reconstruídos, porque cada um deve gerir a situação em que se encontra. Na condução da vida, as representações e as crenças tendem a ser progressivamente mais abertas e relativizadas. Os valores e as normas transmitidos pela tradição perdem o seu carácter absoluto e universal e adquirem uma dimensão particularizada.

2. O desenvolvimento em simultâneo, como fenómenos correlativos, da segmentação e da individuação produz a "emergência de novos mecanismos de auto-identidade". Com o desenvolvimento das sociedades, a actividade social é cada vez mais reflexiva. A modernidade é constituída por uma "reflexividade intrínseca", que põe em causa não só as certezas oferecidas pela religião, como desperta ainda o "cepticismo generalizado acerca da razão providencial". O individualismo gera uma procura de auto-identidade, em resultado da desagregação dos grupos sociais que envolvem a vida das pessoas. Trata-se de uma identidade que recusa ser construída por um destino externo à existência. Esta deixa de ser condicionada por cenários pré-construídos e impostos. A auto-realização em autenticidade, na verdade e na riqueza de cada um, aparece como principal objectivo no horizonte que se estende diante da vida. O fatalismo é erradicado da modernidade, porque configura uma orientação controladora e voltada para o futuro. Dá-se mesmo um "controlo do tempo", com a conseqüente tentativa de "colonização do futuro". A própria moralidade surge como contrária às dinâmicas de controlo. Os princípios morais perdem, na verdade, sentido numa perspectiva de colonização do futuro. Porque a transgressão moral traz consigo o sentimento de culpa, os indivíduos tendem a não tecer as suas vidas em função de preceitos morais. A colonização do futuro é feita sobretudo através da avaliação do risco. O estilo de vida é escolhido tendo em conta uma

"cultura de risco secular" ². Parecem ser estas algumas das condicionantes que rodeiam a vida humana, nas sociedades contemporâneas.

O mundo actual é, na verdade, atravessado por plurais processos de auto-realização. A modernidade estimula as "ideias de emancipação humana", fenómeno que passa pela "emancipação dos imperativos dogmáticos da tradição e da religião". A actividade humana liberta-se dos constrangimentos pré-existentes. Na base deste movimento, está o "princípio de autonomia". Opera-se a "emancipação da fixidez da tradição e das condições da dominação hierárquica" ³. Existe uma certa aproximação, neste aspecto, de A. Giddens em relação às posições de Pierre Bourdieu, quando este último defende o fim do monopólio, por parte de uma instituição, da gestão dos bens espirituais. A auto-realização opera-se num mundo ordenado de forma reflexiva.

A actuação de mecanismos de auto-identidade, em contexto de modernidade, é acompanhada da institucionalização do "princípio da dúvida radical", que coloca o homem num mundo de incertezas e faz surgir a necessidade de se ter de optar num campo que apresenta variadas opções. As sociedades tradicionais ofereciam certezas apoiadas e confirmadas pela tradição e pelo hábito. Sem que estas certezas tenham sido substituídas pelo conhecimento racional, é-se actualmente confrontado com "perfis de risco", alguns de "altos riscos", sem aumentarem e se reforçarem, em simultâneo, os sistemas de confiança. A descontextualização da vida social e o crescimento das circunstâncias de risco, ao mesmo tempo que se dá o declínio da confiança em garantias meta-sociais, fazem com que se tenda a recorrer progressivamente a sistemas abstractos, de forma a criar-se, nas pessoas, um "sentimento de segurança ontológica". A modernidade produz uma "cultura do risco", que apela continuamente a "sistemas periciais" que exigem um conhecimento racional especializado. Os "sistemas abstractos" são constituídos por "garantias simbólicas" e por "sistemas periciais". A própria concepção do destino é questionada, na medida em que este implica um curso de acontecimentos relativamente ordenado de antemão. Neste novo contexto, é-se posto face à questão da "segurança ontológica", situação que origina uma "ansiedade existencial". Os indivíduos procuram, desde então, desenvolver um "enquadramento de segurança ontológica de algum tipo, baseados em rotinas de vários géneros". Na existência humana, lida-se continua-

² GIDDENS, Anthony — *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, 1994, pp. 1, 12, 17, 25, 65, 67, 70, 98, 99, 102, 104, 112, 127, 130, 137 e 164; GIDDENS, Anthony — *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora, 1992.

³ GIDDENS, Anthony — *Modernidade e Identidade Pessoal*, pp. 186, 188, 190 e 191.

mente com questões existenciais que exigem respostas por vezes inadiáveis. O sentimento de segurança ontológica postula soluções suficientemente fiáveis, ao nível tanto do consciente como do subconsciente ⁴. A busca de uma tal segurança, frente a um "futuro problemático", leva as pessoas, quando abandonam a ideia de Deus, a passarem pelo deísmo ou pela exigência de um destino, entendido este como uma certa "mão invisível" que conduz a existência, antes de chegarem a um verdadeiro ateísmo.

A modernidade é caracterizada pela necessidade de auto-conhecimento e pela capacidade de determinação da própria trajectória de vida. Estas características da modernidade assentam numa reflexividade que se desenvolve num mundo mais de dúvidas do que de certezas.

3. A fragmentação da vida social é acompanhada de uma pluralização da cultura e, com o avanço deste processo, a religião acaba por perder a sua identificação com a ordem do mundo, tornando-se ela mesma objecto de permanente questionamento. A secularização tende a ser concebida actualmente, no âmbito da segmentação da vida social, mais do que privatização, em termos de individuação da religião. Embora as confissões religiosas continuem a ser os principais produtores de sentido e de bens de salvação, a religião é cada vez mais uma questão privada e sobretudo individual. Trata-se de uma espécie particular de individualismo, que É. Durkheim define como sendo "uma religião de que o homem é, ao mesmo tempo, o fiel e o Deus". O sociólogo francês sustenta que, "se é verdade que uma religião é, em certo sentido, indispensável, não é menos certo que as religiões se transformam, que a de ontem não poderá ser a de amanhã. O importante seria, por isso, dizer-nos o que deve ser a religião de hoje. Ora tudo concorre precisamente para fazer crer que a única possível é esta religião da humanidade de que a moral individualista é a expressão racional". Sustenta, igualmente, Anthony Giddens que, "hoje em dia, ninguém pode deixar de estar consciente do facto de que viver de acordo com os preceitos de uma determinada fé é o resultado de uma escolha" ⁵. Nesta situação de fragmentação social e de pluralismo cultural, as normas e os valores propostos por uma instituição deixam de ter a plausibilidade que possuíam outrora. A religião institucional individualiza-se num contexto em que cada um necessita de construir a sua própria identidade religiosa, tendo de negociar a ligação a

⁴ GIDDENS, Anthony — *Modernidade e Identidade Pessoal*, pp. 2, 3, 6, 7, 16, 25, 31, 39, 42, 51, 90, 97, 99, 106, 109, 126,

⁵ DURKHEIM, É. — *La Science Sociale et VAction*, Paris, P.U.F., 1970, pp. 265 e 271; GIDDENS, Anthony — *Modernidade e Identidade Pessoal*, p. 163.

uma organização religiosa e sendo obrigado a compor e a recompor o seu sistema de crenças. A secularização, enquanto autonomização das instituições e perda do monopólio da gestão do sentido por parte da religião, atinge o interior das próprias confissões religiosas. Ao mesmo tempo que se desinstitucionaliza a vida colectiva e se estendem as relações sociais, opera-se um esgotamento das organizações confessionais. Em virtude de tais transformações, termina o monopólio exercido, de forma exclusiva, por uma religião.

As pessoas passam a ser confrontadas com uma de duas posições extremadas: ou continuam a obedecer a padrões colectivos fornecidos pelas diversas confissões, ou, transformando-se o religioso em mercado livre onde conflituam vários concorrentes, ficam a sós face a questões de sentido. As crenças constituem-se em mundo fechado, desde que se esteja perante convicções profundas criadas mediante o processo de socialização, ou se confronte com incertezas na orientação através do mundo complexo de hoje. O homem actual não pode dispensar níveis mínimos de certeza ontológica e a busca desta pode orientar a conduta no sentido da religião. Mas as crenças tendem a tornar-se em geral abertas, com uma acomodação a representações e práticas de origem diferente, religiosas ou não religiosas.

Tendo em conta o grau de *ortodoxia*, a religião apresenta-se ora sob a forma *exclusiva*, com uma religiosidade *intensivo-fechada*, ora sob a forma *inclusiva*, com uma religiosidade *extensivo-aberta*. No primeiro caso, adopta-se, de forma total e exclusiva, o credo e as normas da religião a que se adere. A religião extensivo-aberta, essa encontra-se, quer entre os que integram valores de outras religiões, quer entre os que adoptam valores da cultura da sociedade civil. Estes participam de uma religiosidade mais difusa.

Na constituição e funcionamento da religião, como sistema simbólico, imperam, na verdade, duas lógicas diferentes. Uma é a lógica da inclusão, outra é a lógica da exclusão. Se, na lógica da inclusão, actuam os processos de associação e de integração, na lógica da exclusão, imperam os mecanismos de dissociação e de distinção. Se a lógica da exclusão procura inculcar um sistema de representações e de práticas específicas, a lógica da inclusão é sensível aos valores existentes na vida social. A ordem simbólica repousa sobre a existência e a imposição de estruturas estruturantes que são coerentes em si mesmas e adequadas a sistemas sociais objectivos. A incorporação de tais estruturas acaba por torná-las esquemas práticos de acção, mas com uma carga de normatividade diferente, segundo se trata da lógica da inclusão ou da lógica da exclusão.

Do ponto de vista do *empenhamento*, a religião apresenta graus diversos de integração e de intensidade, desde a identificação total à identiflca-

ção fraca ou até mesmo à total falta de identificação. A tendência vai no sentido da constituição de fracas identidades e de frágeis identificações.

A secularização, não já como processo de autonomização das instituições, mas como individuação da religião, é analisada actualmente de acordo com ópticas diversas. Ao lado dos que consideram o recuo da religião e a sua perda de influência sobre os diversos domínios da vida social, há os que a abordam na perspectiva de destruição do seu monopólio de interpretação e de atribuição de sentido à existência, e os que estudam a distância crescente dos indivíduos em relação aos modelos propostos pela Igreja, com a consequente diluição desta na organização do quotidiano de cada um, ou ainda os que consideram a manutenção de uma memória colectiva da religião.

A desinstitucionalização e a individualização da vida religiosa não trazem necessariamente uma erosão da religião em si mesma. A modernidade tende a trazer consigo uma outra forma de organização do campo religioso, embora com um certo recuo da religião institucional. Não será mais a questão da religiosidade institucional *versus* religiosidade pessoal que está em causa, mas uma outra modalidade de recomposição do campo religioso. Dada a coexistência de diferentes confissões, as crenças tendem a organizar-se de modo a integrar expressões diversas de religiosidade e tal recomposição atinge o campo religioso no seu todo. Vai-se operando uma transformação do contexto societal e, em simultâneo, tal fenómeno acaba por introduzir uma modernização das próprias organizações religiosas e um deslocamento do espaço que recobrem no passado.

Em consequência das mudanças verificadas a esses diferentes níveis, o cristianismo, com excepção de alguns gestos por parte de personagens mais proeminentes, parece continuar a perder a sua capacidade crítica e a força de relacionamento com os valores da humanidade que está sendo. Relativamente anemizado, permanece como fonte e agente de sentido, mas sem a garantia de que os seus pontos de vista se imponham de forma necessária. A transmissão da tradição religiosa revela-se extremamente frágil e os seus conteúdos são continuamente reformulados em função das situações existenciais. A individuação da religião afecta profundamente a maneira como se gere a herança religiosa e as modalidades da sua perpetuação através das gerações. Vai-se constituindo um denominador religioso comum que apaga as especificidades confessionais. Se a nível das instituições, existe uma orientação no sentido da especificidade e da autonomia, a nível das condutas, há um distanciamento crescente dos modelos propostos pelas Igrejas. As interpretações dadas por estas são cada vez menos dominantes à medida que avança a modernidade. O recuo da religião ligado às Igrejas é

contemporâneo da sua individuação. Trata-se mais de religiosidade do que religião e aquela, enquanto assunção subjectiva desta, assume formas plurais.

4. A fragmentação da vida social e a centração na individuação são simultaneamente a fonte e o resultado de um acentuado antropocentrismo. O desenvolvimento das sociedades actuais, consubstanciado naquelas tendências, apresenta configurações politeístas. A defesa feita por Bazílio Teles de uma imanentização da religião, em substituição da sua tradicional transcendentalização, assenta no suposto de que a "religião sem um deus pessoal, como o transcendentalismo o imaginou, não é impossível; mas é-o sem o divino impessoal do imanentismo". Uma perspectiva muito próxima surge em Fernando Pessoa, quando observa que a maioria dos jovens do seu tempo escolheu a humanidade como sucedâneo de Deus. Existe uma real correspondência entre a experiência humana e o politeísmo. Partindo da afirmação de John Stuart Mill, de que caso alguém se coloque no "terreno da esperança pura não se chega a um deus", Max Weber observa que em sua "opinião menos ainda se chega a um deus da bondade, e se por acaso se chega a algo é mais ao politeísmo". No mundo contemporâneo, experencia-se uma "pluralidade de sequências de valores", competindo a cada um "eleger quais destes deuses quer e deve servir, em que momento a um e em que momento ao outro", "encontrando-se sempre em luta com algum dos outros deuses deste mundo" ⁶. O homem, perdendo, em grande parte, o sentido religioso próprio da sociedade tradicional, resultante da sua situação criatural assumida de forma mais ou menos consciente, vê-se confrontado com valores antagónicos.

Analisando o decurso das sociedades modernas, o sociólogo alemão aborda a questão do politeísmo dos valores, que se apresenta sob a forma de "poderes impessoais". Constatando que "nenhuma grande religião mono-teísta pode evitar concessões ao politeísmo", afirma que aquele politeísmo revela a "batalha que entre si travam os deuses dos vários sistemas e valores". A situação é radicalmente nova na história da humanidade. Em seu entender, "a vida, na medida em que repousa em si mesma e por si mesma se compreende, apenas conhece essa eterna luta entre deuses; ou, falando sem imagens, a impossibilidade de unificar os diversos pontos de vista que, em última análise, *se podem* ter sobre a vida e, conseqüentemente, a impos-

⁶ TELES, Bazílio — *A Questão Religiosa*, Porto, Livraria Moreira — Editora, 1913, p. 59; PESSOA, Fernando — *Livro do Desassossego*, Lisboa, Europa-América, 1986, p. 47; WEBER, Max — *Escritos Políticos*, México, Fólíos Ediciones, 1984, pp. 33-34.

sibilidade de resolver a luta entre eles e a necessidade de optar por um ou por outro" ⁷. As divindades do passado cedem, progressivamente, o lugar aos valores e aos diferentes pontos de vista individuais. Cada valor, fundado na subjectividade, constitui-se em potência divina ou diabólica.

Existe uma clara distinção entre o politeísmo do passado e o que é corrente na actualidade. Se o politeísmo das religiões tradicionais é transcendentalista, o politeísmo dos valores da modernidade tardia é imanentista. Aquele é aberto aos outros, na sua descentração de si, enquanto este se concentra no interesse individualístico, sem pretensões de universalidade. O politeísmo antigo implica uma experiência religiosa. O politeísmo dos valores aparece como a consequência da racionalização da ordem temporal e do fechamento dentro dos seus limites visíveis.

A racionalização não é, contudo, necessariamente desencantadora. O "vasto processo de 'desencantamento' do mundo" é suscitado pelo crescente pluralismo dos valores, imputável à "racionalização intelectualista", esta forma moderna de conceber a racionalidade. Por toda a parte, a racionalização desencadeia o desencantamento do mundo, transformada em mecanismo causal. Com tal racionalização, não existem mais, em torno da vida das pessoas, "poderes ocultos e imprevisíveis". Muito ao contrário, "tudo pode ser *dominado através do cálculo e da previsão*". Isto significa simplesmente que se exclui o mágico do mundo". Nos diferentes domínios da realidade, "os diversos sistemas de valores existentes travam entre si um combate sem solução possível". Na busca de um mundo dotado de sentido, o homem dá-se "*conta, por si mesmo, do sentido último das suas próprias acções*" ⁸. O politeísmo dos valores traduz uma situação de fragmentação dos universos simbólicos. Nos diferentes domínios, imperam leis e lógicas internas próprias. A par de uma diferenciação das actividades sociais, cada um reivindica a sua própria autonomia, mesmo na construção do sentido. O quotidiano racionalizado é assim reencantado com o politeísmo dos valores.

5. As transformações em curso, quer a nível da autonomização institucional, quer a nível da pluralização dos universos simbólicos, conduzem a uma recomposição do campo religioso.

⁷ WEBER, Max — *O Político e o Cientista*, Lisboa, Editorial Presença, s/d, pp. 174, 175, 176, 180 e 181; Max Weber, *Sociologie des Religions*, Paris, Gallimard, 1996, p. 268.

⁸ WEBER, Max — *L'Éthique Protestante et l'Esprit du Capitalisme*, Paris, Plon, 1981, p. 122, 144 e 193; WEBER, Max — *O Político e o Cientista*, pp. 157-158, 158-159, 161, 174, 180, 181, e 185; WEBER, Max — *// Método delle Scienze Storico-Sociali*, Torino, Einaudi, 1958, p.332.

O processo de secularização, que tem vindo a ocorrer nas sociedades ocidentais, confere ao campo religioso uma maior especificidade. A formação deste campo, através da história, é sempre acompanhada de uma moralização e de uma racionalização das necessidades religiosas e tal racionalização aparece associada à formação de um corpo sacerdotal. Vários factores actuam neste caso particular, com destaque para o problema do sentido da existência, que a perspectiva racionalista põe em evidência. Observa Max Weber que "as racionalizações e 'aprofundamentos na intimidade' do religioso, isto é, especialmente a introdução de normas e de mandamentos éticos, a conversão de deuses em potências éticas que querem e recompensam o 'bem' e que castigam o 'mal' e que, por isso, devem ater-se às exigências morais; finalmente, o sentimento da 'culpa' e o anelo de 'salvação' desenvolveram-se quase sempre em paralelo com um certo progresso do trabalho industrial e quase sempre em paralelo com um certo desenvolvimento das cidades". Mas este fenómeno não esgota a causalidade do fenómeno. A racionalização do religioso, se tem a ver com as condições económicas e sociais, tais condições aparecem apenas como "vias de desenvolvimento", pois aquela racionalização "encontra-se sobretudo relacionada com um certo desenvolvimento da educação especificamente sacerdotal" ⁹. Múltiplos processos operam na normalização da vida religiosa, com destaque para a sua crescente racionalização.

O campo religioso é entendido por Pierre Bourdieu como o espaço em que diversos agentes "lutam pela imposição da definição legítima tanto do religioso como das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso". Este campo tem vindo a ser cenário de uma profunda recomposição. Está em vias de desenvolvimento "uma redefinição dos limites do campo religioso", à medida que se opera "a dissolução do religioso num campo mais largo" ¹⁰. Após a generalizada secularização, vem ocorrendo um processo de difusão do religioso na vida social. Deixou de se dar a concentração do religioso apenas em específicas instituições. Ele transborda destas, sob formas diluídas.

Duas alterações profundas deste campo chamam, desde logo, a atenção. Se por um lado, a religião, em resultado da segmentação da sociedade, constitui um campo próprio com a sua lógica particular, por outro, deixa, em princípio, de ser fonte de criação de sentido para os outros campos. Cada domínio da realidade é portador do seu próprio sentido, com a recusa ou a

⁹ WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1964, II, p. 909.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre — "La dissolution du religieux", in *Choses Dites*, Paris, Minit, 1987, pp. 117, 118 e 120.

limitação da influência religiosa. É a reivindicação e a defesa da autonomia que separam as áreas de influência.

Quando de fala de uma ausência de agressividade nas relações entre a religião e a sociedade ou entre a Igreja e o Estado, é necessário ter em conta as mudanças que se operaram no interior de cada um destes domínios. Por um lado, a religião tem vindo a perder o seu carácter dogmático e a revestir-se de uma roupagem de humanismo e de humanitarismo, ao mesmo tempo que a vontade de aproximação entre as diversas denominações cria a sensação de que todos os credos são equivalentes. A sociedade, por sua vez, é um campo alargado de universos simbólicos perfeitamente compatível com manifestações religiosas. O antagonismo conhecido no passado apaga-se numa situação de relativo ecletismo.

O fim do monopólio da religião por parte de uma instituição arrasta consigo alguns fenómenos correlativos: a pulverização dos actores que trabalham neste campo, a redução da influência da religião a âmbitos mais restritos e a necessidade que tem o indivíduo de construir a sua identidade religiosa, uma vez que esta não é dada à partida de forma confessional e, por isso, colectiva.

A osmose que se observa actualmente entre as diversas confissões explica o processo de protestantização do catolicismo em curso nas sociedades actuais. Novas crenças e outros valores são dados a conhecer às pessoas, ao lado dos que vêm do passado dentro de cada confissão. As fronteiras do próprio campo religioso tornam-se extremamente fluídas, na sua abertura à cultura do meio. Porque, no entender de T. Luckmann, "a religião de tipo eclesiástico se tornou um fenómeno marginal na sociedade moderna", não há organização religiosa que detenha o monopólio na regulação das crenças e das práticas religiosas e sociais. O campo religioso, não sendo mais controlado por uma única confissão, está aberto ao pluralismo e à concorrência. Há, hoje em dia, segundo Pierre Bourdieu, "novas formas de luta pelo monopólio do exercício da competência legítima", que se exprimem em "lutas pela manipulação simbólica da conduta da vida privada e pela orientação da visão do mundo". Trata-se de um tipo de concorrência nova entre agentes religiosos pela "redefinição dos limites da competência"¹¹. Esta é uma consequência do crescimento e da expansão da religião difusa e do alargamento do campo.

Cada tradição religiosa fragmenta-se, por sua vez, em várias tendências, permitindo aos indivíduos a escolha. A privatização da vida é con-

¹¹ LUCKMANN, Thomas — *La Religione Invisibile*, Bologna, Il Mulino, 1969, p. 41; BOURDIEU, Pierre — "La dissolution du religieux", *O. c.*, pp. 118, 119 e 120.

temporânea do apagamento dos seus controlos colectivos. A perda do monopólio é correlativa do pluralismo interno e externo à confissão. Se o indivíduo constrói a sua identidade, cada confissão tem uma particular dificuldade em controlar as crenças e as práticas. Acresce o facto de que a polissemia da linguagem religiosa, se permite a sua recepção por pessoas que ocupam posições diferentes no espaço social, opera também uma reconstrução individualizada do *corpus* teológico e moral. No entender de Pierre Bourdieu, a crise da instituição religiosa é a crise do discurso ritual, na medida em que "a crise da linguagem reenvia assim para a crise dos mecanismos que asseguravam a produção dos emissores e dos receptores legítimos". Acrescenta, contudo, o mesmo autor que "a crise da linguagem religiosa e da sua eficácia performativa não se reduz, como se pensa muitas vezes, ao desmoronamento de um universo de representações; ela acompanha a destruição de todo um mundo de relações sociais, de que era constitutiva"¹². Não está unicamente em causa o carácter dos enunciados performativos e a performatividade do discurso ritual. Também a ordem social hierarquizada, que sustenta as práticas religiosas, se encontra arruinada. Não existe mais uma ortodoxia e uma ortopraxia comuns, totalmente controladas pelas Igrejas. A crescente desnortização é correlativa da polissemia dos conteúdos doutrinários.

Emergem, desde então, novas formas de religiosidade e, com elas, altera-se o campo religioso, cujo conhecimento não se satisfaz unicamente com o estudo das suas formas simbólicas. Este pluraliza-se e, com o processo de individuação, reduz-se a capacidade de controlo dos diversos actores que nele actuam. Desenvolve-se um corpo de especialistas orientados para a gestão dos bens de salvação. É indispensável atender aos interesses específicos dos produtores das mensagens e às estratégias postas em prática nas suas lutas. A constituição de instâncias de produção, de reprodução e de circulação de bens religiosos é acompanhada de um processo de sistematização e de moralização das representações e das práticas religiosas. Chega-se assim à monopolização dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, com desapossamento de todo o capital religioso por parte dos leigos. A vida religiosa passa a obedecer a "princípios racionais sistemáticos" sob "a influência do racionalismo profissional dos sacerdotes ou da tendência geral dos homens para uma ordem racional". O capital religioso é concentrado nas mãos de um grupo especializado, produzindo-se uma oposição entre auto-consumo religioso *versus* monopolização completa da produção religiosa por especialistas. Com a constituição de um campo

¹² BOURDIEU, Pierre — *Ce que Par ler Veut Dire*, Paris, Fayard, 1982, pp. 117 e 119.

mais vasto de manipulação simbólica, estende-se esta gestão, como observa Pierre Bourdieu, aos "profissionais da cura psicossomática que fazem moral acreditando que produzem ciência" ¹³. Os gestores do sagrado promovem entre si relações de concorrência e introduzem dinâmicas que acabam por arrastar consigo mudanças no próprio corpo dou-trinal.

Assiste-se, por outro lado, a um processo de recomposição da religião, com um redesdobramento sob as suas formas social e individual. O campo religioso complexifica-se e os actores religiosos, com a perda do monopólio de gestão dos bens de salvação, podem orientar-se segundo uma de duas modalidades típicas de acção. Actuando lógicas de exclusão, produzem e reproduzem modelos conformes aos conhecimentos e às práticas específicos de uma dada confissão, ao preço porventura da redução do número dos seus aderentes. Seguindo, em alternativa, a lógica da inclusão, atendem aos valores produzidos na vida social, adoptando ou aproximando-se de modalidades humanistas de religião. A metamorfose da religião será mais profunda neste segundo caso.

Ambas as lógicas levam, no entender de Max Weber, à inculcação de um "*habitus* especificamente religioso", constituído em princípio gerador de percepções, de pensamentos e de condutas conformes às normas de uma representação religiosa do mundo. Mas quando se pretende constituir um "*habitus* total religioso" como "*habitus* total pessoal", haverá um esforço maior e uma conformação mais exigente no sentido da lógica da exclusão. A razão é simples. Segundo É. Durkheim, existem meios sociais em que "as superstições populares estão misturadas com os dogmas mais refinados. Nem o pensamento nem a actividade religiosos estão igualmente repartidos na massa dos fiéis: de acordo com os meios, as circunstâncias, tanto as crenças como os ritos são sentidos de maneiras diferentes". A posição de Max Weber não parece ser diferente. Este autor pensa que "a separação não se realiza de maneira nítida em nenhuma parte, pois o ritual "religioso" contém quase sempre ingredientes mágicos", que mais não seja pela sua linguagem performativa. Particularmente nas classes populares, a "religiosidade ética permanece no terreno de um rigoroso formalismo, numa relação de *do ut des* face ao deus e ao sacerdote". Na perspectiva weberiana, "este carácter adere à religiosidade quotidiana das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões" ¹⁴. O sistema religioso é então mar-

¹³ WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, I, p. 341; Pierre Bourdieu, "La dissolution du religieux", *O. c.*, pp. 120 e 121.

¹⁴ WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, I, pp. 344, 345, 378, 423 e 424; II, p. 897; DURKHEIM, É. — *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, p. 7.

cado pelo formalismo e pelo ritualismo. Há uma estreita relação entre a estrutura da sociedade e a estrutura das representações sociais e religiosas. Os que produzem e difundem as crenças religiosas e lhes procuram dar expressão na vida social desenvolvem estratégias normalmente em concorrência. Os seus interesses religiosos manifestam-se sob a forma de monopólio da gestão de bens de salvação junto das camadas sociais interessadas nos seus serviços. O monopólio é acompanhado do esforço da sua legitimação como acção exclusiva.

Se o campo religioso vem adquirindo uma relativa autonomia também se tem cada vez mais complexificado. A valorização dos sinais distintivos e da pertinência das doutrinas acompanha a vontade de definir a originalidade da comunidade, lutando contra todo o indiferentismo e impedindo a acção das religiões concorrentes. A Igreja procura assegurar um monopólio — *extra ecclesiam nulla salus* —, tentando impedir a entrada das seitas no campo religioso ou, pelo menos, fazendo um esforço para que a sua influência seja mínima.

A recomposição do campo religioso, como resultado da perda do monopólio confessional de gestão dos bens de salvação e da redefinição destes mesmos bens em função das próprias necessidades e aspirações dos seus aderentes, é também operada através da transformação dos tipos de crenças e das modalidades das suas manifestações. Este facto não é sem consequências práticas. No que diz respeito aos reais ou possíveis aderentes, as crenças distribuem-se segundo um contínuo que vai desde a crença em um Deus pessoal ao radical ateísmo, passando por um deísmo e pelo humanismo que reconhece que Deus não é mais do que aquilo que de melhor existe no homem. As modalidades de religiosidade concernem às formas de relacionamento com as instituições religiosas, tanto em termos de crenças como de práticas. Acentua-se a oposição entre a religiosidade exclusiva ou intensivo-fechada e a religiosidade inclusiva ou extensivo-aberta.

A uma religiosidade intensivo-fechada está associada normalmente um alto grau de prática. Na ausência desta, subsistem formas de crença pragmáticas e difusas, ou muito raras, com a organização religiosa. Com o pluralismo, surgem ofertas religiosas cristãs e não cristãs que emanam de grupos ou de movimentos menos organizados do que as Igrejas. O campo religioso constitui-se em mercado mais alargado e desenvolve-se uma religiosidade difusa.

6. A questão da origem do mal aparece, através do tempo, como uma interrogação sobre o sentido da existência humana. As sociodiceias próprias de cada camada social constituem-se também em teodiceias adequadas. As

"camadas negativamente privilegiadas" sentem "a necessidade racional de uma teodiceia do sofrimento — e da morte". Esta teodiceia pode aparecer revestida de "ressentimento". Face à privação relativa, as camadas sociais inferiores necessitam de uma "transfiguração religiosa do sofrimento", mostrando-se abertas ao advento de um salvador. De facto, a "teodiceia dos negativamente privilegiados" relaciona-se com a "religiosidade de retribuição". Ao sofrimento estão ligadas "fortes esperanças de retribuição". Trata-se de uma religião de salvação, no sentido de futura retribuição. Segundo Max Weber, a "teodiceia dos negativamente privilegiados é uma parte integrante, de qualquer forma, de toda a religiosidade de salvação". As "camadas positivamente privilegiadas", ao contrário, buscam uma teodiceia da sua boa fortuna, construindo uma "teodiceia da felicidade". A sua salvação opera-se na acção temporal e o seu êxito traduz uma qualidade superior perante Deus. A preocupação com o destino depois da morte manifesta-se nas "camadas socialmente privilegiadas" como algo que obedece à "lei da utilidade marginal", depois de cobertas as necessidades próprias desta vida. A razão está em que "toda a necessidade de salvação é expressão de uma 'indigência'" ¹⁵. Se as situações de carência produzem o ressentimento e a vontade de compensação, as estruturas de monopólio ou de suficiência postulam uma adequada legitimação.

As pessoas situam-se, de forma diversa, face à mensagem religiosa. Diferente é a forma moderna de racionalização "da imagem do mundo e do modo de vida" em cada camada social. Uma é a "religiosidade de virtuosos", outra a "religiosidade das massas". Enquanto estas tendem a radicar o sentimento religioso no sofrimento e experimentam, com frequência, o ressentimento em relação às outras camadas sociais, os virtuosos sentem-se eleitos nesta vida e no além da morte. O intelectual "é quem inventa a concepção do 'mundo' como um problema de 'sentido'" ¹⁶. A teodiceia em cada uma das situações é construída a partir da situação existencial e exprime-se de acordo com modalidades específicas.

Qualquer quer seja a situação, parece que se desenvolve uma orientação no sentido da "racionalização prática da vida". O desencantamento do mundo é correlativo da tendência para a "racionalização da conduta da vida". A modernidade é definida por Max Weber como um processo de racionalização

¹⁵ WEBER, Max — *Essais de Sociologie des Religions*, I, pp. 29, 31 e 34; WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, I, pp. 389, 393, 395, 397, 398, 399, 401 e 413; WEBER, Max — *Sociologie des Religions*, pp. 338 e 343.

¹⁶ WEBER, Max — *Essais de Sociologie des Religions*, I, pp. 41 e 50; WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, I, p. 403.

zação. As sociedades ocidentais, na leitura que delas é feita por este sociólogo, são levadas a "racionalizar a imagem do mundo" e, em consequência, a desenvolver uma "tendência para o racionalismo *prático* do modo de vida" ou "racionalização metódica da existência". Este racionalismo atinge as diversas camadas sociais, com expressões próprias em cada uma delas. Se as "camadas negativamente privilegiadas" procuram uma "teodiceia racional do infortúnio", as "camadas positivamente privilegiadas" constroem uma teodiceia adequada ao seu sucesso, atribuindo "à religião a função de 'legitimar' o seu próprio estilo de vida e a sua situação". Ambas tendem a "racionalizar eticamente o mundo", em obediência a um mesmo "ascetismo orientado para o mundo, *ascetismo intramundano*"¹⁷. As últimas encontram no sucesso temporal uma comprovação da sua eleição. As camadas sociais que não são privilegiadas tendem a buscar no Além a felicidade que não encontram na vida presente. A mensagem religiosa exerce, por isso, sobre cada camada social um efeito simbólico de mobilização diferente. Em cada um dos casos, é recebida de acordo com as aspirações e as necessidades de justificação próprias de situações diversificadas na estrutura social.

A mensagem religiosa, com base na presente análise, é necessariamente reinterpretada pelas pessoas segundo os contextos de vida em que se situam. Os indivíduos, nesses contextos, são "portadores ideológicos de uma ética ou doutrina de salvação que se harmonizava muito bem com a sua situação social". Max Weber observa que "certas 'afinidades electivas' são perceptíveis entre as formas de crença religiosa e a ética profissional"¹⁸. Com a recomposição do campo religioso, nas actuais sociedades, estar-se-ia perante uma procura de bens de salvação a partir de posições sociais diferentes. Do mesmo modo, o ir ao encontro das pessoas implicará que a organização religiosa atenda às necessidades sentidas nas respectivas posições sociais.

As crenças e as práticas religiosas mudam, na verdade, de harmonia com as funções que são chamadas a desempenhar junto dos grupos sociais. A sua importância tende a variar, na significação e na função, de harmonia com esses grupos. Há uma certa relação entre procura e oferta de bens de salvação, com a tendência para uma constante readequação.

¹⁷ WEBER, Max — *Essais de Sociologie des Religions*, pp. 41, 42, 45, 53, 56, 58 e 86; WEBER, Max — *Sociologie des Religions*, p. 341; Max Weber, *Economia y Sociedad*, I, pp. 393, 426 e 429; WEBER, Max — *VÉthique Protestante et VEspirit du Capitalisme*, Paris, Plon, 1981, pp. 160, 175, 178 e 201.

¹⁸ WEBER, Max — *Economia y Sociedad*, I, p. 408; Max Weber, *VÉthique Protestante et VEspirit du Capitalisme*, p. 107.

7. Em resultado do conjunto de mudanças em curso, assume especial relevo o tema da identidade religiosa. Se cresce a individuação e a religião se converte em mercado, para além do sistema simbólico em si mesmo, há que atender aos actores que disputam esse mercado. Sendo o campo religioso difuso objecto de disputa, a identidade religiosa, no seu processo de formação e de afirmação, torna-se cada vez mais problemática. A construção da identidade religiosa deixa de ser fortemente apoiada do ponto de vista institucional, como acontece no passado, em virtude da crescente individuação da religião.

A identidade passa a ser marcada progressivamente pelo grau de identificação. Em relação ao universo simbólico de uma concreta confissão religiosa, poder-se-ão encontrar algumas situações distintas de identificação. Quando existe uma perfeita conformidade de pensamento e de conduta dos indivíduos com a comunidade religiosa, produz-se uma forte *identidade confessional*, com uma identificação total. Sempre que há uma identificação parcial, existirá também uma simples *identidade religiosa*, não confessional, com uma conformidade meramente relativa. As pessoas em causa dizem pertencer a uma concreta denominação (por exemplo, católica ou protestante), mas, na prática, são meramente crentes ou religiosas, sem se importarem com o grau de conformidade com a crença do grupo. Na ausência de qualquer conformidade, existe uma *não identidade* religiosa. É a situação dos *sem religião* e dos ateus.

Na base da mudança de configuração da identidade confessional, está a alteração das estruturas que servem de base à memória colectiva. A construção da identidade associa-se aos processos da sua transmissão, desde logo, no agregado familiar. A identidade confessional assenta, em grande parte, na tradição da família e numa experiência vivida no interior do lar. Ora a família não é mais um espaço de socialização religiosa. Se cada campo do social obedece a regras próprias e é gerador de um sentido específico, e se o sentido gerado no campo religioso não se estende aos demais campos, ao indivíduo fica reservada a tarefa de organizar as suas representações do mundo e de decidir as suas escolhas. Com a individuação das crenças, compete a cada um a escolha dos seus valores e das suas normas. Numa situação de pluralismo cultural, o indivíduo debate-se sozinho com as questões de sentido. É forçado a construir o seu próprio sistema de crenças, sendo esta construção que dita, por sua vez, o tipo e o grau de ligação às confissões religiosas.

O estudo das identidades revela que se torna cada vez mais difícil dar um conteúdo específico a uma confissão. A identidade confessional não é

mais evidente, nem se manifesta de forma massificada. A construção de uma identidade religiosa faz-se com a utilização de elementos de uma tradição religiosa e de elementos de outros campos simbólicos. Em tal situação, embora as pessoas continuem a declarar-se ligadas a uma confissão religiosa, desconfeccionaliza-se o seu sentimento religioso. Este pode constituir-se à margem da confissão a que se reportam os indivíduos. Na construção da identidade, há uma auto-definição face a uma pluralidade de possíveis modelos fornecidos pelas instâncias fornecedoras de sentido. Os indivíduos passam a ter um papel importante na elaboração da sua identidade religiosa, sem se limitarem a recebê-la passivamente das instituições que têm por função produzi-la e a transmiti-la.

Tem-se vindo a operar um crescente apagamento das identidades confessionais e o aparecimento de um sentimento religioso difuso. O desaparecimento da identidade confessional é contemporâneo da formação de uma identidade religiosa individual. A questão da identidade confessional levanta, desde então, o problema da agregação de identidades religiosas individuais. A homogeneização do sentimento religioso anda associada à falta de coincidência entre pertença confessional e religião individual.

Além da família, que se torna incerta, a prática religiosa é um dos principais factores que estão na base da construção da identidade confessional e um dos sinais da importância que se atribui à religião na vida quotidiana. Por todo o lado, ela está em acentuada queda. Thomas Luckmann considera "a prática religiosa como o índice principal da religiosidade orientada eclesiasticamente"¹⁹. As associações religiosas não congregam nem exercem a influência, com a intensidade e o alcance que possuíam no passado. Têm sido estas as estruturas que criam o ligame identitário. Entrando em crise, o referencial confessional perde importância na construção da identidade individual e social. Esta deixa de se transmitir de forma automática. A prática religiosa é um indicador, na medida em que se relaciona com o grau de integração. Os que praticam regularmente são os que atribuem maior importância à religião na sua vida e se sentem mais ligados às Igrejas. A sua ausência ou a sua irregularidade são sinal de que a crença se tornou individual. A prática religiosa indica apenas o grau de pertença, sem introduzir qualquer distinção entre crentes e não crentes. A diferença está em que a crença dos não praticantes é mais construída individualmente, enquanto a outra é sobretudo tutelada pelas Igrejas. Mas mesmo esta possui, nas sociedades actuais, uma nova significação.

¹⁹ LUCKMANN, Thomas — *La Religione Invisibile*, p. 25.

Poderá aventar-se a hipótese de que será entre os agricultores que se mantém uma tradição religiosa mais vincada. Nestes meios, conserva-se uma prática com níveis mais elevados e, por isso, a identidade confessional será mais forte. Nos restantes meios e em relação a outras categorias profissionais, verifica-se uma erosão da prática e uma diluição da identidade confessional, e uma maior difusão da identidade religiosa difusa.

O crescente apagamento das identidades confessionais tem a ver, por isso, com a autonomia da crença individual. Trata-se de movimentos correlativos. A homogeneização do sentimento religioso anda acompanhada da perda do controlo das confissões religiosas sobre a vida das pessoas, e essa perda ocorre no meio de transformações mais vastas operadas nas sociedades de hoje. Aquele apagamento está ainda associado ao relativismo criado pelo pluralismo cultural e religioso. Com a individuação da religião, as confissões têm dificuldade em transmitir uma identidade diferenciada, diluindo-se, em consequência, os seus contornos. Constitui-se um sentimento religioso difuso, que não conhece fronteiras institucionais precisas. Revela-se, deste modo, a incidência das transformações operadas nas sociedades sobre a existência das pessoas. A forte segmentação da organização social altera as relações dos indivíduos com a ordem social e com os universos mentais que lhe são próprios, obrigando a redefinir igualmente as representações e as normas religiosas.

8. Procurou-se traçar acima um quadro de algumas tendências que acompanham, na actualidade, o fenómeno religioso, nomeadamente nas sociedades ocidentais. Embora não se pretenda proceder, de forma expressa, a um estudo comparativo, nem seja esse o objectivo, não se pode deixar de tentar captar o seu sentido mais geral. Será que, em Portugal, o fenómeno se reveste de idênticas particularidades?

O universo em estudo é constituído pelo concelho de Felgueiras, distrito do Porto, dividido, do ponto de vista pastoral, em duas vigariarias, com um total de 33 freguesias. A região está envolvida num crescente processo de industrialização de carácter bastante difuso, sem, no entanto, perder radicalmente a ligação ao mundo rural.

Teria sido importante proceder a um estudo idêntico em algumas freguesias da cidade do Porto, para se poder estabelecer uma comparação entre os dois meios (Porto e Felgueiras) e, desse modo, medir o grau de erosão das práticas e das representações religiosas. Ainda que tentado, tal propósito não encontrou aceitação por parte de agentes pastorais.

Sendo a prática religiosa um forte indicador da adesão a uma religião orientada pelo clero, será importante começar por saber como se apresenta a frequência dominical na região em estudo. Procedeu-se, em 1 e 2 de Março de 1997, por iniciativa e orientação exclusivas dos párocos das respectivas freguesias, a um recenseamento da prática dominical. Aos participantes na missa vespertina de sábado, dia 1, e nas missas celebradas no domingo, dia 2, era perguntado se comungavam. As percentagens de frequência são encontradas, de acordo com os objectivos pretendidos, quer com base nas presenças efectivas, quer com base nos dados do INE, do Censo de 1991.

Algumas observações se impõem previamente, de modo a permitir uma interpretação correcta dos resultados obtidos. As percentagens parecem apresentar certas distorções, nem sempre, por isso, em total correspondência com a realidade.

8.1. Os Quadros I e II possibilitam uma leitura diferente do mesmo fenómeno. Enquanto o Quadro I dá a conhecer a conduta religiosa dos assistentes em relação à totalidade da população de cada paróquia (comungantes e missalizantes sobre o número dos residentes), o Quadro II considera o comportamento dos participantes em si mesmos. O primeiro traduz níveis de secularização, como esta vem sendo entendida, e o segundo afere o grau de empenhamento por sexo (comungantes) e por grupos etários (missalizantes). As duas abordagens completam-se.

O grau de adesão religiosa e de eventual empenhamento é dado, de modo particular, pela participação na comunhão. Os actores desta participação não se limitam a uma assistência mais ou menos passiva. É de supor que entre eles exista uma mais estreita ligação à Igreja e uma mais viva identidade confessional.

8.2. Não se sabe quantas das pessoas que, tendo assistido à missa ao sábado, repetem a prática ao domingo. Algumas poderão certamente ter participado nos dois dias. Na proporção em que o tenham feito, assim fazem descer a percentagem dos praticantes em relação aos não praticantes.

8.3. O inquérito foi aplicado em 1 e 2 de Março de 1997, dias correspondentes ao 3.º Domingo da Quaresma. Tratando-se de uma época de intensa actividade pastoral, será lógico pensar e esperar que as percentagens tendam a traduzir a frequência mais elevada ao longo do ano, tanto de missalizantes como de comungantes, e não a frequência normal.

QUADRO I — Prática Religiosa

Em percentagem

Paróquias ²⁰	Comungantes/missa ²¹		Total	Participantes/missa ²²		Total
	Homens	Mulheres	H+M	Homens	Mulheres	H+M
Airões	31,25	47,25	39,25	43,30	56,60	49,95
Caramos	9,00	14,70	11,85	16,50	31,00	23,75
Friande	15,70	27,50	21,60	33,30	43,00	38,15
Idães	18,30	39,50	28,90	41,60	62,60	52,10
Jugueiros	9,90	15,80	12,85	23,90	37,50	30,70
Lagares	16,10	30,50	23,30	32,50	51,00	41,75
Macieira da Lixa	20,90	31,50	26,20	36,40	49,40	42,90
Margaride	17,50	32,50	25,00	38,90	52,90	45,90
Moure	27,80	47,50	37,65	49,10	67,20	58,15
Penacova (S. Martinho)	23,60	43,30	33,40	36,70	53,30	45,00
Pinheiro	30,70	41,30	36,00	49,40	70,00	59,70
Pombeiro	16,70	32,40	24,55	29,20	46,40	37,80
Regilde	18,40	35,30	26,85	31,10	46,10	38,60
Revinhade	30,70	51,10	40,90	47,70	65,70	56,70
Santão	45,30	82,60	63,95	104,80	154,20	129,50
Sendim	15,80	28,70	22,25	28,80	45,00	36,90
Sousa	16,40	31,70	24,05	29,30	45,60	37,45
Torrados	16,10	29,00	22,55	37,40	50,60	44,00
Varziela	—	—	35,00	39,20	57,80	48,50
Vila Fria	9,50	32,00	20,75	16,50	42,30	29,40
Vila Verde	18,50	38,40	28,45	35,80	54,50	45,15
Vizela (S.to Adrião)	14,60	28,80	21,70	22,90	38,70	30,80
Vizela (S. Jorge)	15,20	32,00	26,30	29,40	47,00	38,20

²⁰ O inquérito foi aplicado apenas nestas freguesias.

²¹ Nas percentagens dos que comungam, toma-se como base o Recenseamento Geral da População de 1991, por sexo. A percentagem específica seria construída com base no número de pessoas com mais de 7 anos, mas o INE não publica a população por grupos etários

²² Nas percentagens da assistência à missa, serve de base o Recenseamento Geral da População de 1991, por sexo. A situação é aqui idêntica.

8.4. Desconhece-se igualmente a quantidade de pessoas que, sendo de uma paróquia, assistem à missa em outra. O único caso em que se procedeu a tal contagem foi Margaride. Tal verificação permite saber que, das 3.153 presenças, 2.044 são da paróquia e 1.109 vêm de fora.

8.5. É incluída a participação religiosa nos diferentes lugares de culto distribuídos pelas respectivas paróquias.

8.6. As percentagens constantes do Quadro I foram construídas com base na população do Censo de 1991, que é de 51.248 residentes. As estimativas da população residente feitas pelo INE, em 31 -XII-1997, apontam para uma população do concelho de Felgueiras da ordem dos 55.110 residentes. O INE não faz estimativas para unidades de freguesia, pelo alto erro que isso comporta. Esta é a razão pela qual as percentagens são feitas sobre a população constante do Censo de 1991 e não sobre estimativas. A população, de acordo com aquela projecção, terá aumentado em cerca de 3.862 residentes, com um crescimento de 7,00%. Esta subida da população introduz alguns pequenos erros de cálculo.

Tendo em conta este crescimento populacional — e as demais razões acima invocadas — as percentagens constantes dos quadros I e II poderão estar relativamente inflacionadas.

8.7. Algumas paróquias apresentam uma situação bastante atípica. Uma delas é Santão. Nesta freguesia, verifica-se uma percentagem de 129,50% de missalizantes. O facto poderá explicar-se por motivos já enunciados: ou as mesmas pessoas assistem, em número considerável, à missa ao sábado e ao domingo; ou a igreja é, em grande proporção, frequentada por pessoas oriundas de outras paróquias; ou ter-se-á assistido a um significativo acréscimo de população. É provável que estes diferentes factores actuem, com oscilações próprias, em contextos idênticos de outras paróquias.

Poderá trata-se eventualmente de uma situação em que a igreja paroquial e as capelas auxiliares apresentem um carácter de "estação de serviço" religioso, com características de passagem. A comprová-lo parece estar o facto de haver aqui, como acontece ainda em Torrados, uma percentagem mais elevada de não comungantes em relação à dos comungantes. Existem lugares de culto, nas sociedades de hoje, que desempenham funções adequadas a certos consumos religiosos.

Outro caso atípico parece ser o de Caramos. Entre os participantes, a percentagem de comungantes é mais elevada nos homens do que nas mulheres, contrariando a tendência geral. Se se tiver em conta a população global

da paróquia, encontra-se aqui a mais baixa percentagem, quer de comungantes (11,85%), quer de missalizantes (24,30%). Também em Pinheiro, a percentagem dos comungantes homens é superior à das mulheres. A participação mais activa na missa, medida pela comunhão, é igualmente fraca em outros lados como Jogueiros, Idães (H), Margaride (H), Torrados (H) e Vila Fria.

Não é certo que a descida do número de missalizantes seja necessariamente acompanhada, de ordinário, de uma subida da participação eucarística. O raciocínio que fundamenta tal presunção é o de que a diminuição em quantidade possa ser compensada por uma subida em qualidade. Qualquer que seja o sentido do seu desenvolvimento, a participação na comunhão traduz normalmente uma mais forte adesão. As taxas de assistência à missa têm alguma relação com as percentagens dos que comungam, tanto a um nível elevado como a um nível mais reduzido. É de sublinhar igualmente o relativo equilíbrio entre missalizantes e comungantes em várias paróquias.

QUADRO II — Participação dominical por grupos etários

Em percentagem

Paróquias	Por o. n. sexo	Comungantes //missa		Idades dos missalizantes ²³						Total
		Sim	Não	9-14	15-24	25-39	40-54	55-69	+70	
Airães	H	72,00	28,00	19,70	18,00	20,60	22,20	15,00	4,50	100,0
	M	83,50	16,50	16,00	21,00	22,00	21,00	14,00	6,00	100,0
Caramos	H	54,50	45,50	24,00	27,30	12,30	18,90	13,00	4,50	100,0
	M	45,50	54,50	13,80	13,50	16,00	26,20	22,80	7,40	100,0
Friande	H	49,00	51,00	25,10	14,70	19,90	14,70	16,20	9,40	100,0
	M	64,00	36,00	21,00	15,00	23,00	19,00	15,00	7,00	100,0
Idães	H	44,00	56,00	29,00	16,00	17,00	15,00	15,00	8,00	100,0
	M	63,00	37,00	22,00	18,00	22,00	19,00	12,00	7,00	100,0
Jogueiros	H	39,00	61,00	26,40	14,70	16,90	16,90	16,90	8,20	100,0
	M	42,00	58,00	20,00	17,00	23,00	13,00	20,00	7,00	100,0
Lagares	H	50,00	50,00	27,00	15,50	19,00	15,00	16,00	7,50	100,0
	M	60,00	40,00	15,00	21,50	22,50	22,00	14,00	5,00	100,0
Macieira da Lixa	H	58,00	42,00	28,40	17,50	18,50	15,00	13,40	7,30	100,0
	M	64,00	36,00	22,20	19,10	18,50	16,10	18,10	6,00	100,0

²³ Seria importante saber como se distribuem as comunhões por idades, para se conhecer o grau da sua participação.

QUADRO II — (Continuação)

Em percentagem

Paróquias	Por Sexo	Comungantes /missa		Idades dos i nissalizantes						Total
		Sim	Não	9-14	15-24	25-39	40-54	55-69	+70	
Margaride	H	44,50	55,00	16,20	16,70	18,70	22,50	17,20	8,50	100,0
	M	61,50	38,50	14,80	18,00	20,30	23,80	16,30	6,80	100,0
Moure	H	57,00	43,00	26,10	20,40	14,30	20,00	9,60	9,60	100,0
	M	71,00	29,00	22,00	19,00	21,00	20,00	11,00	7,00	100,0
Penacova (S. Martinho)	H	64,00	36,00	25,70	18,70	21,20	14,20	14,20	6,00	100,0
	M	81,00	19,00	18,40	16,30	28,00	18,40	13,50	5,40	100,0
Pinheiro	H	62,00	38,00	35,00	10,00	18,00	15,00	15,00	7,00	100,0
	M	61,00	39,00	21,50	16,00	21,00	17,00	16,50	8,00	100,0
Pombeiro	H	57,00	43,00	23,00	19,00	23,00	16,00	13,00	6,00	100,0
	M	70,00	30,00	21,30	20,00	24,80	16,30	14,60	3,00	100,0
Regilde	H	59,00	41,00	23,30	19,00	11,40	19,00	16,30	11,00	100,0
	M	76,00	23,00	20,30	17,50	23,00	16,00	17,90	5,30	100,0
Revinhade	H	64,50	35,50	27,10	20,30	18,60	12,70	12,00	9,30	100,0
	M	78,00	22,00	19,20	21,60	22,80	18,00	11,40	7,00	100,0
Santão	H	43,00	57,00	18,10	21,20	22,50	19,20	15,00	4,00	100,0
	M	53,50	46,50	13,00	20,20	24,30	17,00	17,00	8,50	100,0
Sendim	H	55,00	45,00	33,00	18,40	12,30	12,30	13,60	14,40	100,0
	M	64,00	36,00	29,90	15,50	21,40	14,70	12,30	6,20	100,0
Sousa	H	55,80	44,20	43,60	8,40	19,50	11,00	9,70	7,80	100,0
	M	69,70	30,30	31,70	14,20	22,60	14,20	9,10	8,20	100,0
Torrados	H	43,00	57,00	32,00	12,00	17,00	13,00	18,00	8,00	100,0
	M	57,00	43,00	26,00	15,00	21,00	19,00	11,00	8,00	100,0
Varziela ²⁴	H+	71,50	28,50	20,70	18,60	22,70	16,50	14,50	7,00	100,0
Vila Fria	H	58,00	42,00	22,00	23,90	18,70	11,80	17,00	6,70	100,0
	M	75,00	25,00	17,00	20,40	25,40	16,40	13,30	7,50	100,0
Vila Verde	H	51,50	48,50	13,00	22,20	19,20	16,60	22,00	7,00	100,0
	M	70,50	29,50	19,00	15,00	18,00	18,00	20,50	9,50	100,0
Vizela (St. ^o Adrião)	H	64,00	36,00	30,30	20,50	13,00	12,70	19,30	4,20	100,0
	M	74,00	26,00	23,20	20,10	22,20	14,00	15,50	5,00	100,0
Vizela (S. Jorge)	H	52,00	48,00	23,00	12,10	19,00	20,30	9,40	16,20	100,0

²⁴ Os dados fornecidos não permitem a análise por sexo.

M	68,00	32,00	17,40	23,90	21,50	17,40	11,90	7,90	100,0
----------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	------	-------

Se se exceptuar Santão, por causa da sua atipicidade, a taxa de prática religiosa, nas paróquias consideradas, enquanto assistência à missa, é de 42,30%. A percentagem específica será ligeiramente superior. Ficam de fora 5 paróquias, com população superior a 1000 habitantes, em algumas mesmo superior a 2000, e outras 5 com população inferior a 1000 residentes. Em 1977, aquando do recenseamento da prática religiosa promovido pelo Episcopado Português, a mesma prática religiosa, para a totalidade do concelho de Felgueiras, era de 56,50% ²⁵. Não se podem comparar os valores, porque assentam em bases diferentes. Os dados agora obtidos, se se manter a mesma tendência nas paróquias que não foram recenseadas, revelam uma diminuição um pouco abaixo de 14,20 pontos percentuais e vão no sentido da tese clássica da secularização expressa no declínio das formas tradicionais de religião.

8.8. Existe alguma heterogeneidade no conjunto das paróquias, quanto aos comungantes por sexo. Situações existem, como Caramos e Pinheiro, em que esta taxa de prática dos homens excede a das mulheres. Mas, não obstante a baixa percentagem de missalizantes em Caramos, cerca de 50% dos que assistem à missa comungam e com a particularidade de haver um número superior de homens. Esta superioridade dos homens observa-se sobretudo nos grupos etários mais jovens, dos 15-24 e dos 25-39 anos. Noutras freguesias, há um elevado número de comungantes, com uma grande aproximação por sexo. Várias são as paróquias que podem servir de exemplo, como Friande, Jagueiros, Macieira da Lixa. Como norma geral, a participação feminina supera a masculina. A tendência, neste caso e a prazo, será para que a conduta religiosa das mulheres se aproxime progressivamente da dos homens, se esta se mantiver ou, *a fortiori*, se vier a descer ainda mais.

8.9. A relação entre comungantes e não comungantes apresenta, do mesmo modo, algumas regularidades. Em várias paróquias, constata-se uma certa superioridade dos comungantes. Em outros casos, verifica-se um relativo equilíbrio entre uns e outros. Mas existem também freguesias, onde se regista um número superior de não comungantes em relação ao dos comungantes. É sobretudo no sexo feminino que os comungantes levam vantagem sobre os não comungantes.

²⁵ SILVA, Augusto da — "Prática religiosa dos católicos portugueses", in *Economia e Sociologia*, n.º 25/26, 1979, p. 127.

Parte-se do suposto de que, nos diversos contextos em que a prática religiosa dos dois sexos se assemelha, haja uma acção pastoral mais adequada aos novos tempos. Nas situações em que a participação feminina é superior, a pastoral não fará porventura mais do que manter os costumes herdados do passado. Uma acção renovada será de molde a produzir uma maior proporção de comungantes, com níveis semelhantes por sexo.

8.10. Ignora-se a distribuição da participação eucarística por grupos etários, no interior da diferenciação por sexo. A distribuição poderá eventualmente não acompanhar, de forma equitativa, as taxas de prática. Se se atende aos missalizantes, encontram-se situações diferenciadas de conduta, possivelmente em correspondência com tipos de pastoral mais centrados ora sobre crianças, ora sobre jovens, ora sobre adultos.

Há paróquias em que a atenção parece orientar-se para os grupos etários mais jovens, visto serem estes os que revelam índices mais altos de participação. O maior desvio encontra-se em Sousa, no grupo etário dos 15-24 anos, com apenas 8,40% de praticantes. Na grande maioria das freguesias, a participação distribui-se, de forma bastante regular, pelos diversos grupos etários. As pessoas em idade de grande actividade profissional aparecem normalmente com certa vitalidade de prática. Nas paróquias de Moure, Sousa e S. Jorge de Vizela, no grupo etário dos 55-69 anos, as taxas de prática religiosa descem bastante.

8.11. Face à análise acabada de fazer, torna-se possível tipificar, desde já, três modalidades concretas de conduta religiosa:

— Forte associação entre crença e prática. A associação encontra-se entre aqueles que possuem uma vincada identidade confessional. São detentores de uma crença relativamente englobante, com influência determinante sobre a vida, tanto social como religiosa. Estar-se-á perante os que frequentam mais a igreja e comungam habitualmente, contando-se, entre eles, os mais empenhados.

— Relação oscilante entre crença e prática. Obedecem geralmente a um modelo de tipo *self-service* de religião. Tendem a seleccionar as crenças e as práticas, associando valores religiosos e sociais. As igrejas desempenham a função de "estação de serviço" para as suas necessidades espirituais. Estes frequentam com alguma regularidade a igreja, mas, como norma, não comungam ou fazem-no de modo intermitente.

— Total ausência de associação entre crença e prática. O universo mental e simbólico é constituído por representações oferecidas pela sociedade. As crenças religiosas tendem a pertencer ao domínio do passado. A sua actividade quotidiana desenrola-se num quadro existencial onde a religião não ocupa lugar ou o seu lugar é muito restrito. Constituem, em grande percentagem, os que não frequentam a igreja ou passaram a aderir a outras confissões. Neste último caso, haverá uma substituição de representações e de práticas religiosas.

Tendo em conta a tendência para uma crescente descoincidência entre quadro material da existência e universo simbólico, e entre práticas sociais e representações, muitas crenças poderão manter-se sem as adequadas práticas religiosas. Existe, por sua vez, a probabilidade destas se conservarem, sem que lhes correspondam as tradicionais representações. Tais desfazamentos, bastante correntes no mundo de hoje em diversos domínios da actividade humana, e com expressão nos modos de vida, revelam a ausência de redefinições religiosas, ou a redefinição de uma componente — simbologia ou prática — sem a outra. Na actualidade, é a ordem simbólica que está em vias de condicionar, cada vez mais, o funcionamento da realidade social.

9. Cerca de um ano separa a administração do inquérito sobre a prática religiosa do inquérito cujos resultados passam agora a ser considerados. O quadro da prática religiosa acima referido poderá ajudar a contextualizar a análise do mundo das representações e das atitudes reveladas através do inquérito aplicado entre 15 de Fevereiro e 15 de Março de 1998. Houve a intenção de não fazer coincidir o seu lançamento com um tempo de intensa vivência religiosa para não serem sobrevalorizados os seus resultados. Não se tem a certeza de que isso tenha sido conseguido em absoluto. Compreende-se facilmente que uma maior intensidade nas manifestações religiosas se traduza também por índices mais elevados de pensamento e de prática.

Será necessário começar pela caracterização da área em estudo, do ponto de vista sócio-económico. Trata-se de uma região altamente industrializada e de um dos principais pólos de atracção de emprego da região norte. Parece predominar, no entanto, a industrialização difusa.

QUADRO 3 — Principais pólos de emprego da Região Norte ²⁶

Variáveis — Concelhos	Porto	S. João da Madeira	Guimarães	Felgueiras	Viana do Castelo	Ponte da Barca
Pop. residente empregada	131 365	9 329	78 255	24 150	32 929	4 654
Saídas	23 614	1 775	6 505	2 361	2 507	290
Entradas	114 039	10 658	12 726	5211	4 265	1 068
Emprego	221 790	18212	84 476	27 000	34 687	5 432
% Emp. Sector Primário	0,3%	0,3%	2,7%	6,2%	12,0%	38,5%
% Emp. Sector Secundário	29,5%	68,8%	73,8%	74,0%	44,1%	31,5%
% Emp. Sector Terciário	70,2%	30,9%	23,5%	19,7%	43,8%	29,9%
Taxa Mob. Extra Concelhia	17,98%	19,03%	8,31%	9,78%	7,61%	6,23%
Taxa Mob. Intra-Concelhia	52,91%	—	51,03%	40,10%	44,20%	19,34%
Taxa Mobilidade Total	70,88%	20,21	59,34%	49,87%	51,81%	25,57%
Taxa bruta de atracção	51,42%	58,52%	15,06%	19,30%	12,30%	19,66%
Ratio Emp- Popul. P. R	1,688	1,952	1,079	1,118	1,053	1,167
Ratio Emprego (E-S)	90425	8 883	6 221	2 850	1758	778

74,00% exercem actividade profissional no sector secundário, facto que mostra que a região se encontra em estado de relativa industrialização. A agricultura apresenta-se como um sector em regressão. A terceirização da sociedade está em curso, como o revela a percentagem (19,70%) dos que trabalham neste sector.

Na região do Tâmega, é o concelho que apresenta o indicador mais elevado de crescimento natural (1981-1991), com um índice de 13.1 ²⁷. É uma zona, por isso, onde as taxas de natalidade são mais elevadas.

²⁶ PEREIRA, António Eduardo — "Emprego e deslocações casa-trabalho na Região Norte", in *Estatísticas e Estudos Regionais*, n.º 8, 1995, p. 18.

²⁷ BACELAR, Sérgio — "Estagnação, litoralização e envelhecimento na Região (1981-1991). Uma dinâmica com contrastes", in *Estatísticas e Estudos Regionais*, n.º 1, 1993, p. 25.

QUADRO 4 — Empresas com sede em Felgueiras ²⁸

	Frequência	Percentagem
Agricultura	172	3,50
Indústrias extractivas	5	0,10
Indústrias transformadoras	1.392	28,10
Construção	596	12,00
Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos	1.836	37,10
Alojamento e restauração	313	6,30
Transporte, armazenagem e comunicações	93	1,90
Actividades financeiras	86	1,70
Actividades imobiliárias	203	4,10
Administração pública, Educação, saúde, acção social, etc.	170	3,90
Outras	93	1,30
Total	4.954	,100,00

O tipo de empresas instaladas no meio ajuda também a compreender a vida da população. O comércio, a indústria transformadora e a construção são os sectores com maior número de unidades.

Na indústria transformadora, predomina a indústria do couro e dos produtos do couro. É no sector do calçado que se encontra principalmente a indústria difusa. Muito provavelmente, esta actividade é a que emprega os maiores contingentes de trabalho infantil. De acordo com o *Censo de 1991*, exercem actividade económica 794 pessoas com menos de 15 anos. Segue-se a indústria têxtil, com uma percentagem, do mesmo modo, relativamente elevada. A taxa de desemprego é bastante baixa: 2,60% de pessoas (H 2,30, M 3,10%), ligeiramente superior à taxa do concelho vizinho de Lousada (HM 2,30%, H 2,10, M 2,50%).

²⁸ XNE Anuário Estatístico da Região Norte, 1996.

QUADRO 5 — **Indústrias transformadoras com sede em Felgueiras** ²⁹

	Frequência	Percentagem
Indústrias alimentares	49	3,50
Indústria têxtil	271	19,50
Indústria do couro e dos produtos do couro	775	55,70
Indústria da madeira e da cortiça e suas obras	78	5,60
Indústria da pasta de papel e cartão e seus artigos: edição e impressão	26	1,90
Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	28	2,00
Indústrias metalúrgicas de base e de produtos metálicos	105	7,60
Fabricação de máquinas e de equipamentos não especificados	18	1,30
Indústrias transformadoras não especificadas	25	1,80
Outras	15	1,10
Total	1.392	100,00

A população inquirida é constituída por 49,80% de homens e 50,20% de mulheres. Relativamente aos grupos etários, 23,00% têm a idade de 15-24 anos, 38,60% estão no grupo etário dos 25-44 anos, 23,90% andam pelos 45-59 anos e 14,60% têm 60 e mais anos. Quanto ao estado civil, a maioria é casada (67,40%), 27,70% são solteiros, 4,00% viúvos, 0,50% divorciados e 0,40% separados. Do ponto de vista de habilitações literárias, a grande maioria (43,50%) possui o 1.º ciclo, 16,90% o 2.º, 6,20% o 3.º, 11,60% os 10.º-12.º anos, 7,70% um curso médio e 6,60% um curso superior. Há uma percentagem de 7,50% de analfabetos.

Tratando-se de uma região fortemente industrializada, os que trabalham em fábricas aparecem com um número significativo. 43,20% são operários, 23,60% pertencem aos quadros médios e superiores, 9,80% são agricultores e 8,60% trabalhadores agrícolas, 11,60% são industriais e 1,20% comerciantes. A representação de categorias como estudantes, domésticas e reformados é muita baixa.

²⁹ INE, *Censos 91, Resultados Definitivos*.

A passagem da actividade agrícola à indústria ter-se-á processado, em grande parte, com a manutenção do mesmo parque habitacional, progressivamente melhorado ou reconstruído. 75,70% residem em casa própria e somente 24,30% habitam em casa alugada.

Na construção da amostra, houve a preocupação de assegurar a representatividade e, para isso, foram rigorosamente controladas as variáveis de sexo, grupo etário e actividade profissional. Eram conhecidos os níveis de escolaridade muito baixos. Presume-se, por outro lado, que devam ser altas as taxas de analfabetismo funcional. Nestas circunstâncias, tornava-se difícil converter as habilitações literárias em variável independente.

Estes dados não se afastam muito dos que constam do *Recenseamento Geral da População* de 1991. De acordo com o Censo 91, a taxa de analfabetismo é de 9,90%. (a de Lousada e do Marco é de 10,40%, e a de Penafiel e de Paços de Ferreira é de 7,60%). O analfabetismo, a nível nacional, atinge os 11,00% (no continente, os 10,90%). A taxa do "outro ensino" (que inclui o médio e o superior) é a de cerca de 3,10% (936 pessoas). Uma região, em crescente industrialização e que iniciou também já o processo de terciarização, encontra-se subdesenvolvida do ponto de vista escolar e cultural. Esta é a situação trágica de um país que necessita de fazer face aos novos desafios com que se confrontam as sociedades de hoje.

O inquérito foi administrado em todas as freguesias do concelho, embora não se tenha conseguido atingir, em algumas delas, o número previsto pela amostra. Em Santão, não se obteve qualquer resposta. Observou-se a proporcionalidade em função da população residente de cada freguesia constante do Censo da População de 1991. Foram inquiridas 554 pessoas. Não foi tida em conta a localização das empresas e do seu tipo de actividade, em razão de uma certa industrialização difusa que caracteriza a região.

Procede-se, em poucos casos apenas, a uma análise diferenciada por freguesia, partindo-se da hipótese de que existe uma relativa uniformização das representações sociais através de todo o concelho. Como as freguesias apresentam, além disso, variações muito grandes, do ponto de vista populacional, tornava-se difícil captar os diferentes matizes de mentalidades em função do espaço geográfico, a não ser que se alargasse sensivelmente a amostra.

O estudo incide fundamentalmente sobre a análise das representações e das condutas religiosas. Trata-se de saber como se percebe e se representa a vida religiosa e a actividade social com ela relacionada.

10. O inundo das representações religiosas

A religião é uma realidade multidimensional. As suas principais dimensões são a doutrina-crença, o culto, a moral, a vivência comunitária e a experiência subjectiva do divino ³⁰. Se se atende a um único destes aspectos, embora isso seja válido do ponto de vista metodológico, não se apreende a sua verdadeira realidade e alcance. Os diversos aspectos são considerados ao longo do presente estudo.

Abordadas anteriormente as práticas religiosas, procede-se agora à análise das representações que lhes correspondem. Interessa saber, por um lado, como se configura o universo simbólico em que se inscrevem as práticas e, por outro, medir o possível grau de desvio destas em relação àquelas. Parte-se do suposto de que existe uma relação entre uma e outra dessas dimensões, na conduta social.

As crenças religiosas tendem, no actual mundo secularizado, a obedecer, cada vez menos, a uma estrita ortodoxia proposta pela Igreja. As pessoas, com relativos défices de socialização religiosa, não fazem mais, de ordinário, do que reconstruir sistemas de representação adequados aos seus diversos estilos de vida, de acordo com um modelo de *self-service*. De harmonia com tal lógica, cada um procura elaborar a sua própria ortodoxia, isto é, criar o seu sistema de ordenamento da vida.

Na sua grande maioria, as pessoas consideram-se crentes. Existem poucos casos de desvio em relação a este padrão. Está-se perante uma região onde a descrença, a indiferença ou o ateísmo parecem encontrar pouco espaço. Não quer dizer que não existam descrentes, mas a sua frequência é relativamente diminuta.

QUADRO 6 — Distribuição por crença

Em percentagem

Situação quanto à religião	Céptico	Agnóstico	Crente	Sem religião	Indiferente	Ateu	Descrente	Deísta	NS/NR	Total
Sim	2,00%	1,30%	91,50%	0,40%	1,30%	0,20%	0,50%	0,20%	2,60%	100,00

³⁰ FERNANDES, António Teixeira — *A Religião na Sociedade Secularizada*, Porto, Livraria Civilização, 1972, pp. 155-179.

Os homens são os mais atingidos pelo cepticismo, pelo agnosticismo e pela indiferença. As mulheres revelam-se mais crentes.

Entre as profissões, o cepticismo atinge sobretudo os operários e os quadros médios e superiores. São também os quadros os que mais se dizem agnósticos. Poderá ser nestes que a reflexividade será mais actuante.

QUADRO 7 — Crenças segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Céptico	Agnóstico	Crente	Sem religião	Indiferente	Ateu	Descrente	Deísta
Homem	2,60	1,90	91,40	0,40	2,30	0,40	0,80	0,40
Mulher	1,50	0,70	96,70	0,40	0,40	—	0,40	—
Agricultor ³¹	—	1,00	97,90	—	1,00	—	—	—
Operário	2,30	0,90	93,50	0,50	1,40	0,50	0,50	0,50
Quadro ³²	2,50	3,30	94,30	1,70	—	—	—	—
Industrial	1,70	—	93,10	—	1,70	—	1,70	—
15-24 anos	4,10	0,80	91,80	0,80	1,60	—	—	0,80
25-44 anos	1,50	2,40	94,70	0,50	0,50	0,50	—	—
45-59 anos	1,60	—	95,50	—	1,60	—	1,60	—
60 e mais anos	1,30	1,30	93,80	—	2,50	—	1,30	—

Por idade, é principalmente no grupo etário dos 15-24 anos que o cepticismo predomina. Este cepticismo pode ser a expressão da falta de confiança em si, com uma personalidade em processo de estruturação, e na ausência de uma suficiente consolidação dos valores, sem se tratar do cepticismo propriamente dito. A juventude é sempre mais assediada pela dúvida.

Predomina entre os inquiridos a adesão ao catolicismo. O inquirido pretendia atingir as diversas situações constantes do Quadro 6. A crença não se afirma, contudo, de forma homogénea. Questionadas sobre a sua con-

³¹ São incluídos nesta categoria os agricultores proprietários e os trabalhadores agrícolas, no suposto de que, num regime de pequena e média propriedade, ambos partipam de uma visão do mundo bastante idêntica.

³² São aqui considerados os quadros médios e superiores.

cepção de Deus, as pessoas distribuem-se por uma gama alargada de representações. Parece afirmar-se a orientação para uma certa visão imanentista de Deus. Este, para 57,40%, é reduzido, quer ao que está no interior das pessoas (44,20%), quer ao que existe de bom nos seres humanos (13,20%). As representações religiosas deslocam-se progressivamente da transcendência para a imanência. Parece ser o resultado natural, entre outros factores (como a ausência de uma suficiente socialização religiosa), da destruição da estrutura hierárquica das sociedades e da acentuação posta cada vez mais na qualidade de vida. Um processo de maior humanização da existência está em curso, que, nem sempre, é acompanhado de uma conveniente redefinição da ideia de Deus. O crescimento humano não anda, de modo geral, associado a uma readequação das crenças a esse crescimento. Nos casos de desencontro dos dois movimentos, será lógico esperar que surjam outras representações construídas directamente ou procuradas em diferentes confissões.

QUADRO 8 — Representação da crença ³³

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Deus — relação pessoal	30,70	69,30
Deus — espírito ou força	20,80	79,20
Deus — interior da pessoa	44,20	55,80
Deus — o melhor que há no homem	13,20	96,80
Não crê em Deus nem espírito ou força	0,20	99,80
Deus não existe	—	100,00
Não sabe em que acreditar	1,80	98,20

Não existem grandes variações, por sexo, quanto à crença em um Deus com quem se tem uma relação pessoal. Se os homens crêem mais em Deus concebido como espírito ou como força superior ao homem, as mulheres entendem-no mais como estando no interior da pessoa. Expressam-se, assim, no domínio da religião, a tendência para a expressão dos papéis instrumen-

³³ Muitos dos quadros apresentados de seguida, são construídos com base em resultados de respostas múltiplas, ultrapassando, por isso, os 100%.

tal e expressivo dos sexos. A socialização de uns e outros influencia a sua postura perante o mundo.

A concepção de Deus pode passar progressivamente de um Deus pessoal a uma força cósmica — um pouco à maneira do grande arquitecto do mundo como pretendia, por exemplo, a maçonaria —, da força cósmica ao humanismo e deste ao imanentismo. Parece assistir-se a um processo de imanentização da religião. No inquérito, há quem escreva expressamente que não reconhece a existência de Deus, apenas acredita no Deus da natureza.

QUADRO 9 — Representação da crença em Deus segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Relação pessoal	Espírito ou força	Interior da pessoa	O melhor do homem	Nem Deus, nem Espírito, nem força	Deus não existe	Não sabe em que acreditar
Homem	30,40	23,10	39,60	13,90	—	—	2,20
Mulher	31,50	18,90	48,50	12,20	0,40	—	1,10
Agricultor	40,60	15,70	34,40	17,80	—	—	3,10
Operário	24,80	23,90	45,00	16,20	0,50	—	2,70
Quadro	36,90	18,00	46,70	5,70	—	—	0,80
Industrial	25,00	31,70	33,30	13,30	—	—	1,70
15-24 anos	22,80	15,40	58,50	10,60	—	—	1,60
25-44 anos	28,40	21,30	41,20	14,70	0,50	—	2,40
45-59	32,60	24,80	35,70	15,50	—	—	1,60
60 e mais anos	46,90	20,30	43,00	10,10	—	—	1,30

Entre os agricultores, a concepção de Deus, como relação pessoal, revela-se mais presente. Seguem-se os quadros médios e superiores. Esta concepção dilui-se mais entre os operários. Estes recuperam a ideia de Deus como espírito e força, possivelmente mais em harmonia com a sua experiência de vida.

Os grupos etários crescentemente menos jovens acreditam mais num Deus com quem se tem uma relação pessoal. Os jovens de 15-24 anos acre-

ditam sobretudo num Deus que está no interior do homem, e crêem menos num Deus com quem se tem uma relação pessoal.

Com o aumento das habilitações literárias, cresce o número dos que crêem num Deus com quem se tem uma relação pessoal. Aumenta também, com os níveis culturais, o sentimento de que Deus está no interior de cada pessoa, e diminui a ideia de espírito ou força. Opera-se, na verdade, uma purificação da ideia de Deus à medida que se é mais culto. Parece haver alguma orientação no sentido de uma maior espiritualização da ideia de Deus.

QUADRO 10 — Representação da crença em Deus segundo as habilitações literárias

Em percentagem

	Relação pessoal	Espírito ou força	Interior da pessoa	O melhor do homem	Nem Deus, nem espírito, nem força	Deus não existe	Não sabe em que pensar
Sem habilitações	36,60	24,40	43,90	14,60	—	—	—
1.º ciclo	27,90	22,30	39,50	18,00	0,40	—	3,00
2.º e 3.º ciclos	24,80	20,80	49,60	13,60	—	—	2,40
10.-12.º anos	31,00	16,40	50,80	9,80	—	—	—
Curso médio	35,70	16,70	50,00	—	—	—	—
C. Superior	55,60	19,40	30,50	2,80	—	—	—

A tendência acabada de referir é confirmada pelo sentido que se atribui ao ser cristão. É meramente aparente a contradição existente entre a afirmação do ser cristão enquanto crença num Deus que salva (76,50%) e enquanto Deus que existe no interior das pessoas e o que há de bom no homem (57,40%). Se Deus tende a aparecer como a invisibilidade transcendente, Cristo surge como a divindade humanizada ou como a humanidade divinizada. A favor desta interpretação, está o facto de que uma percentagem significativa identifica o ser cristão com a participação numa comunidade de crentes e com o empenhamento a favor do homem (30,90%).

QUADRO 11 — Sentido do ser cristão

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Crença num Deus que salva	76,50	23,50
Participação numa comunidade de crentes	18,90	81,10
Empenhamento a favor do homem	12,00	88,00
Um conjunto de tradições e ritos	2,20	97,80
Uma mera rotina	1,50	98,50

As mulheres concebem a religião mais no sentido de um Deus que salva. Ambos os sexos se aproximam na visão da religião como participação numa comunidade de crentes. Os homens entendem-na mais como luta a favor do homem.

QUADRO 12 — Ser cristão segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Deus que salva	Participação comunidade	Luta a favor do homem	Tradição e ritos	Rotina
Homem	73,50	18,60	14,00	1,10	1,50
Mulher	79,60	19,00	10,20	3,30	1,10
Agricultor	86,30	20,00	4,20	1,10	2,10
Operário	79,80	18,40	8,50	1,40	2,20
Quadro	69,20	15,40	24,40	4,10	0,80
Industrial	70,00	21,70	11,70	—	1,70
15-24 anos	68,30	23,80	11,90	3,20	2,40
25-44 anos	74,50	17,80	13,00	1,40	1,90
45-59 anos	82,40	16,80	12,20	30,50	—
60 e mais anos	85,00	17,50	10,00	—	1,30

Entre as diversas categorias profissionais, a relação directa com Deus prevalece sobre a concepção de uma salvação mediatizada pela comunidade. Estar-se-á perante uma certa tendência para a protestantização do catoli-

cismo. A ética pessoaliza-se e o sentimento religioso converte-se numa relação directa e íntima com Deus. Este é somente um dos indicadores da orientação que aponta nesse sentido. O facto traduz uma crescente pessoalização da religião contemporânea, ao mesmo tempo que serve igualmente de indicador ao desenvolvimento do individualismo.

A concepção da religião como empenhamento a favor do homem aparece sobretudo entre os quadros médios e superiores. Nos outros casos, associa-se pouco a um esforço de humanização da sociedade.

Não assumem grande significado, por categorias profissionais, as concepções da religião como tradição, ritos ou rotina. Há dela uma visão mais positiva.

À medida que se sobe na idade, mais se acredita num Deus que salva. A situação inverte-se com a crença na participação numa comunidade. São os jovens os que menos sentem que a salvação se realiza através da comunidade de crentes. Tanto os jovens como os idosos sentem-se menos empenhados a viver a sua religião como empenhamento a favor do homem.

Com a subida dos níveis de escolaridade, nota-se uma descida do sentido do ser cristão como crença num Deus que salva e como participação numa comunidade de crentes. O sentido do ser cristão como participação numa comunidade de crentes volta, de novo, a subir, com a posse de um curso superior. A avaliação do cristianismo, como um mero conjunto de tradições e ritos, afirma-se sensivelmente à medida que as pessoas vão sendo mais escolarizadas.

QUADRO 13 — Ser cristão segundo habilitações literárias

Em percentagem

	Deus que salva	Participação comunidade	Luta a favor do homem	Tradição e ritos	Rotina
Sem habilitações	90,20	14,60	9,80	—	—
1.º ciclo	78,20	20,50	9,00	1,70	2,10
2.º e 3.º	78,60	23,00	4,00	2,40	2,40
10.º-12.º anos	72,60	17,70	14,50	3,20	—
Curso médio	69,00	9,50	40,00	—	—
Curso superior	55,60	13,90	36,10	2,80	—

A forma como se entende o ser cristão tem a ver com a própria concepção de Cristo. São pouco significativas as percentagens dos que o con-

sideram como um homem sábio, um profeta ou mesmo como um líder religioso. Cristo é essencialmente visto como Deus feito homem. Deixava-se aberta a possibilidade de outras hipóteses. Nenhum inquirido apresentou uma visão alternativa. A humanidade aparece também aqui bem manifesta nesta divindade humanizada.

QUADRO 14 — **Concepção de Cristo**

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Um homem sábio	6,70	93,30
Um profeta	14,70	85,30
Um líder religioso	10,50	89,50
Deus feito homem	74,00	26,00
Uma invenção humana	1,30	98,70

De harmonia com esta perspectiva, passa a ter sentido ser cristão. Tende-se, porém, a avaliar de forma mais positiva o sentido cristão próprio do que o ser cristão para a sociedade. A diferença traduzirá porventura a difusão da ideia de que as pessoas possam ser hoje menos cristãs do que outrora. Cada um considera-se mais cristão do que o outro. Mas, nos dois casos, há uma afirmação inequívoca do sentido do cristianismo para o mundo de hoje. Este facto revela um forte grau de identificação religiosa, enquanto posicionamento subjectivo, como adiante se mostrará de forma mais explícita.

QUADRO 15 — O sentido do ser cristão para a sociedade de hoje

Em percentagem

	Sim	Não	NS/NR	Total
Tem sentido ser cristão para a sociedade	92,80	6,50	0,70	100,00
Tem sentido ser cristão para a pessoa inquirida	97,10	2,00	0,90	100,00

Em relação com a concepção humanizada de Deus e o sentido cristão atribuído à vida humana nas sociedades de hoje, está o modo como se encara a existência depois da morte. Observa-se aqui um relativo desvio. Alguns (16,20%) não acreditam que possa existir uma outra vida depois da morte. Serão estes que eventualmente terão da religião uma visão mais humanizada, enquanto redução de Deus ao próprio homem. Embora possa não existir uma relação absoluta entre existência de Deus e sobrevivência da vida humana num Além — porque esta sobrevivência não é postulada necessariamente por aquela existência — a verdade é que, no mundo das representações cristãs, as duas variáveis estão associadas de modo intrínseco. A própria ressurreição de Cristo aparece como garantia da ressurreição do homem. Desde que se vai tendo uma ideia diferente desta relação é sinal de que se abandona, em certo sentido, a ideia cristã de Deus, ou de que esta é reformulada de harmonia com outros valores. É de salientar a presença de filosofias orientais sobre a reencarnação. A crença na reencarnação pode, em alguns casos, resultar da influência directa daquelas filosofias, mas mais provavelmente terá sido introduzida através das telenovelas brasileiras. Será, no entanto, estranho que essa influência perdure, sabendo-se que, noutros aspectos, ela aparece como bastante fugaz. Em qualquer dos casos, a tendência será para se aceitar unicamente o que vai ao encontro de necessidades sentidas. Não é, por isso, despienda aquela percentagem, tanto mais que a crença atravessa os sexos, as idades e as actividades profissionais.

QUADRO 16 — Existência depois da morte

Em percentagem	
	Sim
Depois da morte não existe nada	16,20
Existe uma outra vida depois da morte	70,80
Depois da morte as pessoas reencarnam	8,50
NS/NR	4,50
Total	100,00

São os homens que acreditam menos numa vida depois da morte. As mulheres apresentam uma percentagem ligeiramente superior de crença na reencarnação, mostrando-se mais sensíveis às influências que actuam nesse sentido.

QUADRO 17 — Existência depois da morte segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Depois da morte não existe nada	Há uma vida depois da morte	Dá-se a reencarnação
Homem	19,40	72,60	8,00
Mulher	14,90	75,20	9,90
Agricultor	9,60	80,00	6,40
Operário	18,70	71,70	9,60
Quadro	12,60	77,50	9,90
Industrial	28,00	61,40	10,50
15-24 anos	15,60	70,50	13,90
25-44 anos	21,60	69,70	8,60
45-59 anos	17,30	75,60	7,10
60 e mais anos	7,80	88,30	3,90

Entre os industriais (28,00%) e os operários (18,70%), acredita-se menos na existência de uma vida depois da morte. A crença nessa vida aparece mais radicada entre os agricultores. Nota-se igualmente entre os industriais a maior presença de pessoas que acreditam na reencarnação.

A juventude parece acreditar pouco na existência de uma vida depois da morte. A seguir ao grupo etário dos 15-24 anos vem o dos 45-59 anos. Por grupos etários, são os jovens que acreditam mais na reencarnação.

As pessoas habilitadas com o 1.º, 2.º e 3.º ciclos acreditam menos na existência de uma vida depois da morte. A crença numa vida após a morte volta a subir com os cursos médio e superior. A aceitação da doutrina da reencarnação reforça-se entre os que possuem os 3 ciclos de estudos. São estes, entre os grupos etários, os que se mostram mais receptivos a ela.

QUADRO 18 — A crença na reencarnação segundo as habilitações literárias

Em percentagem

	Nada depois da morte	Vida depois da morte	Reencarnação	Total
Sem habilitações	12,20	85,40	2,40	100,00
1.º ciclo	17,50	73,20	9,30	100,00
2.º e 3.º ciclo	23,80	63,90	12,30	100,00
10-12.º anos	15,30	71,20	13,50	100,00
Curso médio	10,00	85,00	5,00	100,00
Curso superior	6,70	93,30	—	100,00

É de salientar o número de pessoas que defendem a reencarnação após a morte, tendo em conta que se trata de um meio que, até há bem pouco tempo, se mantinha bastante rural. A influência das telenovelas será determinante.

Existe uma relação directa e necessária, a nível dos princípios, entre a atribuição de um sentido positivo ao ser cristão e a crença numa vida depois da morte. As duas variáveis interrelacionam-se. Não se admitindo que o ser cristão tem sentido, pode reconhecer-se, porém, a possibilidade de existência de uma outra vida depois da morte. Não interessa tecer aqui considerações acerca da sua compatibilidade teórica. Mostram-no, de forma prática, os resultados do inquérito. 61,80% dos que não atribuem sentido ao ser cristão, admitem a hipótese de uma vida após a morte. Seria importante saber como concebem essa existência. Os resultados do inquérito não nos permitem uma tal elucidação. Há uma sensação difusa de que alguma coisa existe depois da morte, embora não se saiba muito bem o que seja. É a vida que recusa negar-se a si mesma.

QUADRO 19 — Relação entre o ser cristão e a vida depois da morte

Em percentagem

	Não existe vida depois da morte	Existe vida depois da morte	Dá-se a reencarnação	Total
Tem sentido ser cristão	15,70	75,20	9,10	100,00
Não tem sentido ser cristão	32,40	61,80	5,80	100,00

Nos que não aceitam o sentido do ser cristão, a existência de uma vida depois da morte pode assumir um outro significado que não o cristão — inserindo-se num processo colectivo de transformação da natureza e da história —, ou, então, orientar-se para a filosofia da reencarnação.

A relação entre a recusa do sentido do ser cristão e a declaração de que não existe vida depois da morte é mais coerente. Estes parecem ser mais lógicos e pronunciam-se mais a favor da não existência da vida futura do que da reencarnação.

Alguns factores despertam, de modo particular, nas pessoas o sentimento religioso. Se se consideram globalmente a natureza com os seus mistérios, a vida com as suas alegrias, o sofrimento existente no mundo e a relação social com os outros, a maioria das pessoas (63,00%) encontram na vida humana as razões que alimentam as suas crenças. Somente 33,50% referem a Igreja com a sua mensagem e 36,50% apontam Cristo com a força da sua vivência. Ou a Igreja, na sua pastoral vem sublinhando a importância dos valores humanos para a vivência do cristianismo, ou as pessoas, de forma espontânea, orientam-se preferentemente nesse sentido. Se fosse grande a identidade confessional, seria de esperar que a Igreja com a sua mensagem se manifestasse com um valor superior. Uma grande radicação do universo religioso das pessoas no mistério de Cristo levaria também logicamente a uma subida substancial desta percentagem. O facto pode questionar a Igreja acerca da imagem que dá de si mesma, em relação à que pretende oferecer.

QUADRO 20 — A fonte do sentimento religioso

Em percentagem	Sim	Não respondem à questão
A natureza com os seus mistérios	20,40	79,60
A vida com as suas alegrias	10,20	89,80
A cultura (música, arte, etc.)	3,50	96,50
O sofrimento existente no mundo	21,30	78,70
Cristo com a força da sua vivência	36,50	63,50
A Igreja com a sua mensagem	33,50	66,50
A relação social com os outros	11,60	88,40

Os homens, em termos relativos, encontram, de modo particular, a fonte do seu sentimento religioso na natureza, na cultura e na vida social. As mulheres, ao contrário, tendem a valorizar mais a alegria, o sofrimento e Cristo. Os primeiros alimentam a sua crença no mundo vivido, enquanto as segundas recorrem mais a outros valores.

QUADRO 21 — Sentimento religioso segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Natureza	Alegria	Cultura	Sufrimento	Cristo	Igreja	Social
Homem	22,10	9,90	4,40	16,90	32,70	33,50	14,00
Mulher	19,00	10,60	2,20	25,50	40,50	33,90	9,10
Agricultor	13,50	12,50	2,10	17,70	48,00	39,60	8,30
Operário	17,40	12,50	4,50	22,30	32,10	11,60	12,50
Quadro	28,50	7,30	0,80	22,00	35,00	26,00	13,80
Industrial	25,00	1,30	10,00	25,00	31,70	20,00	11,70
15-24 anos	21,40	8,60	4,00	23,00	34,90	30,20	14,30
25-44 anos	19,60	11,00	3,30	20,10	34,00	30,60	9,60
45-59 anos	23,10	8,50	3,10	20,80	35,40	34,60	12,30
60 e mais anos	16,30	15,00	3,80	22,50	46,30	43,80	12,50

O sentimento religioso parece despertar com a natureza quanto menos contacto se tem com ela, mas, em todas as situações, esta exerce a sua influência sobre as pessoas. São os agricultores os que menos encontram na natureza um factor que alimenta o sentimento religioso.

A alegria actua, neste sentido, mais entre os agricultores e os operários. O sofrimento, ao contrário, está presente, de forma bastante determinante, nas diversas categorias profissionais.

Observa-se, entre os operários, um maior desgaste da imagem da Igreja, seguidos dos industriais. Os agricultores são os que mais encontram na Igreja um factor que desenvolve o sentimento religioso.

Cristo aparece, nas diferentes situações, como a força mais importante, mas mais junto dos agricultores do que junto dos operários.

Por grupos etários, é entre os jovens dos 15-24 e dos 25-44 anos que a crença em Cristo e na Igreja se revela menos forte. No grupo dos 15-24 anos, é também mais elevada a percentagem dos que recebem do sofrimento e do social uma influência maior.

Existem circunstâncias na vida quotidiana que favorecem mais o encontro com Deus. Não parecem ser o contentamento e a relação com os outros que se tornam mais hierofânicos. A ideia de Deus aparece sobretudo quando as pessoas deparam com contrariedades e experimentam o sofrimento (53,20%), ou então se encontram a sós (48,60%). A experiência de Deus

anda normalmente associada mais à privação e ao sofrimento do que à suficiência de bens e à alegria, mais ao isolamento do que à partilha com os outros. Este aspecto talvez contraste com a natureza do próprio cristianismo que apresenta um Deus de amor e, por isso, necessariamente de alegria. O sofrimento, no cristianismo, tem sempre em vista a alegria. Desde que as pessoas tendam para a realização pessoal e esta apareça ligada à satisfação pessoal e à alegria, a religião tenderá a ser relegada para as margens da existência, sem entrar na sua centralidade. A religião estará do lado do sofrimento e da adversidade, isto é, do lado de onde não se quer a vida.

QUADRO 22 — Onde se encontra mais Deus na vida quotidiana

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Quando se sente contente	20,90	79,10
No trabalho	17,50	82,50
No convívio com amigos	15,80	84,20
Nas contrariedades e no sofrimento	53,60	46,40
Quando se encontra a sós consigo	48,90	51,10
Nunca pensa nisso	2,90	97,10

O corpo das crenças distribui-se por um contínuo muito alargado. A socialização cristã não foi no passado nem parece ser ainda hoje de molde a erradicar crenças anteriores e até opostas ao cristianismo, e que com este coexistem pacificamente através do tempo. É clara a presença de crenças que seria suposto terem desaparecido progressivamente com o processo de cristianização. Algumas, como a bruxaria (58,10%), o poder de pessoas capazes de curar (39,20%) e as superstições (37,60%) têm uma presença forte. Não se é ainda indiferente ao horóscopo. Como já acima foi salientado, observa-se, neste meio, uma relativa importância atribuída à reencarnação.

A diversidade destas crenças não se inscreve decididamente no universo simbólico do cristianismo. No espaço popular, perdura uma tradição de contacto com expressões simbólicas existentes fora do quotidiano e com

formas de sagrado de difícil domesticação por parte da religião cristã. Inscritas na memória colectiva, estão em permanente reaparecimento. Existe um movimento ondulatório no seu apagamento e reaparecimento.

QUADRO 23 — Crenças paralelas permanentes na actualidade

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Bruxaria	58,10	41,90
Superstições	37,60	62,40
Espiritismo	32,10	67,90
Advinhos e pessoas que sabem ler o futuro	26,20	73,80
Reencarnação	17,70	82,30
Crendices	19,70	80,30
Horóscopo	34,10	65,90
Pessoas que curam devido aos seus dons	39,20	60,80

Ao contrário do que possa à primeira vista pensar-se, não parecem ser os homens os que menos acreditam em superstições. Os valores são superiores nas mulheres somente no que respeita à crença em advinhos, crendices, horóscopos e em pessoas com capacidade para curar.

A crença na bruxaria está muito radicada entre os agricultores. Os operários, esses são os mais aderentes ao espiritismo. Acreditam em advinhos particularmente os quadros e os industriais. São também mais estes que aderem à crença na reencarnação. Os quadros mostram uma particular propensão para aceitarem a capacidade de curar de certas pessoas.

Este conjunto de crenças será tanto mais difundido e radicado, quanto menor for o desenvolvimento da racionalidade. Tratando-se de uma região com baixos níveis de literacia, não surpreende a presença, em tal proporção, sobretudo de algumas destas crenças. Mas o irracionalismo pode coexistir também com o desenvolvimento dos conhecimentos. A razão não é incompatível com o mistério. Tenderá, no entanto, a regredir com uma evangelização mais profunda.

QUADRO 24 — Superstições segundo sexo, idade e profissão

Em percentagem

	Bruxaria	Superstições	Espiritismo	Adivinhos	Reencarnação	Crendices	Horóscopo	Pessoas que curam
Homem	58,60	38,20	33,10	25,90	18,70	19,50	32,30	34,30
Mulher	57,60	37,40	31,50	26,90	16,00	20,20	36,60	45,00
Agricultor	76,20	35,70	35,70	27,40	15,50	16,70	23,80	31,00
Operário	53,40	32,80	27,90	21,10	14,20	12,30	31,90	37,30
Quadro	54,50	47,30	35,50	33,60	18,20	36,40	42,70	48,20
Industrial	49,00	37,70	37,70	28,30	28,30	19,90	39,60	41,50
15-24 anos	56,50	41,80	31,10	31,10	21,30	18,00	47,50	41,80
25-44 anos	54,60	32,80	31,70	27,30	18,60	18,60	34,40	45,40
45-59 anos	54,70	41,00	35,00	20,50	15,40	19,70	24,80	37,60
60 e mais anos	76,50	38,20	30,90	25,00	13,20	25,00	26,50	22,10

A crença na reencarnação aumenta à medida que se sobe nos grupos etários, para voltar a descer depois no grupo dos 60 e mais anos. Quanto mais jovem se é também mais se deposita confiança no horóscopo.

Não é somente a difusão destas crenças que está em causa. Há que ter ainda em conta o grau da sua radicação na mentalidade popular. 30,30% entendem que essas representações, comparadas com as representações e condutas religiosas, são igualmente fortes. Alguns (14,80%) reconhecem mesmo que são mais fortes. 48,00% não parecem atribuir-lhes demasiada importância.

QUADRO 25 — Intensidade das superstições

Em percentagem

Superstições	Mais fortes	Igualmente fortes	Nada fortes	NS/NR
	14,80	30,30	48,00	6,90

Estas práticas, que têm coexistido sempre através dos séculos com o cristianismo, e que se encontram inseridas na memória colectiva, estão mais profundamente enraizadas do que, à primeira vista, poderia parecer. E estão tanto mais radicadas, quanto menos, por vezes, delas se tem consciência.

Actuam, de ordinário, sem necessidade de recurso à racionalidade. Vão mesmo em sentido oposto. Traduzem uma demissão da razão e um défice da fé.

A Igreja sofre a crescente invasão de correntes de espiritualidade de diversas proveniências. As seitas gnósticas, os horóscopos e a astrologia conhecem grande difusão. O interesse pelo anormal ou pelo super-normal entrou em voga entre os diversos grupos etários e as diferentes categorias sócio-profissionais, extravasando o campo católico.

11. O mundo das representações sociais

Entre as representações religiosas e as representações sociais, existe uma certa relação. Os homens representam o mundo das coisas a partir da sua condição de seres existentes. A representação de Deus inscreve-se num universo de representações humanas. Acaba-se, assim, por representar Deus à medida do crescimento e da dimensão espirituais do homem.

A dimensão humana do homem mede-se por aquilo que ele deseja ou aspira, do mesmo modo que a sua dimensão divina se mede pelo seu excesso na busca e encontro com a divindade transcendente. Sendo o homem o seu excesso, ele está todo apenas naquilo que sonha. A capacidade de aspiração acaba por ser um factor determinante da estatura do homem.

QUADRO 26 — Concepção da vida

Em percentagem

Vida	Traz mais sofrimento do que alegria	Traz mais alegria do que sofrimento	NS/NR	Total
	28,20	66,80	5,00	100,00

A existência humana é avaliada de forma positiva, o que contrasta com outras apreciações acerca de alguns dos seus aspectos. A vida não é concebida pela maioria como um simples vale de lágrimas.

Quando se procura saber o que interessa mais na vida, as respostas não parecem centrar-se também sobre as satisfações terrenas. Com base nas res-

postas, poderá afirmar-se que se está decididamente face a uma sociedade pós-materialista, em que é dada uma particular relevância aos valores imateriais. R. Inglehart distingue entre os valores materialistas e os pós-materialistas³⁴. Se os primeiros dizem respeito à satisfação das necessidades básicas da existência, os segundos orientam-se para as preocupações individuais e sociais relacionadas com a cultura, a qualidade de vida e a participação social e política. O desenvolvimento social está na base desta passagem dos valores materialistas aos pós-materialistas. Estes indicadores, constituídos em escala, têm servido para medir o desenvolvimento sócio-cultural de uma sociedade marcada pela terciarização, elevados níveis de escolaridade e inovação tecnológica.

O pós-materialismo que parece encontrar-se no meio em causa é, no entanto, o de uma sociedade mergulhada ainda em processo de industrialização e com baixos níveis de escolaridade. Não se está perante sensibilidades não materialistas centradas sobre actividades expressivas e conviviais, como outros factos revelarão mais adiante. Não se trata, também, do pós-materialismo correspondente à sociedade pós-industrial. Começa, porém, no contexto em estudo, a assumir, um particular relevo a busca de um sentido para a existência (34,20%) e a realização pessoal (28,90%). A comunhão com um Deus transcendente ocupa o primeiro lugar na escala das opções (44,50%). Este facto, se traduz, à primeira vista, uma certa contradição com o que acima se afirmou a propósito da imanentização de Deus e da humanização da religião, não deixa de revelar uma outra dimensão desta mesma humanização expressa na busca de valores imateriais. A ordem dos valores afirma-se tanto mais, quanto mais satisfeitas possam estar as preocupações materiais. Um Deus transcendente será o ponto máximo dessa procura e dessa aspiração. Mas não será certamente esse o caso.

A realização pessoal começa a ter uma considerável importância, e a autenticidade nessa realização passa a definir a representação que cada um vai formando de si mesmo. Uma vez atingido o individualismo moral, o valor da autenticidade adquire o carácter de total bondade. O processo de subjectivação em curso faz com que o indivíduo se defina pelas relações sociais em que se insere e pelo que valoriza.

³⁴ INGLEHART, Ronald — *The Silent Revolution*, Princeton, Princeton University Press, 1977.

QUADRO 27 — O que mais interessa na vida

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
0 dinheiro	2,90	97,10
Uma boa profissão	6,90	93,10
A realização pessoal	28,90	71,10
Um sentido para a existência	34,20	65,80
A comunhão com um Deus transcendente	44,50	55,50

Em termos comparativos, os homens tendem a valorizar mais a profissão e a realização pessoal, enquanto as mulheres se preocupam mais com o dinheiro, o sentido para a vida e a comunhão com Deus.

QUADRO 28 — O que interessa mais na vida segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Dinheiro	Profissão	Realização pessoal	Sentido para a existência	Comunhão com Deus
Homem	2,60	8,10	31,30	33,10	39,70
Mulher	3,30	5,50	26,60	35,40	49,60
Agricultor	3,10	12,50	14,60	13,50	70,80
Operário	4,50	6,70	28,30	36,30	43,50
Quadro	1,60	5,70	36,60	48,00	27,60
Industrial	1,70	3,30	36,60	33,30	36,70
15-24 anos	2,40	6,40	39,20	41,60	31,20
25-44 anos	1,90	5,70	26,30	40,70	37,80
45-59 anos	3,80	3,80	28,20	30,50	49,60
60 e mais anos	5,00	15,00	21,30	12,50	73,80

Os dados revelam que a vida parece centrar-se, em geral, na busca da comunhão com Deus ou na procura de sentido para a existência. Os agricultores parecem atribuir menos importância à realização pessoal e ao sentido para a vida. Estes não são, na verdade, elementos próprios do sistema

de representações que tradicionalmente lhes é próprio. É também entre os agricultores que a comunhão com Deus adquire maior importância. Os quadros revelam menor interesse nesta comunhão.

Observa-se, com a passagem dos agricultores aos quadros, uma crescente materialização da existência. A comunhão com Deus vai-se tornando cada vez menos relevante. A preocupação com a realização pessoal e a busca de um sentido para a vida seguem uma curva inversa. A ausência daquela relação faz com que se valorizem estas dimensões.

A realização pessoal conta tanto mais quanto mais jovem se é. A relação é lógica e natural. Entre os jovens, tende a existir uma forte aspiração à realização pessoal de tipo individualístico. Essa realização não passa, de acordo com os resultados do estudo, pela profissão. Se o trabalho tem, para uns, uma dimensão de realização pessoal, para outros, adquire um mero carácter instrumental. São normalmente os jovens das camadas inferiores da sociedade que constituem o trabalho em meio privilegiado de integração social. O não trabalho assume tanto mais importância quanto mais elevados são os níveis sociais e culturais. Neste caso, a actividade laboral tende a ser reduzida à sua dimensão instrumental.

Verifica-se igualmente que quanto mais jovem se é, maior é a preocupação com o sentido da vida. Este parece despertar à medida que se vai tendo passado e consciência desse passado. Com o decorrer da idade, sobe a importância da comunhão com Deus.

As profissões detentoras de maior capital cultural mostram-se, por outro lado, mais descristianizadas. A aquisição de maiores conhecimentos, na forma como se opera, parece questionar a vivência religiosa. Manifestam-se as contradições não resolvidas neste domínio.

QUADRO 29- O que interessa mais na vida segundo as habilitações literárias

Em percentagem

	Dinheiro	Profissão	Realização pessoal	Sentido para a existência	Comunhão com Deus
Sem habilitações		9,80	17,10	14,60	80,50
1.º ciclo	4,70	10,60	23,80	22,60	55,70
2.º e 3.º ciclo	3,20	4,80	30,60	43,50	34,70
10.º e 12.º ano	1,60	1,60	38,10	49,30	27,00
Curso médio	—	—	42,90	45,20	21,30
Curso superior	—	5,60	38,90	58,30	22,20

A elevação do nível cultural anda associada, de facto, a uma maior preocupação com a realização pessoal e a busca de sentido para a existência. Ao contrário, a necessidade de comunhão com Deus faz-se menos sentir à medida que crescem os níveis culturais. O crescimento humano não é acompanhado de um desenvolvimento correspondente da vida espiritual em geral.

A vida humana é também uma relação. O homem é essencialmente um ser relacional. Face a alguns valores centrais das actuais democracias, verifica-se que a solidariedade (67,60%) prevalece, à distância, sobre a igualdade (23,30%) e a liberdade (20,10%). Trata-se de uma população onde parece sentir-se pouco o gosto pela liberdade. Entre os dois objectivos da democracia — liberdade e igualdade —, as pessoas atribuem maior importância à igualdade. O facto parece resultar da situação social dos inquiridos, colocados como estão, em geral, nas camadas médias e inferiores da sociedade. É normal que se valorize então a igualdade. Deseja-a mais quem mais se sente desigual. Deseja a liberdade quem, no plano social, vive na abastança ou, ao menos, numa confortável suficiência de bens, ou, no plano político, sente a opressão. O homem, nascido para a liberdade, não pode, contudo, deixar de ser livre, porque nele habita o pensamento.

QUADRO 30 — Valores democráticos considerados mais importantes

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Liberdade	20,10	79,90
Igualdade	23,30	76,70
Solidariedade	67,60	32,40

Com estes valores, estão também relacionados os aspectos que são colocados em primeiro lugar, porque repondem às suas necessidades/aspirações. A família reúne um largo consenso, ocupando o primeiro lugar das preferências. Os amigos não parecem ser tidos muito em conta (9,20%), o mesmo acontecendo com o trabalho (13,90%). Numa sociedade em que a transição ao trabalho e a manutenção neste mercado se revestem de particular importância, a sua subvalorização poderá significar que esta não é uma região onde o desemprego aflija particularmente, porque haverá ocupação no mercado competitivo de emprego ou fora dele.

Parece assistir-se a uma redefinição dos modos de vida, em função de valores emergentes. Valores reconhecidos e valores emergentes actuam em

simultâneo no processo de mudança de mentalidades. Este facto exerce influência sobre a vida religiosa. Alguns inquiridos denunciam a ênfase posta actualmente no "dinheiro", no "prazer" e no "próprio conforto". Põe-se em causa o "egoísmo" e o "materialismo" que se vão tornando dominantes.

QUADRO 31 -Valores colocados em primeiro lugar

Em percentagem

Valores	Sim	Não respondem à questão
Os amigos	9,30	90,70
A família	80,00	20,00
O trabalho	14,00	86,00
A religião	20,20	79,80
A política	0,70	99,30

Os homens parecem salientar mais os amigos e a família, as mulheres o trabalho e a religião.

A família ocupa o primeiro lugar entre as diferentes categorias profissionais. Os amigos encontram algum interesse, sobretudo entre os operários. A importância da amizade afirma-se mais no grupo etário dos 60 e mais anos. Uns e outros sentem mais a necessidade da solidariedade. São os quadros e os industriais os que atribuem menor importância à religião. Também entre estes o trabalho é mais valorizado.

QUADRO 32 — Valores mais importantes segundo sexo, idade e profissão

Em percentagem

	Amigos	Família	Trabalho	Religião	Política
Homem	10,70	82,70	12,50	16,90	0,70
Mulher	8,10	78,00	15,40	23,40	0,70
Agricultor	7,40	72,60	13,70	37,90	1,10
Operário	13,40	85,70	12,90	20,50	0,90
Quadro	7,40	73,80	21,30	8,10	1,60
Industrial	3,30	85,20	9,80	14,80	—
15-24 anos	9,50	75,40	18,90	14,30	0,80
25-44 anos	7,70	81,80	14,40	15,30	0,50
45-59 anos	7,70	83,80	12,30	22,30	1,50
60 e mais anos	16,30	76,30	13,80	38,80	—

Se a importância da família cresce com a idade, volta a descer no grupo dos mais idosos. É no grupo dos 15-24 e 25-44 anos que aumenta a relevância do trabalho. Trata-se da idade de inserção ou de consolidação no mercado de trabalho. Por outro lado, confirmando tendências gerais, a importância da religião cresce com o desenrolar da idade.

O relevo concedido ao trabalho aumenta com a subida dos níveis de escolaridade. A importância da religião, ao contrário, decresce com esses níveis.

QUADRO 33—Valores colocados em primeiro lugar segundo habilitações literárias

Em percentagem

	Amigos	Família	Trabalho	Religião	Política
Sem habilitações	19,50	75,60	9,80	53,70	—
1.º ciclo	8,10	84,70	13,20	24,70	0,40
2.º e 3.º	8,80	84,80	10,40	14,40	0,80
10.º-12.º anos	6,50	69,40	12,90	9,70	1,60
Curso médio	16,70	66,70	23,80	7,10	2,40
Curso superior	2,90	80,00	25,70	5,70	—

A família é entendida como o principal lugar de realização da pessoa. A percentagem sobe aqui para os 92,60%, valor superior ao da sua idealização feita no quadro anterior, quando comparada com outros valores. Em concordância com o Quadro 71, reconhece-se que ela é também um mundo de conflitos. Quando as pessoas se referem a situações de injustiça existentes no seu meio, é natural que se mostrem particularmente sensíveis ao problema, hoje tão difundido, da violência na família.

De acordo com o INE, de 1992 a 1994, deu-se uma diminuição dos nascimentos e um aumento dos casamentos não católicos, assim como um crescimento do número dos divórcios.

QUADRO 34 — Como se considera a Família

Em percentagem

	Sim	Não	NS/NR	Total
Lugar de realização da pessoa	92,60	4,90	2,50	100,00
Lugar de falta de liberdade	6,90	90,40	2,70	100,00
Só serve para dar uma mesada	2,00	95,30	2,70	100,00
Algo indiferente às pessoas	3,80	92,40	3,80	100,00
Mundo de conflitos	10,60	85,60	3,80	100,00

Quanto ao papel da família na construção do futuro, constata-se um número elevado dos que pensam que este passa por ela. É viva a consciência da função importante que ela é chamada a desempenhar na construção permanente da sociedade e no moldar do mundo de amanhã.

QUADRO 35 — A família e o futuro da sociedade e da Igreja

Em percentagem

	Sim	Não	NS/NR	Total
O futuro da sociedade passa pela família	85,00	12,80	2,20	100,00
O futuro da Igreja passa pela família	85,60	12,10	2,30	100,00

Continua a pensar-se igualmente que à constituição da família é indispensável a celebração do matrimónio. É pequeno o desvio em direcção a práticas mais libertárias. Somente para 9,90% não é necessário e para 6,30% isso é indiferente. Parece tratar-se de uma população onde não se verifica uma grande distinção entre a mera conjugalidade e a vida familiar. Esta deve ser sempre acompanhada de um vínculo jurídico que lhe confira suficiente estabilidade.

QUADRO 36 — O matrimónio na constituição da Família

Em percentagem

A constituição da família passa pela celebração do matrimónio	É necessário	Não é necessário	É indiferente	NS/NR	Total
	83,00	9,90	6,40	0,7	100,00

É baixa a percentagem dos que pensam que a família já não tem sentido no mundo de hoje (18,10%). 81,00% atribuem-lhe um significado. Não é posta de parte nem se concebe a formação do lar como uma mera situação de facto. Recusa-se, pelo menos a nível da declaração, a união de facto ou outras formas atípicas de constituição das famílias.

Entre os que pensam que não é necessário que a constituição da família passe pela celebração do matrimónio, contam-se, por categorias profissionais, em primeiro lugar, os industriais (21,70%), logo seguidos dos quadros (16,40%). São sobretudo os primeiros que entendem que isso é perfeitamente indiferente (15,00%).

Por idades, o grupo etário dos 15-24 anos é o que se mostra mais relutante à celebração do matrimónio (16,70%). Aparece depois o grupo dos 25-44 anos (11,80%).

São as pessoas habilitadas com um curso superior as que consideram desnecessária a celebração do matrimónio (25,00%). Aproximam-se deles os que possuem os 10.º-12.º anos (17,50%) e os que têm os 2.º e 3.º ciclos (11,90%). Os habilitados com um curso médio defendem mais a celebração do matrimónio.

QUADRO 37 — Sentido do matrimónio actualmente

Em percentagem

O matrimónio não tem sentido hoje	Sim	Não	NS/NR	Total
	18,10	81,00	0,90	100,00

Confere-se um papel relevante à instituição familiar na socialização religiosa das pessoas. Este indicador revela e reforça, de forma adicional, a importância da família e as funções que lhe cumpre desempenhar.

QUADRO 38 — Família e socialização religiosa

Em percentagem

Importância da família na formação religiosa	Sim	Não	NS/NR	Total
	87,00	10,80	2,20	100,00

No que concerne os principais problemas com que deparam as famílias nas sociedades actuais, a insegurança quanto ao futuro aparece como

um sentimento fortemente radicado. Vêm, a seguir, a falta de trabalho e o desemprego. O medo de não se escolher a pessoa certa para casar surge como preocupação em 23,90% dos inquiridos. A vida pode não trazer aquilo que as pessoas estão esperando. Será porventura para estes que a indissolubilidade do matrimónio constitui um particular problema.

QUADRO 39 — Principais preocupações quanto à família

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Falta de casa	24,40	75,60
Insegurança quanto ao futuro	67,80	32,20
Falta de trabalho	32,60	67,40
Carácter indissolúvel do matrimónio	9,30	90,70
Medo de não escolher a pessoa certa	23,90	76,10

Aqueles para quem a indissolubilidade do matrimónio faz problema são os que mais tendem a defender que não é necessário que a constituição da família passe pela celebração do matrimónio. Seguem-se os que vêm com alguma preocupação a possibilidade de escolha acertada da pessoa com quem possam vir a casar. Actuam também neste mesmo sentido a falta de casa e o desemprego ou a sua precaridade. Pensa-se aqui bastante menos na insegurança quanto ao futuro, ao contrário do que parece verificar-se na enunciação feita, no quadro anterior, das principais preocupações.

QUADRO 40 — Celebração do matrimónio e preocupações quanto à família

Em percentagem

Matrimónio	É necessário			Não é necessário			É indiferente		
	Sim	NR	Total	Sim	NR	Total	Sim	NR	Total
Falta de casa	24,70	75,30	100,00	25,50	74,50	100,00	17,60	82,40	100,00
Insegurança do futuro	67,00	33,00	100,00	74,50	25,50	100,00	70,60	29,40	100,00
Falta de trabalho	33,50	66,50	100,00	34,50	65,50	100,00	20,60	79,40	100,00
Indissolubilidade matrimonial	9,40	90,60	100,00	7,30	92,70	100,00	8,80	91,20	100,00
Medo na escolha da pessoa	24,90	75,10	100,00	18,20	81,80	100,00	20,60	79,40	100,00

Está em curso, por toda a parte e também nesta região, um processo crescente de desinstitucionalização da família. Desde que os valores e as normas que regulam a vida familiar entram em crise, a família torna-se instável. Uma família estruturalmente instável gera, por sua vez, personalidades igualmente instáveis. As pessoas casam-se porque se amam e divorciam-se porque deixam de se amar. O amor, com as suas oscilações, constitui o núcleo central da relação conjugal e da relação familiar. O modelo de família tradicional passa a ser questionado. Neste contexto, facilmente se desenvolve a agressividade.

As sociedades de hoje vivem imersas num mar de problemas. Na região em estudo, não será a falta de trabalho que ocupa o centro das preocupações gerais, embora haja uma grande inquietação neste sector (26,20%). Outros aspectos que rodeiam o quotidiano da vida são bem mais aflitivos.

QUADRO 41 —Principais problemas das sociedades de hoje
Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Insegurança	27,80	72,20
Incerteza em relação ao futuro	28,90	71,10
O geral materialismo	25,90	74,10
Toxicodependência	51,90	48,10
Desemprego	26,20	73,80
Criminalidade	34,90	65,10

Os maiores problemas parecem ser a toxicodependência e a criminalidade. Com a pesquisa que foi realizada, pretendia-se, com estas questões, ver quais seriam os aspectos mais negativos sublinhados pela população.

Atribui-se grande importância à incerteza quanto ao futuro, facto que alguma relação poderá eventualmente ter com situações de precaridade face ao emprego ou mesmo com a sua directa ameaça. O materialismo que domina, em grande escala, o mundo moderno aparece também como muito preocupante. Poderá perguntar-se, no entanto, se se trata do materialismo em si mesmo, ou da destruição crescente dos padrões de conduta tradicionais a que as pessoas ainda estão fortemente ligadas. Mas a denúncia do materialismo está também associada, como se viu acima, à importância dada aos valores imateriais.

12. A normatividade social

Pode viver-se em função de valores ou de interesses. Estes últimos prevalecem, por vezes, sobre aqueles. Os primeiros são universais e revestem-se de uma conotação espiritual. Os segundos traduzem objectivos particularistas e quase sempre materialistas.

As normas, por sua vez, podem fluir de um universo religioso ou serem elaboradas em complexos sistemas de relações sociais, mais de harmonia com modalidades de uma ética discursiva, ou até de situação. Quanto mais se adere a uma religião, mais se tende a adoptar um comportamento de acordo com o que ela ordena. Quanto mais, ao contrário, as representações sociais penetram a vida quotidiana, menor poderá ser o vigor dos preceitos da Igreja e a sua capacidade de influenciar a actividade colectiva.

A normatividade religiosa não atinge a totalidade da conduta social. Algumas das suas parcelas são-lhe irredutíveis. 52,50% concordam apenas em parte com os ensinamentos da Igreja Católica. Desses ensinamentos, seleccionam uns e recusam outros. O facto revela bem a orientação do mundo moderno. Observa, na verdade, Ramuz que "a grande fraqueza da sociedade burguesa ou capitalista, que é ainda a nossa, consiste em ter acreditado que ia poder usufruir indefinidamente dos benefícios de uma crença, a cristã, sem ser obrigada a partilhá-la; que ia poder continuar a receber sem ter necessidade de dar. É o que ela chamava a "liberdade de consciência". Algumas crenças eram-lhe úteis: ela respeitava-as, dizia, sem mesmo ver que o que respeitava nelas era a sua *utilidade*. É esta posição que se vai tornando impossível. Não vai bastar "respeitar" o cristianismo: vai ser necessário ser cristão e provar que se é, ou confessar que se não é mais"³⁵. Tal é o drama da maior parte das sociedades ocidentais, qualquer que seja o seu grau de desenvolvimento, o drama de uma profunda alienação, divididas e atiradas como estão em sentidos opostos. É difícil viver, e sobretudo pensar, em dualismo absoluto, em dilaceração permanente, mas as sociedades de hoje parecem consegui-lo.

QUADRO 42 — Concordância com a doutrina da Igreja

Em percentagem

Acordo com o ensino da Igreja	Total	Em parte	De modo nenhum	NS/NR	Total
	44,60	52,50	1,40	1,50	100,00

³⁵ RAMUZ, Charles Ferdinand — *La Pensée Remonte les Fleuves*, Paris, Plon, 1991, pp. 251-252.

Os aspectos em relação aos quais parece haver a maior discordância são, sem dúvida, o aborto (43,90%), a eutanásia (43,10%) e a indissolubilidade do matrimónio (43,10%). Embora a maioria esteja contra o aborto e a eutanásia, existe uma mentalidade que se vai, pouco a pouco, difundindo e encaminhando rapidamente para a maioria. Os valores dos que aceitam a prática de um e de outra tendem a aproximar-se dos que a rejeitam.

Em relação às condutas estritamente religiosas, a adesão revela-se mais forte. Aceita-se facilmente a obrigatoriedade do preceito dominical (66,60%) e mais ainda da confissão ao menos uma vez por ano (75,20%). Mas quando se passa a condutas religiosas com impacto social, como é o carácter indissolúvel do matrimónio, surge, de imediato, uma grande desafeição. As normas da Igreja, se continua a sua normatividade a ser forte no campo estritamente religioso, perdem grande parte da sua vinculação quando se passa à actividade social. Há quem pense ainda, entre os inquiridos, na política e na homossexualidade como domínios refractários à .moral religiosa.

O aborto poderá aparecer como uma prática relativamente espalhada. Mas o aspecto que revela uma maior erosão da mentalidade tradicional parece ser a percentagem elevada dos que não aceitam a doutrina católica relativa à eutanásia. Num contexto de alguma interpenetração rural/urbano, indústria/agricultura, causa certa surpresa o deparar com a elevada percentagem dos que manifestam disposição para a aceitação da prática da eutanásia. A pergunta era clara: "Aceita a doutrina da Igreja em matéria de?" e seguiam-se os domínios. A resposta solicitada era fácil e traduzia-se em termos de "sim" ou de "não". Esta questão merece ser mais sublinhada do que a do aborto. No passado, a eutanásia não era totalmente recusada nos meios populares. Do mesmo modo, na segunda década deste século, face à criminalidade que alastrava pelo país, levantavam-se as vozes do povo na terra das Beiras, como observa Leonardo Coimbra, a favor da reintrodução da pena de morte³⁶. Porque as populações tendem, às vezes, para os extremos, tais comportamentos radicalizados não estavam totalmente desarraigados da vida social.

A atitude em relação à eutanásia parece apresentar uma gravidade que se poderá considerar de certo modo superior. Pode ter-se dúvida acerca do momento em que se constitui a pessoa, mas não há dúvida alguma quanto à existência da pessoa nos idosos e nos diminuídos por qualquer adversidade.

³⁶ FERNANDES, António Teixeira — "A eutanásia como fenómeno social", in *Filosofia — Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.ºs 5-6, 1988-1989; FERNANDES, António Teixeira — "O pensamento social de Leonardo Coimbra", in *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo de Coimbra*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1994, pp. 173-174.

QUADRO 43 — Aceitação da doutrina da Igreja em alguns domínios

Em percentagem

	Sim	Não	NS/NR	Total
Aborto	52,90	43,90	3,20	100,00
Eutanásia	50,40	43,10	6,50	100,00
Indissolubilidade do	49,80	43,10	7,10	100,00
Preceito da missa dominical	66,60	24,40	9,00	100,00
Confissão anual	75,30	20,60	4,10	100,00

Como seria de esperar, são as mulheres quem apresenta os índices mais elevados de aceitação. Embora as diferenças sejam pouco acentuadas por sexo, parecem ser elas que manifestam um sentimento mais vivo a favor da vida. São igualmente elas que defendem mais a doutrina da Igreja nos domínios da prática religiosa e da indissolubilidade do matrimónio.

QUADRO 44 — Aceitação da doutrina da Igreja segundo sexo, idade e profissão

Em percentagem

Aceitação	Aborto	Eutanásia	Indissolubilidade e do matrimónio	Missa dominical	Confissão anual
Homem	54,00	50,90	52,30	72,90	76,50
Mulher	55,40	56,30	54,80	73,60	80,70
Agricultor	63,40	57,80	76,10	87,50	93,50
Operário	53,20	52,60	54,30	68,60	81,40
Quadro	51,70	57,30	38,80	70,00	66,90
Industrial	52,50	46,60	43,90	68,50	72,40
15-24 anos	49,60	47,80	48,30	67,50	79,80
25-44 anos	48,50	52,00	47,70	68,40	74,90
45-59 anos	63,50	57,60	59,00	77,50	77,80
60 e mais anos	64,10	61,30	68,80	88,00	87,20

A maior concordância com os ensinamentos da Igreja encontra-se entre os agricultores e a menor aparece entre os quadros.

A aceitação da doutrina da Igreja sobe em percentagem à medida que se passa dos grupos etários mais jovens aos mais velhos. A verificarem-se as tendências em curso, poderá ocorrer, em relação a estes domínios, uma progressiva mudança de mentalidade. A permissividade manifesta-se com vigor superior nos meios juvenis.

Esta tendência geral tem vindo a ser observada na Europa, desde há alguns anos a esta parte³⁷. Os jovens revelam-se mais tolerantes, quer quanto ao mundo dos valores, quer quanto aos princípios que regulam a vida privada e pública. Se a criança é profundamente marcada pelos valores familiares, o jovem vive a tensão entre esses valores e os espaços de liberdade e de tolerância em que se insere e, conseqüentemente, entre os valores propostos pela Igreja e os valores dominantes na sociedade. A orientação vai no sentido dos valores mais hedonistas, em articulação com a vontade de realização pessoal. Estas tendências não afectam, no entanto, de igual modo, as diversas situações existenciais da juventude. São diferentes os posicionamentos dos jovens ligados ao mundo agrícola e dos filhos dos quadros e das classes médias.

A aceitação da doutrina da Igreja em matéria de aborto tende a diminuir à medida que crescem as habilitações literárias. Observa-se ainda uma tendência para se abandonar a doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimónio com a subida da escolaridade, embora com uma certa inflexão nos habilitados com um curso superior. Igual tendência se verifica em relação à confissão anual.

QUADRO 45 — Aceitação da doutrina da Igreja segundo as habilitações literárias

Em percentagem

	Aborto	Eutanásia	Indissolubilidade e do matrimónio	Missa dominical	Confissão anual
Sem habilitações	66,70	59,50	76,90	82,50	85,40
1.º ciclo	55,00	49,50	59,30	75,60	80,00
2.º e 3.º ciclos	52,00	52,00	48,00	64,20	80,50
10.º-12.º anos	48,30	51,70	37,30	60,30	72,10
Curso médio	59,00	62,50	35,90	78,90	65,80

³⁷ STOETZEL, Jean — *Les Valeurs du Temps Présent. Une Enquête Européenne*, Paris, PUF, 1983.

68

Curso superior	54,30	60,00	54,30	75,80	65,70
----------------	-------	-------	-------	-------	-------

Religiosidade difusa e identidade confessional

A maioria pensa que a doutrina da Igreja deixou de ser apropriada à situação actual da vida das pessoas. A percentagem sobe para os 62,80%. Somente 35,90% continuam a admitir que a doutrina é adequada ao tempo presente.

QUADRO 46 — Adequação da doutrina da Igreja à vida das pessoas

Em percentagem

A doutrina é adequada	Sim	Não	NS/NR	Total
	35,90	62,80	1,30	100,00

Apenas 30,90% entendem que a doutrina da Igreja não é nada rigorista. A grande maioria (55,10%) é de parecer que ela é rigorista ou mesmo muito rigorista (10,30%). Este facto traduz o desvio existente entre a normatividade proposta pela Igreja e a que é construída e posta em prática na vida social.

QUADRO 47 — A severidade da doutrina da Igreja

Em percentagem

Rigor	Demasiado rigorosa	Rigorista	Nada rigorista	NS/NR	Total
	10,30	55,10	30,90	3,70	100,00

De acordo com as categorias profissionais, as taxas referentes ao demasiado rigorista crescem sensivelmente com a passagem dos agricultores (2,00%), aos operários (11,00%), aos quadros (11,80%) e aos industriais (16,10%).

De acordo com as habilitações literárias, é de sublinhar o facto de serem as pessoas com um curso médio as que apresentam uma taxa mais baixa na apreciação como demasiado rigorista da doutrina da Igreja (5,10%), sendo também os que têm a taxa mais elevada dos que a consideram como rigorista (71,80%).

A diferença entre os sexos é praticamente nula quanto à classificação de nada rigorista e de rigorista. Relativamente ao demasiado rigorista, os homens aparecem com uma percentagem de 12,50% e as mulheres com uma percentagem de 9,00%.

Para além dos sectores considerados no Quadro 43, existem actualmente alguns domínios onde a moral da Igreja encontra, cada vez menos, aplicação. Aparece estar bastante erradicada do mundo dos negócios (56,40%). Está também pouco presente nas questões que dizem respeito à sexualidade (38,00%). Onde a sua influência parece manter-se é na vida matrimonial (13,30%) e na vida social em geral (12,30%).

QUADRO 48 — Domínios onde a doutrina da Igreja não se aplica

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Sexualidade	38,00	62,00
Vida matrimonial	13,30	86,70
Negócios	56,40	43,60
Vida social em geral	12,30	87,70

A manutenção da moral da Igreja na vida matrimonial está em relação directa com a importância central atribuída à família, como se viu acima no Quadro 31.

Os homens pensam que a doutrina da Igreja não se aplica sobretudo nos domínios do matrimónio e dos negócios. As mulheres acham que isso acontece mais na esfera da sexualidade e da vida social em geral.

QUADRO 49 — Aplicação da doutrina da Igreja segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

Não aplicável	Sexualidade	Vida matrimonial	Negócios	Vida social
Homem	37,00	15,00	57,30	9,80
Mulher	38,90	10,90	56,10	14,60
Agricultor	39,10	23,00	54,00	13,80
Operário	36,60	12,40	59,90	10,40
Quadro	43,90	8,40	48,60	10,30
Industrial	37,00	11,10	64,80	18,50
15-24 anos	43,10	6,00	56,00	9,50
25-44 anos	32,10	10,90	57,00	10,90
45-59 anos	37,30	16,40	60,90	11,80
60 e mais anos	46,20	27,70	50,80	20,00

43,90% dos quadros têm a sexualidade como um domínio fora da influência da Igreja e 64,80% dos industriais consideram serem os negócios. É mais a actividade económica do que a sexualidade que cai fora da acção da Igreja. Através da história, os negócios e a religião nunca jogaram bem entre si, havendo sempre a tendência para a sua separação.

Por grupos etários, aumenta a consciência de que a moral da Igreja não se aplica a todos os domínios da actividade colectiva. Pensa-se que, em particular, nas esferas da sexualidade e dos negócios a moral da Igreja não é aplicável.

Existem diversos tipos de moral sexual, de acordo com os sexos e as idades. Os jovens e os adultos traçam as suas trajectórias de vida em função da sua condição de homens ou de mulheres. Os processos diferentes de socialização dão origem a concepções descoincidentes de conduta neste domínio. Tende a ser nos meios tradicionais e, por vezes, nas camadas sociais inferiores que permanece o maior apego a uma moral sexual mais rígida.

Alguns critérios principais parecem presidir à vida da pessoas. Prevalece o critério da educação recebida (60,30%). A conduta tende a responder à educação que cada um vai adquirindo. Este princípio supera o valor da consciência (48,80%). Quanto mais detentoras de educação são as pessoas, mais tenderão a pautar-se por princípios incorporados durante o processo de socialização. Esta inculcação exprime-se normalmente, nas pessoas relativamente cultas, na obediência à própria consciência, consciência que acaba por ser o resultado sintético de uma aprendizagem e de uma reflexão pessoal. Um dos inquiridos afirma que "uma pessoa se deve confrontar com a sua consciência, pois só assim se consegue encontrar a própria essência do ser pessoal". O desvio da consciência em relação à educação recebida poderá significar que as pessoas estabelecem uma distinção entre o que lhes impõe a primeira e o que lhes recomenda a segunda. O desfasamento aparece, por vezes, bem patente no caso da confissão. Uma coisa são os pecados que se tem consciência que são pecados, outra as faltas que a Igreja diz serem pecado, embora não se tenha consciência disso.

O sentido e a coerência da acção tendem a ser construídos progressivamente pela actividade de cada um, não lhe sendo mais fornecido por um sistema único e homogéneo de valores. Nas sociedades actuais, o homem é, cada vez mais, senhor das suas escolhas e da sua conduta. Os códigos morais colectivos são substituídos por princípios subjectivados. O processo de subjectivação está em curso no meio estudado, e exprime-se no sentimento de

uma relativa autonomia do juízo e das emoções. Ao lado de uma interiorização de esquemas culturais colectivos, parece actuar igualmente um mecanismo de escolha de estratégias.

A actividade humana, sujeita como está, a uma crescente mercantilização, deixa as pessoas divididas entre os ditames da própria consciência e as múltiplas solicitações sociais. Muitas pessoas tendem a viver em permanente estado de tensão criada pelos movimentos opostos de repressão e de submissão a valores éticos.

Se se atende às taxas da realização pessoal na definição do que é importante na vida, como o manifesta o quadro 27, e de apelo à consciência na regulação da vida social, verifica-se que o processo de subjectivação é operante no meio. Parece prevalecer, cada vez mais, a autonomia do juízo e das emoções. Esta autonomia é o resultado de uma socialização que passa por um controlo interiorizado, que torna o indivíduo senhor das suas próprias opções. O homem moderno vive, em consequência, a tensão entre os ditames da consciência individual e os princípios de uma consciência moral colectiva.

A doutrina da igreja, como critério de conduta, não surge aqui como dotada de grande relevância (34,10%). Quer dizer que somente nesta percentagem se faz sentir a influência religiosa.

Mais irrelevantes parecem ser os princípios pragmáticos. A satisfação ou o "prazer", a que I. Kant reduz o hedonismo e recusa fazer entrar no domínio da moralidade, aparecem com uma percentagem muito baixa, quer se trate da satisfação própria, quer da satisfação para os outros.

A experiência, princípio igualmente hedonista, próprio de uma moral de situação, essa adquire alguma importância. A normatividade, para estes, passa a ser reduzida à experiência, traduzida normalmente numa acumulação de situações de satisfação ou de lucro. Para alguns, esta experiência poderá ser formada por um saber-fazer que a habituação cria.

As pessoas são, na actualidade, constantemente solicitadas a construir as orientações das suas próprias acções, nos universos de representação próprios dos sistemas de relação social em que estão inseridas. Desaparecendo a unidade de valores, a normalidade deixa de ser valorativa para ser estratégica. O indivíduo aprende continuamente a dominar as situações, e isso produz nele princípios reguladores da conduta. A vida obedece a estratégias. A experiência social serve então para as pessoas construírem o seu mundo.

QUADRO 50 — Normas aplicáveis à conduta quotidiana

Em percentagem

Orientação	Sim	Não respondem à questão
Pela educação que se recebeu	60,30	39,70
Pela experiência	18,70	81,30
Pela consciência	48,80	51,20
Pela doutrina da Igreja	34,10	65,90
Pelo que traz satisfação própria	5,10	94,90
Pela que traz satisfação aos outros	6,00	94,00

A influência da Igreja exerce-se, em particular, sobre alguns outros domínios da conduta humana. É sobretudo na vida familiar e na educação dos filhos que o ensino da Igreja se mostra mais eficaz. Embora se reconheça, como acima se afirmou, que a moral da Igreja não é aplicável ao mundo dos negócios, declara-se agora que as crenças religiosas influenciam a vida profissional. São duas coisas diferentes, uma a dos negócios, domínio tradicionalmente refractário à penetração da religião, outra a actividade profissional, onde a acção religiosa pode e costuma ser forte. Tenha-se presente a tese desenvolvida por Max Weber acerca da relação entre a ética protestante e a afirmação do espírito do capitalismo³⁸. A ética do trabalho, tanto liberal como comunista, entrou, desde há longo tempo, no seu crepúsculo. Mas Igreja havia igualmente desenvolvido uma teologia do trabalho no sentido de o dignificar, numa época de forte exploração. A Europa viveu durante séculos sob a influência da divisa beneditina do *Ora et Labora*. O domínio onde a influência da religião é menor é o da política. Duas razões principais poderão estar na base de uma tal avaliação. A política, por um lado, foi sempre tida, no passado, como algo de perverso e reservado a certas categorias de pessoas; por outro, o envolvimento na prática política não era de molde a tornar este sector um campo onde se trava o destino das pessoas e das comunidades. Acresce ainda o facto da política exigir normalmente um certo capital escolar e cultural que não parece abundar na região. A política parece ser, por isso, um campo decididamente posto à margem das preocupações sociais.

³⁸ WEBER, Max — *UÉthique Protestante et VEspirit du Capitalisme*, Paris, Plon, 1981.

QUADRO 51 — A influência da crença religiosa

Em percentagem

A crença exerce influência sobre	Sim	Não	NS/NR	Total
Vida da família	87,40	11,20	1,40	100,00
Decisões políticas	13,70	84,80	1,50	100,00
Escolha das leituras	33,00	63,50	3,50	100,00
Educação dos filhos (se se é casado)	69,50	17,70	12,80	100,00
Escolha dos tempos livres	34,50	61,20	4,30	100,00
Vida profissional	47,30	48,60	4,10	100,00

De salientar, ao contrário, é a relativa importância atribuída quer à escolha das leituras, quer à selecção dos tempos livres. As pessoas não se revelam indiferentes, nestas actividades, ao que sobre elas possa pensar a Igreja.

Da análise acabada de fazer, resulta que a Igreja Católica continua a ter um papel importante na normatividade social, mas há domínios crescentes que escapam cada vez mais ao seu controlo. A religião é, por vezes, reduzida a si mesma, não entrando no seu âmbito a relação justiça-injustiça e algumas esferas de actividade. Em simultâneo com uma presença forte da Igreja, parece assistir-se igualmente a uma profunda mudança de mentalidades, em relação a múltiplos problemas. A visão dos jovens tende a diferenciar-se da dos mais velhos. Uma erosão das representações está em curso. Se não for desenvolvida uma acção junto da juventude, pode ocorrer, em tempos próximos, uma mudança de situação.

Desde que os valores a que se adere não derivam de uma pertença à Igreja, mas são fruto de uma opção pessoal ou de uma construção social, opera-se uma certa emancipação seguida de autonomia em relação às instituições, e a Igreja deixa de influenciar o comportamento quotidiano. O individualismo tende a construir uma moral ajustada à busca de uma autonomia capaz de criar os seus próprios valores. Os indivíduos são, desde então, chamados a gerir a coerência das suas normas, nos diferentes domínios e contextos da existência.

A Igreja parece ter deixado de ser, como no passado, uma sólida instituição. Ela pretende constituir os seus dogmas e a sua moral em princípios enformadores da vida social, mas o que se verifica, na prática, é uma certa autonomia da consciência e uma relativa subjectivação da fé. Algum fun-

damentalismo que o mundo cristão vai conhecendo traduz uma reacção natural a este fenómeno de desinstitucionalização.

Esta questão não afecta unicamente a Igreja. Em vários outros domínios da sociedade, existe actualmente uma certa descoincidência entre as motivações dos actores sociais e as normas institucionais. Trata-se da relação entre integração social e integração sistémica analisada por David Lockwood ³⁹. A mudança constante dissolve as instituições, fazendo com que a moral pessoal seja determinada unicamente pela intimidade e pela autenticidade que cada um constrói de forma subjectiva. A moral existente em épocas anteriores, fundada sobre princípios universais, possuía um carácter simultaneamente social e pessoal. Esferas crescentes da realidade saem hoje fora da normatividade social, deixando as pessoas em situações de ambivalência. Porque a sociedade e nomeadamente a cultura não aparecem unificadas ou integradas, as vidas repartem-se por múltiplos fragmentos.

O impacto da ortodoxia religiosa sobre as condutas individuais vai-se, em consequência, pouco a pouco, diluindo. Surge uma religiosidade difusa e largos segmentos da população deixam de recorrer a um único sistema de sentido, constituindo as suas próprias crenças. A apropriação subjectiva dos sistemas de interpretação do mundo faz com que se perca a ligação exclusiva com um princípio transcendente. As crenças passam a ser, em certo modo, uma função das necessidades individuais, o mesmo que é dizer das questões que a vida quotidiana levanta. A pertença religiosa mantém-se na mesma medida em que as crenças e as normas incorporadas permitem uma compreensão da realidade vivida. As pessoas recorrem a diversos sistemas simbólicos para interpretar e legitimar o real, porque pertencem a uma pluralidade de sistemas sociais no interior dos quais funcionam lógicas próprias. Diferenciam-se e autonomizam-se as esferas da existência.

13. A identidade confessional

A normatividade religiosa e a sua influência sobre a normatividade social apresentam uma relação muito directa com o grau de identidade confessional. Tende a ser-se selectivo na escolha dos princípios que regem a conduta. Da Igreja, toma-se o que se coaduna melhor com os modos de vida.

³⁹ LOCKWOOD, David — "Intégration sociale et intégration systémique", in BIRNBAUM, P. e CHAZEL, F. — *Théorie Sociologique*, Paris, PUF, 1975, pp. 543-549.

Ora, nas sociedades modernas, a identidade tende a medir-se pela identificação que se tem com as instituições. Esta identificação põe-se, na presente análise, a três níveis: o nível da paróquia, o nível da diocese e o nível da Igreja universal.

Quanto ao primeiro nível, verifica-se que a maioria manifesta possuir um sentimento de forte identificação com a paróquia (56,50%). Alguns declaram ter mesmo um sentimento muito forte (24,70%). Apenas em 17,10%, haverá uma relação muito ténue.

QUADRO 52 — Sentimento de pertença à paróquia

Em percentagem

Pertença	Muito forte	Forte	Pouco forte	Nada forte	NS/NR	Total
	24,70	56,50	17,10	1,40	0,30	100,00

A natureza desta identificação não se mostra, contudo, igual para todos. 55,60% envolvem, na mesma identidade, o ser habitante de um lugar e a qualidade de pertença a uma comunidade religiosa. A destrição destas duas dimensões é, de ordinário, difícil de estabelecer no espírito das pessoas. Trata-se de uma região até há bem pouco tempo marcada pela ruralidade, situação em que as relações comunitárias estão profundamente arraigadas. Neste contexto, "a aldeia, dotada de uma cultura própria e garantida na sua estabilidade através do controlo ecológico, constitui, para os habitantes, o lugar de confiança incondicional, baseada no carácter personalizado e afectivo da relação" ⁴⁰. É, no entanto, superior a percentagem dos que se declaram a favor de uma identificação com a comunidade religiosa à dos que afirmam que a sua identidade se define, neste aspecto, unicamente pela pertença a uma terra e a um povo. É irrelevante o número daqueles em que a terra ou a comunidade religiosa não entram nos processos sociais de construção da identidade.

⁴⁰ RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane - - *A Cidade: Rumo a uma nova Definição?*, Porto, Afrontamento, 1994, p. 30.

Religiosidade difusa e identidade confessional

QUADRO 53 — Sentimento mais vivo da pertença

Em percentagem

Predomina na pertença		
0 sentimento de	pertença a uma terra-povo, habitante de um lugar	8,70
0 sentimento	pertença à comunidade religiosa — paróquia	28,00
Às duas coisas		55,60
Nem uma	nem outra	4,50
NS/NR		3,20
Total		100,00

A consciência da identidade, a nível diocesano, aparece, do mesmo modo, relativamente difusa. É de sublinhar que o grau de comunhão com o papa é idêntico ao de comunhão com o bispo. Em relação a ambos sobe, de modo particular, a percentagem dos que não sabem ou não respondem.

QUADRO 54 — O sentimento de comunhão com a Igreja

Em percentagem

	Sim	Não	NS/NR	Total
Comunhão com o papa	71,00	8,10	20,90	100,00
Comunhão com o bispo	71,90	7,70	20,40	100,00

Existe um forte sentimento de comunhão quer com o papa quer com o bispo. Mas há uma consciência ainda mais difusa de pertença à igreja. Trata-se de uma verdadeira e profunda identificação confessional. Não se fazem sentir muito, no meio, os efeitos de erosão dessa consciência, dando origem, em diversas regiões da Europa, a uma simples consciência religiosa, que torna equivalentes todas as confissões.

QUADRO 55 — Consciência de pertença à Igreja

Em percentagem

Consciência de pertença à Igreja Católica	Sim	Não	NS/NR	Total
	95,70	3,20	1,10	100,00

Havendo uma forte identidade confessional, não significa, porém, que exista uma total adesão à doutrina da Igreja, quer no que se refere às suas crenças, quer no que concerne à moral por ela ditada. A identidade coexiste com a selecção de doutrinas, de normas e de práticas. O comportamento mais religioso não está privado de infidelidades mais profundas.

O grau de identidade e a consciência de distanciamento em relação ao seu *corpus* de doutrina e de moral correlacionam-se directamente com a sensibilidade que se possui em relação à proximidade da Igreja da vida das pessoas. Na grande maioria, pensa-se que a Igreja está bastante próxima.

QUADRO 56 — Proximidade da Igreja

Em percentagem

A Igreja deixou de estar próxima da vida das pessoas	Sim	Não	NS/NR	Total
	26,20	72,40	1,40	100,00

No mesmo plano se põe a questão da importância que é dada à religião no mundo de hoje. A maior frequência de respostas situa-se ao nível do muito importante (46,60%) e do importante (42,60%). Não tem muito significado a posição dos que lhe imputam pouca importância. Para alguns, a religião não deixa de ter, hoje em dia, acima dela, muitos outros valores, passando a ser um assunto de mera aceitação pessoal.

QUADRO 57 — Importância da religião no mundo de hoje

Em percentagem

Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	NS/NR	Total
46,60	42,60	8,80	0,9	1,10	100,00

A identidade religiosa é, em princípio, alimentada pelo grau de importância reconhecida à presença da Igreja na vida concreta das pessoas. Essa mesma importância poderá logicamente condicionar a adesão ao seu corpo doutrinário e ético.

Embora se mantenha o sentimento de pertença à Igreja, está em curso um certo declínio da crença e da prática religiosas. A imagem da Igreja degrada-se à medida que as suas prescrições morais deixam de influenciar a conduta individual e social. O declínio da crença em Deus não se faz, contudo, a favor de formas de agnosticismo, que excluem toda a manifestação de sacralidade. Entram em acção outros substitutos funcionais.

Uma vez que, com o aumento dos níveis de instrução e a mobilidade social ascendente, se vem operando uma certa desterritorialização e esta está ligada a alguma perda de identidade, poderá perguntar-se se a identidade confessional não se apaga à medida que se sobe na estrutura social. Poderá fundamentar esta hipótese o crescente carácter unidimensional da religião. Os detentores de cursos superiores revelam que o sentimento de pertença que envolve as duas realidades — comunidade religiosa e terra-povo — tende a aparecer com menos frequência.

QUADRO 58 — O sentimento de pertença segundo habilitações literárias

Em percentagem

	Pertença a terra-povo	Pertença a comunidade religiosa	As duas coisas	Nem uma coisa nem outra
Sem habilitações	2,50	40,00	55,00	2,50
1.º ciclo	5,40	32,60	59,80	2,20
2.º e 3.º ciclo	7,30	29,00	57,30	6,40
10.º-12.º anos	18,00	14,80	63,90	3,30
Curso médio	23,80	19,00	50,00	7,10
Curso superior	13,90	25,00	44,40	16,70

Com a subida da escolaridade, tendem a separar-se progressivamente os domínios religioso e profano, sendo neste último que as pessoas passam a situar-se mais. Verifica-se que, com o aumento dos níveis de instrução, o sentimento de pertença a uma terra-povo cresce e diminui o de pertença a uma comunidade religiosa. Idêntico fenómeno se nota a respeito da comunhão com o bispo e com o papa.

QUADRO 59- A comunhão com o papa e o bispo segundo habilitações literárias

Em percentagem

	Comunhão com o papa			Comunhão com o bispo		
	Sim	Não	NS/NR	Sim	Não	NS/NR
Sem habilitações	80,50	2,40	17,10	86,90	2,60	10,50
1.º ciclo	79,50	5,80	14,70	83,20	5,10	11,70
2.º e 3.º ciclo	63,20	7,70	29,10	62,60	8,40	29,00
10.º-12.º anos	58,30	11,70	30,00	51,90	13,50	34,60
Curso médio	69,20	10,30	20,50	68,60	8,60	22,80
Curso superior	54,80	22,60	22,60	46,70	16,70	36,60

Mas há também um movimento oposto a este e que contraria a sua orientação. A identidade confessional católica constrói-se na particularidade da família e de pequenas comunidades, mas afirma-se, desterritorializada, na universalidade da Igreja. Dada, porém, a configuração sócio-religiosa da região, a consciência de pertença à Igreja não se liberta da sua envolvente local.

QUADRO 60 — Consciência de pertença à Igreja segundo habilitações literárias

Em percentagem

	Sem habilitações	1.º ciclo	2.º e 3.º ciclos	10.º-12.º anos	Curso médio	Curso superior
Sim	97,50	98,30	93,70	98,40	95,20	94,10
Não	2,50	1,70	6,30	1,60	4,80	5,90

A amostra foi construída para ser representativa a nível do concelho. A distribuição dos inquéritos por freguesia respondeu a um tal objectivo. Como há freguesias com uma população muito reduzida, os questionários administrados acabaram por não serem totalmente representativos delas, pelo menos, em alguns casos. As lógicas da representatividade dos concelhos e

das freguesias não são perfeitamente coincidentes. Para além de a amostra prever um número relativamente baixo de inquéritos para algumas paróquias, em razão do volume diminuto da sua população, há casos em que aqueles inquéritos não foram todos recolhidos.

Tentou-se agregar alguns indicadores de proximidade que possam mostrar a presença e a solicitude da Igreja em relação a vida humana. Pretende-se ver a percepção que as pessoas possam ter da acção da Igreja, tendo em conta as respectivas paróquias. Não se trata propriamente de um juízo de valor sobre a actividade desenvolvida pelos padres, mas mais da representação acerca da própria Igreja, que necessariamente extravasa o mero quadro paroquial.

Parece óbvio que onde se pensa que a Igreja está distante são também, em princípio, os lugares onde as pessoas possam estar mais disponíveis para aderir a outras confissões. A não resposta católica pode dar origem a novas procuras.

QUADRO 61 — Proximidade da Igreja em relação à vida humana por paróquia

Em percentagem

	O que traz a vida humana		Igreja está próxima da vida das pessoas		Resposta da paróquia a problemas sociais		Participação das pessoas na paróquia	
	Sofrimento	Alegria	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Aião	14,30	85,70	50,00	50,00	25,00	75,00	37,50	62,50
Airões	20,00	80,00	16,10	83,90	51,70	48,30	58,10	41,90
Borba de Godim	—	100,00	—	100,00	100,00	—	100,00	—
Caramos	25,00	75,00	50,00	50,00	40,00	60,00	60,00	40,00
Friande	6,70	93,30	25,00	75,00	78,60	21,40	25,00	75,00
Idães	26,30	73,70	20,00	80,00	42,10	57,90	75,00	25,00
Jugueiros	44,40	55,60	22,20	77,80	33,30	66,70	38,90	61,10
Lagares	51,90	48,10	46,20	53,80	23,10	76,90	25,00	75,00
Lordelo	40,00	60,00	20,00	80,00	—	100,00	80,00	20,00
Macieira da Lixa	24,10	75,90	16,70	83,30	23,30	76,70	36,70	63,30
Margaride	40,50	59,50	33,30	66,70	70,90	29,10	34,90	65,10
Moure	35,30	64,70	17,60	82,40	35,30	64,70	66,70	33,30
Pedreira	36,80	63,20	36,80	63,20	66,70	33,30	36,80	63,20

Em percentagem

	O que traz a vida humana		Igreja está próxima da vida das pessoas		Resposta da paróquia a problemas sociais		Participação das pessoas na paróquia	
	Sofrimento	Alegria	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Penacova	38,50	61,50	35,70	64,30	73,30	26,70	66,70	33,30
Pinheiro	7,70	92,30	15,40	84,60	25,00	75,00	46,20	53,80
Pombeiro	12,50	87,50	32,00	68,00	24,00	76,00	32,00	68,00
Rande	33,30	66,70	22,20	77,80	80,00	20,00	50,00	50,00
Refontoura	22,20	77,80	26,30	73,70	42,10	57,90	55,60	44,40
Regilde	22,20	77,80	20,00	80,00	60,00	40,00	—	100,00
Revinhade	16,70	83,30	—	100,00	71,40	28,60	85,70	14,30
Santão	—	—	—	—	—	—	—	—
Sendim	38,90	61,10	33,80	63,20	44,40	55,60	31,60	68,40
Sernande	—	100,00	22,20	77,80	50,00	50,00	66,70	33,30
Sousa	28,60	71,40	28,60	71,40	14,30	85,70	42,90	57,10
Torrados	19,20	80,80	15,40	84,60	68,00	32,00	61,50	38,50
Unhão	25,00	75,00	25,00	75,00	66,70	33,30	83,30	16,70
Várzea	26,10	73,90	41,70	58,30	43,50	56,50	54,20	45,80
Varziela	26,10	73,90	8,70	91,30	68,20	31,80	47,80	52,20
Vila Cova da Lixa*	—	100,00	33,30	66,70	33,30	66,70	100,00	—
Vila Fria	37,50	62,50	11,10	88,90	66,70	33,30	88,90	11,10
Vila Verde	25,00	75,00	25,00	75,00	87,50	12,50	62,50	37,50
Vizela(S. ^{to} Adrião)	58,30	41,70	16,70	83,30	70,00	30,00	41,70	58,30
Vizela (S. Jorge)	50,00	50,00	37,50	62,50	75,00	25,00	50,00	50,00

Os padres são os principais construtores da identidade dos fiéis. A pertença religiosa depende também das relações de proximidade afectiva com os que transmitem a mensagem. A imagem que reflectem aparece, contudo, contrastada. São valorizados os itens referentes à proximidade das pessoas, ao seu empenhamento nas tarefas que são do seu múnus e a compreensão que mostram ter em relação aos outros. Parece haver algum défice quanto ao ideal que os norteia, à alegria que manifestam e sobretudo ao desinteresse que revelam pelos bens económicos.

QUADRO 62 — Posicionamento dos sacerdotes

Em percentagem

	Sim	Não responem		Sim	Não responem
Próximos das pessoas	65,30	34,70	Distantes das pessoas	7,70	92,30
Alegres	36,20	63,80	Tristes	3,50	96,50
Empenhados	59,60	40,40	Alheios a tudo	1,50	98,50
Com ideal	40,40	59,60	Sem ideal	1,70	98,30
Desinteressados	11,20	88,80	Apegados ao dinheiro	14,20	85,80
Compreensivos	48,00	52,00	Autoritários	13,80	86,20

Nas respostas e face a uma tabela que apresenta de um lado aspectos mais positivos e, do outro, aspectos mais negativos, a atenção centra-se mais nos primeiros.

No seu conjunto, pode afirmar-se, com base nos dados recolhidos, que o clero goza de uma boa imagem. Na generalidade são muito bem aceites e a opinião geral é-lhes favorável.

Nas sociedades de hoje, tende a haver uma identidade religiosa recomposta. Esta identidade pode não implicar um ligame muito forte com a organização religiosa. Apesar do relativo desencantamento que, por alguns lados, se vai mostrando em relação à religião, na região em estudo, a identidade católica mantém-se forte. São vários os elementos que concorrem para a formação da identidade confessional. A identidade traduz-se quer pela grande adesão a representações e práticas da Igreja Católica, quer pela recusa de outras confissões.

14. Da identidade ao reconhecimento de outras confissões

Como a identidade se constrói na relação com o outro, sendo, ao mesmo tempo, uma identificação, enquanto integração num conjunto, e uma identização, enquanto afirmação e separação de outros ⁴¹, cada um

⁴¹ FERNANDES, António Teixeira — *Poder Autárquico e Poder Regional*, Porto, Brasília Editora, 1997, pp. 103-112.

constitui a relação consigo mesmo através da comunicação com o outro. A análise da relação com outras confissões pode ser um bom indicador da mesma identidade. Há, por vezes, posicionamentos equidistantes que resultam da percepção de alguma contradição existente entre a afirmação dos princípios religiosos e a sua efectivação prática, desde logo nas suas próprias vidas. Simone Weil traduz esta contradição nos seguintes termos: "Quando leio o catecismo do Concílio de Trento, parece-me que ele não tem nada de comum com a religião que aí é exposta. Quando leio o Novo Testamento, os místicos, a liturgia, quando vejo celebrar a missa, sinto como que uma espécie de certeza de que esta fé é a minha, ou mais exactamente, que seria a minha sem a distância posta entre mim e ela pela minha imperfeição. Isto cria uma situação espiritual penosa. Queria torná-la, não menos penosa, mas mais clara.(...) Vou enumerar-vos um certo número de pensamentos que habitam em mim desde há anos (ao menos alguns) e que constituem obstáculo entre mim e a Igreja.(...) Se estes pensamentos são verdadeiramente incompatíveis com a pertença à Igreja, não há então muita esperança de que alguma vez possa participar nos sacramentos. Se assim é, não vejo como possa evitar o ter de concluir que tenho por vocação ser cristã fora da Igreja. A possibilidade de uma tal vocação implicaria que a Igreja não fosse católica de facto, como ela o é de nome, e que ela deva um dia tornar-se tal, se está destinada a cumprir a sua missão" ⁴². Alguns católicos, sem atingirem o mesmo nível de tematização, parecem agir, com a consciência que lhes é própria, de modo idêntico. Suportam a sua contradição na trama de outras contradições em que a vida os coloca.

A grande maioria da população estudada não reconhece, porém, que todas as religiões possam ser perfeitamente equivalentes. Há um número consideravelmente alto que pensa que só uma religião é verdadeira (71,70%). No lado oposto, apenas 6,00% são de opinião de que as religiões são todas iguais. Cresce, no entanto, o número dos que não sabem o que pensar. A presença das diversas confissões, com "produtos" diferenciados que lançam no "mercado" religioso, faz com que se vá perdendo a rigidez quanto à sua tradicional rejeição.

⁴² WEIL, Simone — *Lettre à un Religieux*, Paris, Gallimard, 1951, pp. 7-10.

QUADRO 63 — **Opinião em relação às religiões**

Em percentagem

Posição em relação à religião	
As religiões são todas iguais	6,00
Só uma religião é verdadeira	71,70
Hoje, a questão da religião não tem importância	4,30
Não sei o que pensar	15,00
NS/NR	3,00
Total	100,00

Esta posição concernente a verdade exclusiva de uma religião é ditada em termos de afirmação de princípio. Existem muitas seitas religiosas no meio, mas unicamente 44,00% dos inquiridos têm conhecimento do facto. A maioria ignora-o, o que significa que a sua visibilidade não será muito grande.

QUADRO 64 — **Existência de seitas nas paróquias**

Em percentagem

Existem seitas na sua freguesia?	Sim	Não	NS/NR	Total
	44,00	52,00	4,00	100,00

Em algumas paróquias, poucos as reconhecem, enquanto noutras a indicação é recorrente. A pesquisa realizada, para além de querer revelar a sua presença ou ausência, pretendia sobretudo mostraria sua visibilidade perante a população. Se há paróquias onde quase ninguém as refere, outras existem onde quase todos as nomeiam. O conhecimento deste fenómeno não está igualmente difundido.

Com base nas respostas obtidas através dos inquéritos, é possível saber como se distribuem pelo concelho. Quando se diz no quadro seguinte que "não constam", quer-se apenas significar que não aparecem referidas no inquérito.

António Teixeira Fernandes

Seitas expressamente referidas nos inquéritos

QUADRO 65 — Seitas assinaladas por paróquia

Aião	Evangélica Cristã, Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus
Airões	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná
Borba de Godim	Testemunhas de Jeová
Caramos	Testemunhas de Jeová
Friande	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná, Igreja Evangélica
Idães	Não constam
Jugueiros	Testemunhas de Jeová, outras não designadas
Lagares	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná, Encontro de Paz da Convenção das Igrejas Baptistas, Igreja Evangélica
Lordelo	Testemunhas de Jeová
Macieira da Lixa	Testemunhas de Jeová, "Os Pastorinhos", "Comunidade de Base de Macieira da Lixa" ou "Seita do Padre Mário", Igreja Universal do Reino de Deus
Margaride	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná, Encontro de Paz da Convenção das Igrejas Baptistas, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Evangélica.
Moure	Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Maná.
Pedreira	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná
Penacova	Não constam
Pinheiro	Testemunhas de Jeová
Pombeiro	Não constam
Rande	Testemunhas de Jeová
Refontoura	Testemunhas de Jeová, Igreja Evangélica, Igreja Universal do Reino de Deus
Regilde	Não constam
Revinhade	Igreja Maná
Santão	—
Sendim	Testemunhas de Jeová
Sernande	Testemunhas de Jeová
Sousa	Não constam
Torrados	Testemunhas de Jeová, Igreja Maná, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Evangélica
Unhão	Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus
Várzea	Testemunhas de Jeová, Igreja Evangélica
Varziela	Testemunhas de Jeová
Vila Cova da Lixa	Testemunhas de Jeová, Igreja Evangélica
Vila Fria	Não constam
Vila Verde	Testemunhas de Jeová
Vizela (S.to Adrião)	Testemunhas de Jeová, Igreja Universal do Reino de Deus
Vizela (S. Jorge)	Não constam

Alguns inquiridos revelam pertencer a essas mesmas seitas. Um deles, quando se pergunta se existem seitas na paróquia, responde a "Igreja Católica". Outros, sendo católicos, dizem, por vezes, que se trata apenas de "alguns membros". Há mesmo quem afirme que "as novas seitas apenas agradam e são aceites por quem é fraco espiritualmente e encontra uma solução aí para se realizar pessoalmente". Não quer dizer que, em todas as paróquias, existam centros de cultos, mas também não se afirma o contrário. O *Prontuário Evangélico* regista as seguintes Igrejas Evangélicas no concelho de Felgueiras: "Paz — Igreja Cristã" (Independente), a Igreja Centro Cristão Vida Abundante, Encontro de Paz da Convenção das Igrejas Baptistas, a Congregação Cristã em Portugal ⁴³. De salientar, é o facto de se radicarem neste concelho, com alguma frequência, grupos dissidentes ou evangélicos radicais. Ignora-se se, desde a data da publicação daquele *Prontuário*, terão surgido outros grupos.

As seitas religiosas estão presentes em todas ou na grande maioria das paróquias, sendo avaliadas de forma negativa em relação à Igreja Católica. Não são consideradas como capazes de darem uma resposta adequada aos problemas do homem de hoje. Mas, se a opinião pública é altamente favorável, na actualidade, à Igreja Católica, é também já significativa a percentagem dos que pensam que os padres católicos são igualmente ou ainda menos apostólicos do que os pastores protestantes.

QUADRO 66 — Representação das seitas em relação à Igreja Católica

Em percentagem

Seitas	Mais adequadas	Tão adequadas	Menos adequadas	NS/NR	Total
	4,30	8,30	83,90	3,50	100,00

Embora seja grande, na modernidade, a tendência para a homogeneização das representações, no meio estudado, está-se longe da afirmação de que todas as religiões são iguais. Não se verifica um processo de homogeneização das sub-culturas confessionais. Existe, ao contrário, uma nítida oposição. É dominante o sentimento de que os membros da Igreja Católica vivem

⁴³ ALMEIDA, F. Resina de — *Prontuário Evangélico*, Núcleo, Queluz, 1995, p. 72-73.

mais intensamente a sua religião e persiste um preconceito generalizado em relação às seitas e aos movimentos religiosos. A situação tradicional de concepção da Igreja Católica como única e exclusiva detentora da verdade continua a pesar sobre a mentalidade geral.

QUADRO 67 — Intensidade da vivência religiosa

Em percentagem

Vivem mais intensamente a i sua religião		
Os membros	da Igreja Católica	53,10
Os	das seitas e dos novos movimentos religiosos	41,90
NS/NR		5,00
Total		100,00

Este sentimento manifesta-se mais fortemente em relação à exclusão das seitas do que em relação ao reconhecimento da intensidade da vivência da religião na Igreja Católica, e nas seitas e nos movimentos religiosos. Neste último caso, os valores percentuais aproximam-se. Rejeitam-se as seitas, mas tem-se consciência de que elas procuram viver autenticamente os ideais em que acreditam.

Possui-se uma imagem mais positiva dos padres católicos. Reconhece-se que exercem uma actividade mais apostólica do que os pastores das diferentes confissões religiosas. Mas vão sendo também bastante significativas as percentagens dos que consideram os sacerdotes como igualmente apostólicos ou mesmo como menos apostólicos do que aqueles pastores.

A relatividade da verdade e da ética resulta do abandono da unicidade do crer. As formas politeístas do crer geram um espírito de grande tolerância em relação à sua diversidade e uma enorme facilidade na passagem das fronteiras que separam as denominações. Em certos casos, poderá haver mesmo algum contacto com outras confissões.

O mundo moderno está imerso numa cultura em movimento e o constante movimento dá origem à incerteza. As diversas instituições e os diferenciados quadros da existência são profundamente afectados por esse movimento. Acrescem ainda as condições de relativa precariedade, nomeadamente em relação ao trabalho e à saúde. As pessoas tendem, nesta situação complexa, a navegar à vista. Não ousam o alto mar, porque carecem de instrumentos que lhes indiquem o rumo a seguir. Ficam à deriva. Não sabem guiar-se pelas estrelas. As seitas religiosas, de ordinário, não fazem mais do que capitalizar bem o potencial de mal-estar e de descontentamento que

grassa nas actuais sociedades. As pessoas, por sua vez, com o alargamento do "mercado" religioso, transformado em *self-service*, tendem, não raro, a flutuar ao sabor das suas disposições ou necessidades de momento. Algumas frequentam tanto as seitas como a Igreja Católica, assim como tanto procuram a bruxa como os serviços religiosos.

QUADRO 68 — A apostolicidade do clero católico

Em percentagem

A acção dos padres da Igreja Católica é	
Mais apostólica	63,90
Igualmente apostólica	17,90
Menos apostólica	12,80
NS/NR	5,40
Total	100,00

Os homens tendem a dizer que os padres católicos são mais apostólicos. As mulheres são as que mais afirmam que são igualmente apostólicos. Seria importante saber quais destas categorias (sexo, grupos etários e profissões) aderem mais às seitas, em termos de efectiva filiação.

Comparando a acção desenvolvida pela Igreja Católica com a que é promovida pelas seitas e pelos movimentos religiosos, constata-se que a imagem do clero católico aparece particularmente desgastada entre operários, quadros e industriais, isto é, no mundo do trabalho.

QUADRO 69 — A visão dos padres católicos segundo sexo, profissão e idade

Em percentagem

	Mais apostólica	Igualmente apostólica	Menos apostólica
Homem	71,80	14,70	13,50
Mulher	64,20	22,00	13,80
Agricultor	83,30	8,90	7,80
Operário	65,90	23,10	—
Quadro	56,60	23,00	20,40
Industrial	70,20	12,30	17,50
15-24 anos	57,00	27,30	15,70
25-44 anos	64,50	21,60	13,90
45-59 anos	75,60	11,00	13,40
60 e mais anos	77,90	11,70	19,40

À medida que se envelhece, mais se reconhece o trabalho dos padres católicos. Paralelamente, quanto mais jovem se é, mais se julga que os padres católicos são igualmente ou menos apostólicos do que os pastores das seitas.

Há que ter em conta o conhecimento da actividade desenvolvida no interior das seitas e dos movimentos religiosos e do desempenho neles da acção dos respectivos pastores. Este conhecimento aparece desigualmente distribuído, pondo em causa porventura a avaliação que deles é feita. Desconhece-se se a avaliação é fruto de um juízo pessoal ou resulta de um preconceito difundido.

Não é objectivo da presente análise tentar medir, de forma expressa, o grau de adesão ou de agressividade eventualmente existente entre as diversas confissões. A agressividade pode ser avaliada, de modo indirecto, pelos indicadores acabados de referir.

Parece existir, de facto, nesta região, uma perfeita dominação do campo religioso por parte da Igreja Católica. As seitas e os movimentos religiosos têm pouca possibilidade de desenvolvimento, dado o relativo fechamento revelado pelas pessoas a outras aberturas.

14. Da identidade ao empenhamento

A identidade e nomeadamente a identificação, em que na actualidade tende a exprimir-se a identidade, revela-se ainda através do empenhamento das pessoas em actividades directa ou indirectamente inspiradas ou desenvolvidas pela Igreja Católica.

14.1. Sensibilidade e empenhamento em actividades sociais.

A tendência para o empenhamento em actividades sociais está, normalmente, na razão directa de um interesse. Este interesse, por sua vez, é tanto maior quanto maiores são os dividendos colhidos da acção colectiva⁴⁴. Tende a haver um envolvimento nulo oii mínimo em actividades em que todos recebem igualmente os mesmos benefícios, independentemente do contributo dado.

Existem, contudo, empenhamentos que são ditados por ideais humanitários ou religiosos, e não por interesses. Estes são uma função da sensibi-

⁴⁴ OLSON, Mancur — *Logique de VAction Collective*, Paris, PUF, 1978.

lidade que se tem em relação às injustiças existentes no meio em que se vive, ou da generosidade que se está disposto a investir.

O empenhamento pode estar directamente ligado à realização pessoal. A realização tende a manifestar-se, quer sob a forma de projecto de transformação social, quer sob a forma de projecto de desenvolvimento individual. A religião assume frequentemente uma função emancipadora ou conservadora, de acordo com a formação recebida e a reflexividade que a realidade circundante desperta.

Ora, acontece que, na região estudada, a grande maioria sente-se rodeada de injustiças (81,90%). Somente 16,80% se revelam insensíveis ao fenómeno.

QUADRO 70 — Consciência da injustiça no meio social envolvente

Em percentagem

Injustiças no meio	Sim	Não	NS/NR	Total
	81,90	16,80	1,30	100,00

As injustiças mais gritantes, como problemas que afligem as pessoas, são a toxicoddependência, a pobreza e a exclusão social, a violência na família e a exploração infantil. A exclusão social apresenta hoje formas morfológicas e sintomológicas diferentes das da pobreza, que nem sempre são vistas como distintas. Podem, por isso, ser englobadas.

QUADRO 71 —Tipos de injustiças existentes no meio

Em percentagem

	Sim	Não respondem à questão
Pobreza	52,00	48,00
Abandono da escola	22,40	77,60
Violência na família	32,40	67,60
Exclusão social	20,40	79,60
Exploração infantil	30,60	69,40
Abandono dos idosos	34,70	65,30
Abuso sexual de crianças	14,90	85,10
Criminalidade	23,90	76,10
Toxicoddependência (droga)	57,10	42,90
Pessoas sós	25,30	74,70

A criminalidade, particularmente a associada ao consumo de droga, e a pobreza e a exclusão social são fenómenos bastante generalizados, atingindo as diversas regiões do país, indiferentemente do seu carácter urbano ou rural.

Merecem ser sublinhados a violência na família, o abandono de idosos, a exploração infantil e o abuso sexual de crianças⁴⁵. Os atentados à dignidade humana na pessoa dos mais fragilizados — crianças, idosos e provavelmente mulheres — aparecem aqui bem patentes. Trata-se de grupos etários e de relações familiares que exigem uma acção adequada e eficaz, no sentido de debelar as causas e os focos de expressão deste tipo de violência. A construção social do ser masculino e do ser feminino forma, de ordinário, a base de expressão das suas diversas modalidades.

As relações entre os sexos são também relações de desigualdade e de poder. O convívio conjugal não se exprime unicamente na afectividade, no amor e na paixão, mas ainda no poder e na força. Na análise da violência, devem conjugar-se, por isso, a distribuição do poder e os investimentos subjectivos afectivos, perspectiva que ajuda a compreender a família no seu todo, e não somente os seus elementos individualizados. Mais do que de vítimas da violência, parece tratar-se de lares violentos.

A agressividade não pode, além disso, ser considerada como tendo na sua base ou como seu objectivo o desgaste ou a destruição da relação conjugal. Há que entendê-la ainda como restauração da ordem tida como necessária a essa mesma relação. A agressividade revela-se frequentemente como expressão de poder e como exigência disciplinar.

A violência familiar apresenta diferentes valências e desenvolve-se em diversos registos: da afectividade e da sexualidade, da hierarquia de género, e da igualdade amorosa. No entender de Simone Weil, "desde que a sociedade se fechou aos jovens, a vida familiar reveste-se de ansiedade constante. A geração, cuja vida se caracteriza pela expectativa febril do futuro, vegeta no mundo inteiro, consciente de que não possui qualquer futuro, de que não existe, para ela, qualquer lugar no Universo. Sendo sem dúvida mais agudamente ressentido pelos jovens, tal mal é porém comum de toda a humanidade do nosso tempo. Vivemos numa época privada de futuro. A expec-

⁴⁵ FERNANDES, António Teixeira — *O Estado Democrático e a Cidadania*, Porto, Afrontamento, 1998, pp. 59-90 e 241-260.

⁴⁶ WEIL, Simone — *Opressão e Liberdade*, Lisboa, Moraes Editora, 1964, p. 66.

tativa do porvir, não é mais esperança, mas angústia" ⁴⁶. Neste contexto de indefinição, e até mesmo de certa ocultação do presente e do futuro, aumenta a agressividade e tornam-se frequentes os conflitos domésticos e conjugais permeados por agressões físicas e verbais recíprocas.

A violência interpessoal nas relações conjugais e nas relações dos pais com os filhos tem ainda a ver com o facto do conceito dos direitos do homem não ter ainda penetrado na mentalidade geral, de forma a abarcar toda e qualquer pessoa na sua dignidade própria.

Compreende-se a percentagem elevada de exploração infantil e de abandono da escola, tratando-se de uma região de industrialização difusa, com grandes taxas de trabalho de crianças. Pensa-se na família como um ideal e pratica-se a exploração e a abjecção. Esta civilização da abundância e do conforto, sendo capaz do melhor, contém também em si um forte potencial de destruição, até mesmo da esperança do futuro e da própria vida.

Os dados em presença contrastam, na verdade, abertamente com a avaliação positiva que acima é feita da família. São as contradições inerentes à vida social, na sua tendência simultânea para a adesão a ideias e práticas idealizadas, e para a sua negação no concreto do quotidiano. Mas a humanidade não pode consentir por muito tempo estes maus-tratos, sem se negar a si mesma. E não podem silenciar-se as vozes dos que se proclamam ao serviço do homem, quer na esfera civil quer na religiosa. É um domínio para o qual todos os esforços terão de convergir.

Quanto à obrigação que possa ter a Igreja de contribuir para a solução dos problemas, existe uma imensa unanimidade. A grande maioria é de parecer que a Igreja não pode permanecer indiferente ao estendal de problemas com que se confronta a humanidade. Alguns (12,60%) terão da acção da Igreja uma concepção porventura mais espiritualista, se não de passividade. Serão portadores de uma religiosidade extra-mundana, mais centrada sobre si mesma, em contraste com uma religiosidade intra-mundana que parece ser a dominante.

QUADRO 72 — O contributo da Igreja para a solução dos problemas sociais

Em percentagem

A Igreja deve dar um contributo	Sim	Não	NS/NR	Total
	84,70	12,60	2,70	100,00

Não parece haver, todavia, um global empenhamento nessa acção da Igreja. A percentagem dos que pensam que nem todos devem desempenhar tarefas na Igreja é ligeiramente superior à dos que recusam a esta a obrigação de lutar pelo bem-estar das sociedades. Há aqui um pequeno desvio em relação ao Quadro anterior. Este desvio traduz a distância entre o que se pensa deva ser feito e o que se pensa devam todos fazer. Fica por saber o que cada um está disposto a fazer.

QUADRO 73 — A participação de todos nas tarefas na Igreja

Em percentagem

Tarefas	Sim	Não	NS/NR	Total
	79,40	16,40	4,20	100,00

A grande maioria admite a interpenetração das realidades religiosas e temporais. A vida é una, sendo difícil separar dimensões que se compõem organicamente num todo. Apenas no plano formal, isso é possível. Há quem advogue, no entanto, a total separação.

QUADRO 74 — Como deve o homem de hoje viver a sua vida?

Em percentagem

Vida	Separando as tarefas que são do mundo das que são da Igreja	Associando as duas tarefas	NS/NR	Total
	9,40	88,40	2,20	100,00

Interessa saber se essa separação traduz uma vontade de conferir à vivência da religião uma pureza maior, sem contaminação com o mundo, ou se se pretende conservar a actividade temporal fora da influência da religião.

Religiosidade difusa e identidade confessional

QUADRO 75 — Modalidades de crença e atitude perante a religião

Em percentagem

	Céptico	Agnóstico	Crente	Sem religião	Indiferente	Ateu	Descrente	Deísta
Separação das tarefas	9,10		8,40		57,70	100,00	33,30	
Associação das tarefas	90,90	100,00	91,60	100,00	42,90	—	66,70	—
Todos devem	70,00	66,70	84,80	50,00	2,90	—	33,30	100,00
Nem todos devem desempenha	30,00	33,30	15,20	50,00	7,10	100,00	66,70	—

Há uma forte relação entre o ser crente e a afirmação da necessidade de associação das tarefas que são do mundo com as que são da Igreja (91,60%). A relação parece ser perfeitamente lógica numa concepção de religião em que há uma acção e uma salvação intra-mundanas. Existe, todavia, um relativo desvio quando se passa da afirmação de princípio a um eventual — também aqui de princípio — empenhamento concreto. Neste caso, a percentagem dos que dizem que todos se devem empenhar na actividade desce para os 84,80%. O facto poderá indiciar alguma reserva em relação a uma consequente acção pessoal.

Não se considera que a caridade cristã seja tarefa/obrigação de toda a comunidade, numa relação profunda com a justiça social e a solidariedade. Se 57,90% estão totalmente de acordo, 39,40% apenas concordam em parte. O cristianismo não é entendido, por todos, também como uma relação de comunhão humana e de luta a favor da justiça social e da solidariedade.

QUADRO 76 — A caridade cristã como tarefa de todos

Em percentagem

Acordo	Total	Em parte	De modo nenhum	NS/NR	Total
	57,90	39,40	1,40	1,30	100,00

Aquela visão é compreensível se se tiver em conta a capacidade que cada um possa ter para um maior empenhamento. Reconhece-se que os cristãos não terão formação suficiente para se dedicarem verdadeiramente a actividades a favor da justiça. A grande maioria admite que possui somente alguma formação.

QUADRO 77 — Formação necessária à luta pela justiça e pela solidariedade

Em percentagem

Muita	Alguma	Nenhuma	NS/NR	Total
8,70	83,60	" 6,50	1,20	100,00

O empenhamento a favor da justiça e da solidariedade aparece correntemente na razão directa da sensibilidade que se tem para isso. Esta sensibilidade é, por sua vez, uma função da formação adquirida, nomeadamente nestes domínios.

Tentou-se construir um quadro de indicadores de pertença por paróquia, agregando alguns indicadores como o sentido de ser cristão, o grau de pertença à Igreja, a comunhão com o papa e com o bispo, a concordância com a doutrina da Igreja acerca de várias questões, a afirmação de que todos devem exercer funções na Igreja, a importância da comunidade paroquial e a exigência de maior participação.

Destes indicadores, alguns mostram-se irrelevantes, porque as variações são mínimas nas diferentes paróquias. Há uma quase unânime distribuição dos seguintes indicadores: o sentido do ser cristão para a sociedade, consciência de pertença à Igreja Católica, o sentimento de que continua a ter sentido a paróquia como comunidade e de que as pessoas devem participar mais na actividade pastoral. O quadro do indicador composto de pertença limita-se, por isso, a poucas variáveis.

Religiosidade difusa e identidade confessional

QUADRO 78 — Indicadores de pertença

Em percentagem

	Comunhão com o papa			Comunhão com o bispo			Concordância com a doutrina da Igreja			Participação de todos	
	Sim	Não	NS	Sim	Não	NS	Total	Parcial	Nenhuma	Sim	Não
Aião	75,00	—	25,00	83,30	—	16,70	25,00	75,00	—	87,50	12,50
Airões	87,10	—	12,90	86,70	—	13,30	51,60	48,40	—	79,30	20,70
Borba de Godim	100	—	—	—	—	—	100	—	—	100	—
Caramos	60,00	—	40,00	50,00	—	50,00	25,00	75,00	—	100	—
Friande	66,70	6,70	26,60	69,20	7,70	23,10	56,30	43,70	—	75,00	25,00
Idães	85,00	10,00	5,00	83,30	5,60	11,10	52,60	47,40	—	75,00	25,00
Jugueiros	75,00	18,80	6,20	66,70	13,30	20,00	38,90	61,10	—	81,30	18,70
Lagares	57,70	11,50	30,80	64,00	12,00	24,00	46,40	46,40	7,20	88,90	11,10
Lordelo	80,00	—	20,00	80,00	—	20,00	20,00	80,00	—	100	—
Macieira da lixa	77,00	3,80	19,20	73,90	4,30	21,80	58,60	41,40	—	82,80	17,20
Margaride	58,50	17,10	24,40	56,90	13,90	29,20	37,60	61,20	1,20	67,90	32,10
Moure	64,70	5,90	29,40	62,50	6,30	31,20	11,80	88,20	—	93,30	6,70
Pedreira	73,70	5,30	21,00	78,60	7,10	14,30	15,80	73,70	10,50	84,20	15,80
Penacova	73,30	6,70	20,00	80,00	6,70	13,30	66,70	33,30	—	86,70	13,30
Pinheiro	91,70	—	8,30	92,30	—	7,70	53,80	46,20	—	91,70	8,30
Pombeiro	70,90	8,30	20,80	75,00	10,00	15,00	36,00	64,00	—	88,00	12,00
Rande	50,00	20,00	30,00	66,70	11,10	22,20	30,00	70,00	—	90,00	10,00
Refontoura	66,70	11,10	22,20	66,70	11,10	22,20	36,80	63,20	—	83,30	16,70
Regilde	55,60	11,10	33,30	50,00	12,50	37,50	20,00	80,00	—	77,80	22,20
Revinhade	100	—	—	100	—	—	100	—	—	100	—
Santão	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Sendim	64,80	17,60	17,60	62,50	25,00	12,50	57,90	42,10	—	72,20	27,80
Sernande	77,80	—	22,20	88,90	—	11,10	44,50	44,50	11,00	88,90	11,10
Sousa	76,90	7,70	15,40	80,00	—	20,00	42,90	57,10	—	84,60	15,40
Torrados	66,70	4,80	28,50	68,40	5,30	26,30	69,20	—	30,80	80,00	20,00
Unhão	91,70	—	8,30	100	—	—	83,30	16,70	—	91,70	8,30
Várzea	60,90	4,30	34,80	60,00	10,00	30,00	33,30	66,70	—	91,70	8,30
Varziela	86,40	—	13,60	88,20	—	11,80	56,50	43,50	—	100	—
Vila Cova da Lixa	100	—	—	100	—	—	33,30	66,70	—	100	—
Vila Fria	88,90	—	11,10	87,50	—	12,50	55,60	33,30	11,10	88,90	11,10
Vila Verde	71,50	—	28,50	85,70	—	14,30	50,00	50,00	—	75,00	25,00
Vizela (S.to Adrião)	66,70	—	33,30	63,60	—	36,40	41,70	58,30	—	91,70	8,30
Vizela (S Jorge)	62,50	25,00	12,50	57,10	28,60	14,30	37,50	50,00	12,50	87,50	12,50

O maior desvio não se encontra no domínio da comunhão com o papa ou com o bispo, nem sequer no entendimento quanto à necessidade que todos têm de desempenharem tarefas eclesiais, mas na docilidade à doutrina da Igreja. Há um sentimento de pertença e de comunhão, com uma aceitação selectiva dos seus princípios doutrinais e normativos. São, por outras palavras, católicos, mas não seguem as orientações católicas em todos os domínios da vida.

14.2. Funcionamento das obras sócio-culturais

Duvida-se de que existam, nas diversas paróquias, obras suficientes para se atender, de modo conveniente, aos problemas sociais. Equivalem-se as opiniões dos que estão disso convencidos e as que dizem o contrário.

QUADRO 79 — O volume de obras existentes nas paróquias

Em percentagem

Existem obras para se atender aos problemas sociais?	Sim	Não	NS/NR	Total
	48,60	46,00	5,40	100,00

Aprofundando-se o sentido destas respostas, verifica-se que são bastante baixas as percentagens relativamente a cada um dos atributos propostos. Não são, em geral, consideradas como suficientes, como adequadas e como bem orientadas. Como se constatou acima, à propósito do Quadro 62, também aqui as pessoas optam por preferir pronunciar-se mais pelos aspectos positivos do enunciado das questões. A sua avaliação negativa poderá exprimir-se sobretudo na recusa de resposta.

QUADRO 80 — Adequação das obras aos problemas existentes

Em percentagem

	Sim	Não respondem		Sim	Não respondem
Adequadas	24,60	75,40	Desadequadas	5,60	94,40
Suficientes Bem orientadas	24,00	76,00	Insuficientes	48,20	51,80
	27,90	72,10	Mal orientadas	9,30	90,70

Sobressai o parecer de que as obras serão insuficientes. De facto, a região, apesar do processo de industrialização acelerado, carece de infraestruturas tanto no domínio social como no cultural. Há obras que se pensa deviam ser promovidas, e a apreciação varia com as respectivas paróquias.

A Igreja tem tido, através dos tempos, a capacidade de promover e de controlar instituições, nomeadamente nas áreas da educação, dos serviços sociais e da política. Ela não pode, na verdade, retirar-se para dentro do recinto religioso. O seu presente e principalmente o seu futuro constroem-se nos espaços onde a vida pulsa, e o seu combate trava-se onde os homens trabalham e se relacionam. A existência do homem constitui um todo.

QUADRO 81 —Necessidades mais sentidas pelas paróquias

Obras reclamadas para a generalidade das paróquias:	Lares da 3. ^a idade, creches e jardins de infância, centro para jovens. A maior parte das referências incide sobre o apoio a crianças, jovens e idosos. Apela-se ao convívio e à solidariedade.	
Obras especialmente sentidas em algumas das freguesias:	Assistenciais:	Centro de atendimento e orientação (Sousa, Várzea), apoio a doentes (Sousa, Várzea, Aião), escutismo (Idães), posto médico (Idães), grupo de apoio a pobres e marginalizados (Idães, Vila Verde, Margaride, Pedreira), apoio a toxicod dependentes (Varziela, Jugueiros, Várzea, Margaride, Vila Verde), e reinserção de ciganos (Margaride)
	Culturais:	Bibliotecas (Idães), grupos culturais (Idães), análise da violência familiar (Várzea)
	Religiosas:	Centro paroquial (Idães, Várzea, Torrados, Semande, Pedreira, Aião, Refontoura, Varziela, Macieira da Lixa, Moure, Pinheiro, Regilde, Caramos, Sendim, Lordelo, Unhão, Friande), encontros familiares (Várzea), igreja nova (Lagares, Sendim), capela mortuária (Torrados, Lagares, Rande), Restauro da Igreja (Margaride, Sendim) e da residência (Jugueiros, Margaride).

A região encontra-se em processo de acelerada transformação e carece de algumas fundamentais infraestruturas de apoio. Existem problemas sociais inadiáveis. Preocupam sobremaneira as questões da toxicod dependência, da infância, da juventude e dos idosos. Estes últimos constituem um grupo etário extremamente fragilizado. Tratando-se de uma região industrializada, necessita de centros que possam receber as crianças durante as horas laborais. Mas mais do que desenvolver obras de apoio aos toxicod dependentes, há que promover a defesa da juventude, ocupando-a em actividades sociais e culturais. Apoiar os toxicod dependentes — tarefa que parece ser bem urgente — é atender sobretudo a sub-produtos desta sociedade em que se vive. É curar. Apoiar a juventude, para que não caia na droga e na criminalidade, é apostar na formação do mundo de amanhã. É construir. Torna-se necessário estar presente onde há que curar, mas sobretudo onde há que construir.

Revestem-se de particular importância, no meio, a violência na família, a exploração infantil e o abuso sexual de crianças. Existem freguesias onde não existe a consciência de que aí os problemas sejam muito graves. Noutras, tal consciência é suficientemente aguda.

Embora as pessoas, como se mostrou anteriormente, não encontrem na cultura uma fonte de religiosidade, existe uma esmagadora maioria que se pronuncia a favor de um maior empenhamento das freguesias em actividades culturais. A unanimidade torna-se quase absoluta. Nesta sociedade do conhecimento e da comunicação, parece carecer-se sobretudo de cultura. Esta constitui o meio natural do homem. O futuro da sociedade assim como das instituições religiosas joga-se no domínio da cultura.

QUADRO 82 — Empenhamento das paróquias em actividades culturais

Em percentagem

Empenhamento em actividades culturais	Sim	Não	NS/NR	Total
	95,10	4,50	0,40	100,00

As actividades que reúnem as maiores preferências são, por ordem decrescente, a criação de recintos culturais, as visitas de estudo, a reanimação de festas populares, o teatro e a instalação de bibliotecas. A reanimação das festas populares desempenha um papel relevante na afirmação da

identidade regional, porque são elementos de construção e de reconstrução social da memória colectiva. Revestem-se ainda de grande importância os concertos de música e as exposições de arte.

QUADRO 83 — **Actividades culturais a promover**

Em percentagem

	Sim	Não respondem	NS/NR
Concertos de música	24,10	74,60	1,30
Exposições de arte	20,40	78,30	1,30
Teatro	39,10	59,60	1,30
Visitas de estudo	47,90	50,80	1,30
Reanimação de festas populares	41,70	57,00	1,30
Criação de bibliotecas	31,00	67,70	1,30
Cinema	11,00	87,70	1,30
Criação de recintos culturais	50,30	48,40	1,30
Concursos	14,00	84,70	1,30

Muitas das actividades promovidas, por vezes, nas freguesias são de entretenimento, quando o que se busca é a cultura. A região em análise encontra-se, neste aspecto particular, em situação de grande carência.

14.3. Sensibilidade e empenhamento nas actividades religiosas

Tem-se a consciência de que a acção pastoral deve ser tarefa de todos. Na sua generalidade, as pessoas o pensam ou, ao menos, o declaram.

QUADRO 84 — **Dever de participação nas actividades pastorais**

Em percentagem

Dever de participar na actividade pastoral	Sim	Não	NS/NR	Total
	95,50	2,00	2,50	100,00

A predisposição para se participar nos serviços da paróquia, essa não corresponderá à necessidade que se sente. A maioria da população não está envolvida neste tipo de actividades. Parece haver abertura para o canto, para as leituras na liturgia, para a catequese e para a animação sócio-cultural. Trata-se de actividades onde os leigos podem sentir-se mais à vontade. Talvez não reconheçam ter formação suficiente para o desempenho de outras tarefas.

QUADRO 85 — Actividades em que as pessoas gostariam de participar

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Acólito	2,30	97,70
Leitor	16,20	83,80
Cantor	21,50	78,50
Catequese	19,90	80,10
Acolhimento	5,40	94,60
Zelador(a)	6,60	93,40
Equipa de liturgia	3,10	96,90
Equipa de preparação para o baptismo	3,50	96,50
Equipa de preparação para o casamento	6,00	94,00
Acção sócio-caritativa	7,70	92,30
Associações paroquiais	8,70	91,30
Animação sócio-cultural	13,70	86,30
Em nenhum	30,90	69,10

É de extrema urgência o adensamento do tecido associativo, tanto social como cultural. Com ele ganha a sociedade, porque vê diminuir os riscos de criminalidade e de desvio social; ganha o homem, pela sua construção em humanidade partilhada; ganha a Igreja, pela possibilidade que tem de ajudar a estruturar a personalidade das pessoas e de exercer influência na elaboração do seu sistema de valores.

Não haverá grande participação nas actividades da paróquia. A maioria afirma que não, mas há um número considerável que o faz.

QUADRO 86 — Participação em actividades da paróquia

Em percentagem

Participação	Sim	Não	NS/NR	Total
	46,90	52,30	0,80	100,00

Aqueles que participam fazem-no sobretudo mediante a inserção num movimento ou em outras actividades indiferenciadas.

QUADRO 87 — Modalidades de participação

Em percentagem

Associação	Irmandade	Movimento	Outro	Em vários	NS/NR
18,40	12,90	30,50	23,90	5,80	8,50

A participação é um indicador importante do sentido da identidade. Quanto maior é a identificação, mais tenderá a manifestar-se o empenhamento. Sem este, a paróquia perde em dinamismo e dificilmente será uma comunidade activa.

15. Processos de socialização religiosa

Parece não existirem hábitos muito arraigados de leitura de publicações religiosas. Destas, preferem-se as revistas e os jornais. Há mesmo quem confesse não ter qualquer gosto pela leitura.

QUADRO 88 — Publicações religiosas mais lidas

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Jornais	32,10	67,90
Revistas	34,60	65,40
Livros	24,60	75,40
Não gosta de ler	20,00	80,00

Quanto à leitura da Bíblia, uma das principais fontes de alimentação da vida espiritual dos cristãos, não se encontra uma assiduidade muito grande. Somente 4,00% declaram ler diariamente a Bíblia. A grande maioria lêem-na raramente ou nunca. Existe uma percentagem de 17,00% que fazem essa leitura com alguma frequência.

QUADRO 89 — **Leitura da Bíblia**

Em percentagem

Bíblia	Diariamente	Frequentemente	Raramente	Nunca	NS/NR	Total
	4,00	17,00	52,50	24,00	2,50	100,00

Parece ser opinião generalizada a afirmação de que a socialização religiosa deve ser promovida sobretudo durante a infância. À medida que se passa da referência dos grupos etários mais jovens aos mais velhos, vai-se afirmando uma menor necessidade de socialização religiosa. É imputada a estes uma maior formação religiosa (no suposto de que já a receberam na infância) e uma outra capacidade de discernimento e de conduta em harmonia com os princípios incorporados.

QUADRO 90 — **A quem deve ser dada a catequese**

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Crianças	75,50	24,50
Jovens	56,60	43,40
Adultos	27,20	72,80

É elevada a percentagem dos que pensam que deve haver catequese para jovens e para adultos. Nomeadamente a preocupação com os jovens manifesta-se a propósito de várias questões com que a população foi confrontada.

A Igreja esforça-se por traçar fronteiras entre crenças legítimas e crenças ilegítimas. Servem este objectivo a iniciação catequética e a imposição de uma ética. Tentando-se conservar a tradição, balizam-se, ao mesmo tempo, os limites do religioso e do sagrado face ao profano.

Entende-se que a formação religiosa deve ser ministrada na escola desde o primeiro ao 12.º ano. A grande maioria é favor das aulas de religião e moral nas escolas, mostrando, mais uma vez, através deste aspecto, que a juventude deve ser acompanhada com a maior atenção.

QUADRO 91 —A formação religiosa nas escolas deve ser dada do 1.º ao 12.º ano

Em percentagem

Formação religiosa	Sim	Não	NS/NR	Total
	86,30	12,50	1,20	100,00

A escola encontra-se, hoje em dia, também em processo de desinstitucionalização. Ela vem perdendo, em grande parte, a sua função de imposição de valores e de normas, e de atribuição de papéis, para se tornar o espaço de uma experiência que possibilita aos jovens descobrirem-se e afirmarem-se. A sua função educativa reside, cada vez mais, em permitir o desenvolvimento da capacidade de cada um construir a sua própria experiência, através da qual se descobre um sentido para o trabalho e para a vida. Obrigada a acolher juventudes diversificadas e relativamente autónomas, oferece-lhes a oportunidade de aprenderem a construir a sua experiência e a sua identidade. A formação das pessoas passa, cada vez menos, na verdade, pela educação como imposição de valores e de normas, e mais por experiências capazes de darem sentido à actividade desenvolvida e à vida. A pessoa é chamada a construir-se a si própria e a motivar-se. Quando a escola deixa de oferecer o sentido dos próprios estudos, esse esforço cabe aos próprios alunos. Quando ela não produz as motivações, essa passa a ser uma tarefa dos estudantes. Ninguém constrói ninguém. Ninguém esclarece ninguém. Cada um constrói-se, esclarece-se e forma-se, utilizando os materiais que encontra disponíveis nas experiências em que se envolve. Não existe outra alternativa numa situação de desinstitucionalização da escola e de quebra da relação directa entre os saberes que ela faz incorporar e as suas funções sociais, e num tempo em que é dado o primado à realização pessoal. A escola é cada vez menos uma função da sociedade e cada vez mais uma função da pessoa.

Neste novo contexto, as aulas de religião e moral podem ser questionadas. Este ensino era mais adequado ao tipo de escola de outrora e à forma do seu relacionamento com a sociedade. As mudanças introduzidas na escola

de massa levantam-lhe alguns problemas em termos de eficácia. Mais do que ensinada, a religião aprende-se por uma experiência. A questão será a de saber se a escola é o espaço apropriado para se realizar a experiência religiosa. Se é, resta conhecer como esta experiência religiosa se pode inserir naquela outra experiência que a escola tende a oferecer aos seus alunos. Se não for experiência, corre o risco de permanecer como realidade exterior à vida, como religião de conserva, perdendo o seu carácter de religião viva e de experiência vivida, fecundada e fecundante de todas as actividades.

Nem todos estão disponíveis para participar na acção colectiva de formação dos jovens. A percentagem dos indisponíveis é elevada. De entre os que gostariam de colaborar, a sua preferência vai para o trabalho com crianças. Em geral, não se sabe bem como lidar com a juventude, embora seja forte a impressão de que se tem que fazer alguma coisa em seu favor.

QUADRO 92 — Colaboração na catequese

Em percentagem

Com	Crianças	Jovens	Adultos	De modo nenhum	NS/NR	Total
	34,30	12,80	4,50	36,20	12,20	100,00

Os meios considerados mais adequados à socialização religiosa são sobretudo a organização de cursos apropriados, a catequese de adultos e as conferências. Existe uma menor receptividade aos retiros e a uma escola vicarial.

QUADRO 93 — Meios considerados necessários à formação cristã

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Catequese de Adultos	37,90	62,10
Cursos apropriados	61,60	38,40
Conferências	21,10	78,90
Escola vicarial	15,90	84,10
Retiros	18,90	81,10

Quando se trata de saber sobre que temas deveria incidir a formação religiosa, a preferência pelo conhecimento da Bíblia revela-se com toda a clareza. Segue-se o interesse pela análise dos problemas sociais. Embora anteriormente tenham sido apresentados indicadores reveladores de uma busca ansiosa da cultura, agora dissipa-se tal preocupação. Se não existe contradição, pelos menos, não deixa de haver alguma falta de lógica.

QUADRO 94 — **Temas sobre que deve incidir a formação**

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Bíblia	56,70	43,30
Igreja	37,70	62,30
Cristo	36,10	63,90
Moral	35,30	64,70
Problemas sociais	40,60	59,40
Temas culturais (arte, literatura, etc.)	7,20	92,80

A oração é um importante indicador da identidade religiosa, quer individual quer confessional. A maior parte das pessoas tem hábitos de oração diária. Alguns limitam-se a rezar uma vez por semana, provavelmente na prática dominical. 10,50% fazem-no raramente.

QUADRO 95 — **Frequência da oração**

Em percentagem

Oração	Diária	Semanal	+ 1 vez mês	1 vez mês	Várias vezes ano	Raramente	Nunca	NS/NR	Total
	52,70	20,20	6,90	0,90	6,00	10,50	1,10	1,70	100,00

As mulheres tendem a rezar mais diariamente. Os homens são os que rezam mais raramente.

Os hábitos da oração estão mais arreigados entre os agricultores e os quadros. Os operários revelam alguma relutância, sendo os que mais rezam raramente.

QUADRO 96 — **Frequência da oração segundo sexo, profissão e idade**

Em percentagem

	Diária	Semanal	+ 1 v. mês	1 v. mês	várias vezes ano	Raramente	Nunca
Homem	46,10	21,60	7,40	1,10	7,80	13,80	2,20
Mulher	61,40	19,90	6,30	0,70	4,40	7,40	—
Agricultor	66,30	20,00	6,30	—	3,60	4,20	—
Operário	49,10	18,90	7,70	1,60	5,00	17,10	1,80
Quadro	56,20	23,10	6,60	1,70	8,30	4,10	—
Industrial	45,80	18,60	10,20	—	11,90	13,60	—
15-24 anos	42,70	21,00	6,50	2,40	8,10	17,70	1,60
25-44 anos	48,10	24,00	7,70	1,00	7,70	10,60	1,00
45-59 anos	62,30	14,60	8,50	—	4,60	10,00	—
60 e + anos	69,60	21,50	3,80	—	1,30	1,30	2,50

A prática da oração diária aumenta sensivelmente de frequência nos grupos etários mais velhos. É entre os jovens que se reza mais raramente.

Cruzando a frequência da oração com as habilitações literárias possuídas pelos inquiridos, encontram-se algumas variações. Embora a frequência da oração diária se mantenha em todos os níveis de escolaridade, são sobretudo os titulares do 1.º ciclo (13,70%) e dos 2.º e 3.º ciclos (14,50%) que tendem a rezar mais raramente. As pessoas habilitadas com os 2.º-3.º ciclos são também as que apresentam frequências mais baixas de oração diária (45,20%).

Outra fonte da vida espiritual dos católicos é a prática religiosa. Na população estudada, constata-se uma forte participação na missa dominical. O universo dos inquiridos é constituído por pessoas que têm um nível elevado de participação na missa.

Analisou-se anteriormente a prática dominical, de acordo com um recenseamento efectivamente feito. Tenta-se agora considerar a representação que se tem dessa prática.

QUADRO 97 — **Assistência à missa**

Em percentagem

Missa	Sempre	Normalmente	De vez em quando	Raramente	Nunca	NS/NR	Total
	51,10	23,30	15,20	8,50	1,40	0,50	10,00

De entre os que assistem à missa dominical, nem todos comungam. Uma percentagem considerável participa na comunhão de vez em quando. Se 31,60% comungam sempre, 13,20% limitam-se a estar presentes.

QUADRO 98 — Participação na eucaristia dominical

Em percentagem

Comunhão	Sempre	De vez em quando	Raramente	Mera presença	NS/NR	Total
	31,60	34,10	19,70	13,20	1,40	100,00

Quanto mais elevados são os níveis de escolaridade, menor é a tendência para a comunhão frequente. Se os que não possuem habilitações literárias comungam com uma percentagem de 37,50%, os que têm um curso superior fazem-no apenas em 22,80% dos casos. Vai-se comungando mais raramente à medida que aumenta a instrução.

Entre as categorias profissionais, são os agricultores os que comungam mais (45,00%) e os industriais os que comungam menos (25,00%). Os quadros apresentam uma percentagem muito próxima destes últimos, com 27,00%.

A prática da confissão mantém-se igualmente com grande intensidade. É bastante fraca a desafeição em relação à penitência. Este facto é um bom indicador de que, no meio, se vai conservando o sentido do pecado. A falta reveste-se de um sentido moral de culpa meramente pessoal. O pecado, ao contrário do que vai acontecendo em alguns outros meios, não se converteu ainda em puro erro. A falta tem, na população estudada, o valor e o sentido de um verdadeiro pecado, numa relação necessária com Deus.

QUADRO 99 — Necessidade da confissão para as pessoas

Em percentagem

Confissão necessária	Sim	Não	NS/NR	Total
	81,80	15,00	3,20	100,00

Na sequência lógica da afirmação da sua necessidade, é bastante habitual a prática da confissão anual e mesmo frequente. A percentagem cumulativa destes é de 66,80%. Há quem se confesse raramente, mas é baixo o número dos que nunca o fazem.

QUADRO 100 —Frequência da confissão

Em percentagem

Confissão	Frequente	Uma vez por ano	Raramente	Nunca	NS/NR	Total
	31,20	35,60	26,20	4,90	2,10	100,00

As mulheres (38,30%) confessam-se mais frequentemente do que os homens (25,60%). A diferença entre as categorias profissionais é ainda mais acentuada, aparecendo os agricultores com a percentagem de 51,00% e os industriais com 13,60% de confissões frequentes. A mesma diferença se encontra a nível das habilitações literárias. Se 58,60% dos que não possuem habilitações literárias se confessam frequentemente, 17,10% dos habilitados com um curso superior procedem de modo idêntico. São também os mais velhos os que possuem hábitos de confissão mais assídua.

Alguns momentos se proporcionam a esta prática. Nos que costumam confessar-se, isso ocorre, com maior frequência, pela Páscoa, em obediência ao correspondente preceito da Igreja. Mas o sacramento da reconciliação é recebido também em épocas festivas, nomeadamente no Natal.

QUADRO 101 —Épocas em que se realiza a confissão

Em percentagem

	Sim	Não respondem	NS
Natal	26,90	64,80	8,30
Páscoa	61,70	30,00	8,30
Festas	25,10	66,60	8,30
Peregrinações	6,30	85,40	8,30
Todos os meses	0,60	91,10	8,30

Os inquiridos revelam grande abertura a formas mais comunitárias da celebração deste sacramento. Embora 52,20% entendam que a forma tradicional da confissão auricular é o melhor modo de a realizar, 42,40% são de opinião de que a sua celebração deve ser feita em conjunto. Práticas religiosas profundamente individualizadas e isoladas adquirem progressivamente modalidades mais colectivas.

QUADRO 102 — **Modo de celebração da confissão**

Em percentagem

Confissão	De forma isolada	Celebração conjunta	NS/NR	Total
	52,20	42,40	5,40	100,00

Houve uma nítida recusa ou, pelo menos, uma falta de disponibilidade, para se fazer uma apreciação geral acerca da forma de administração dos sacramentos. A observação mais recorrente é a que se refere ao tempo demasiado que se dá à preparação para o crisma.

16. Avaliação da actividade pastoral

Existe uma relativa satisfação quanto à acção pastoral desenvolvida. A maioria entende que tudo está bem. Mas também há quem deseje ver incrementada ou até mesmo reorientada esta actividade.

QUADRO 103 — **Satisfação com a pastoral**

Em percentagem

Pastoral	Está tudo bem	Devia ser incrementada	Deviam ser reorientadas as actividades	NS/NR	Total
	55,10	16,60	17,00	11,30	100,00

Em relação com o grau de satisfação com a pastoral praticada, está o entendimento que se tem da paróquia como comunidade. Possui-se a consciência de que a paróquia ainda é uma comunidade viva e activa. Somente 22,70% pensam que ela está adormecida.

QUADRO 104 — **Como se considera a paróquia**

Em percentagem

Comunidade	Viva e activa	Relativamente adormecida	Totalmente inactiva	Sem opinião	NS/NR	Total
	59,40	22,70	1,40	15,60	0,90	100,00

A vivência e a actividade da comunidade é considerada sobretudo em função da sua acção catequética. A missão evangelizadora é obviamente exercida através de uma pluralidade de actividades. São destacadas algumas, apenas para se medir a sensibilidade em relação a elas. Permanece a impressão de que, no seu conjunto, a paróquia é evangelizadora.

QUADRO 105 — Expressões da vivência da comunidade

Em percentagem

Vivências da comunidade	Sim	Não respondem
Pela missão evangelizadora	47,70	52,30
Pela catequese	50,90	49,10
Pela liturgia	37,00	63,00
Pela caridade social	18,20	81,80

É reconhecido à paróquia um significado importante nas sociedades de hoje, mesmo que as pessoas estejam sujeitas a um contínuo processo de des-territorialização. O espaço em que se está situado exerce uma influência determinante sobre a vida colectiva, civil e religiosa. O homem é um ser que habita, exprimindo-se também como habitante de um espaço.

QUADRO 106 — Continua a ter sentido a paróquia como comunidade

Em percentagem

Sentido	Sim	Não	NS/NR	Total
	95,10	3,60	1,30	100,00

Alguns actos aparecem como centrais na vivência comunitária da paróquia. Surge, desde logo, a forma como é celebrada a eucaristia. É atribuído à celebração da missa um claro sentido de expressão de fé partilhada. Apenas 16,20% vêem nela um acto de tradição e de rotina.

QUADRO 107 — Celebração da eucaristia

Em percentagem

	Sim	Não respondem
Expressão de fé partilhada	82,90	17,10
Forma de encontrar pessoas	7,40	92,60
Acto de tradição e rotina	16,20	83,80
Algo a que se assiste por pressão da família	2,40	97,60
Algo que não tem sentido	0,40	99,60

Como elemento integrante da celebração eucarística, a homilia é tida como algo que vale a pena ser ouvido. O facto parece indiciar que os respectivos párocos põem algum cuidado na sua preparação.

QUADRO 108 — Importância da homilia

Em percentagem

A homilia vale a pena ser ouvida?	Sim	Não	NS/NR	Total
	93,70	4,20	2,10	100,00

A homilia é avaliada de forma positiva por causa dos elementos que a compõem. Aparece, sobretudo, apreciada pela mensagem que comunica, porque vai ao encontro das pessoas, e pelo sentido que revela para a vida. Há, no entanto, quem não a entenda, mas mesmo estes pensam que não deve ser suprimida. Alguma crítica é feita ao facto de a homilia não ser dirigida às crianças, nas missas em que é grande a presença destas. Entende-se que é importante que ela atenda aos diferentes públicos.

Dada a tendência para uma religião individualizada, a comunicação religiosa, e sobretudo da religiosidade, enquanto subjectivação da religião, é cada vez mais problemática. Se a religião se individualiza, pode inspirar o indivíduo, mas deixa de exercer influência directa sobre a sociedade e a cultura. Este crescente desenvolvimento postula um cuidado especial com a linguagem e a comunicação religiosas.

Não se trata somente da necessidade de uma maior adequação do discurso aos diferentes meios sociais ou aos diversos grupos etários, mas sobre-

tudo da exigência de se terem em conta plurais universos de representação, onde os conceitos de Deus e de vivência religiosa não coincidem necessariamente, porque os universos mentais e de representação são igualmente diversos.

QUADRO 109 — A mensagem transmitida pela homilia

Em percentagem

	Sim	Não respondem		Sim	Não respondem
Diz algo às pessoas	63,10	36,90	Não diz nada	2,00	98,00
Vai ao encontro da vida	54,50	45,50	Sai fora da vida	2,00	98,00
Revela sentido para a vida	49,90	50,10	Meramente moralista	5,40	94,60
Entende-se	45,10	54,90	Não se entende	1,30	98,70
Deve manter-se	48,80	51,20	Deve ser suprimida	0,90	99,10

Nota-se aqui alguma contradição ou, pelo menos, certa perplexidade, quanto à sua função e importância. É um elemento integrante da celebração e a tendência será para a não questionar enquanto tal. O discurso, nos meios populares, é frequentemente tanto mais apreciado quanto menos se entende. A palavra tem a sua própria eficácia, vale por si mesma, independentemente da mensagem que transmite. Ela possui uma sonoridade e um ritmo que produzem naturalmente encantamento. Nas celebrações, em particular, adquire grande performatividade.

Existe ainda uma crescente sensibilidade em relação à necessidade de uma pastoral de conjunto para as sociedades de hoje. Os dados apresentam alguma correlação com um envolvimento mais geral da vida em espaços mais alargados, e com a eventual prática religiosa fora da paróquia, como vai ocorrendo sobretudo nas regiões urbanizadas.

QUADRO 110 — Quadros do desenvolvimento da pastoral

Em percentagem

Pastoral	Paróquia	Pastoral de conjunto	NS/NR	Total
	47,10	47,50	5,40	100,00

Não obstante se sentir a importância da paróquia como comunidade, assiste-se, em simultâneo, a um processo de passagem a uma sociedade aberta, com fronteiras ilimitadas, em resultado da crescente desterritorial-

zação e à necessidade de uma pastoral de conjunto, com a conservação do quadro paroquial, para além de vivência comunitária, em particular, para actos que se revestem de um carácter mais jurídico. Há quem proponha uma actividade de conjunto e advogue que "as pessoas devam ser mais ouvidas", que "deviam ser menos egoístas e menos materialistas", que "devia haver mais união em fraternidade" com uma acção "mais participativa" e que "a paróquia deve ser ainda mais activa". É o apelo a um dinamismo social, com mais diálogo e participação.

Com a generalizada carência de sacerdotes, uma grande maioria aceita que a celebração dominical seja orientada por leigos devidamente preparados. A contrário do que se poderia, porventura, esperar, não se recusa a presença de leigos na orientação das celebrações.

Transparece, no inquérito, a vontade de se ouvirem mais as pessoas e o desejo de uma maior colaboração. Em alguns casos, tratar-se-á de um simples desiderato, enquanto chamada a um maior empenhamento; noutros, traduzirá insuficiência de diálogo. Existem formas diferenciadas de aproximação e de distanciamento.

Diversas são as manifestações reveladoras de uma certa reivindicação de um lugar condigno para os leigos na Igreja, lugar que não seja meramente passivo.

QUADRO 111 — Concordância com a orientação da celebração dominical por leigos

Em percentagem

Orientação feita por um leigo	Sim	Não	NS/NR	Total
	72,00	26,70	1,30	100,00

A monopolização da gestão dos bens de salvação por parte do sacerdote, como ocorre no passado, parece estar em crise. Esta crise manifesta-se num duplo plano. Há, por um lado, uma diversificação no "mercado" dos bens espirituais, com o aparecimento, no campo religioso, de outros agentes, as seitas e os movimentos religiosos. Verifica-se, por outro, no interior do próprio campo católico, uma maior assunção de funções religiosas por parte do laicado. O fenómeno é accionado, em grande parte, pela carência de sacerdotes. Na situação actualmente existente, os leigos tendem a ver com agrado que o papel de orientação de certas celebrações seja assumido por leigos. Será uma forma de valorizar a dimensão sacerdotal de que participam.

A avaliação da pastoral, por paróquia, permite traçar um quadro diferenciado da sensibilidade em relação à acção que tem vindo a ser desenvolvida. Não parece haver um desempenho igualmente distribuído nem uma satisfação do mesmo modo sentida pela população.

QUADRO 112 — A avaliação da pastoral por paróquia

Em percentagem

	Está tudo bem	Deve ser incrementada	De ser reorientada	Total
Aião	37,50	25,00	37,50	100,00
Airões	64,30	21,40	14,30	100,00
Borba de Godim	—	100,00	—	100,00
Caramos	50,00	50,00	—	100,00
Friande	71,40	14,30	14,30	100,00
Idães	58,70	23,50	17,60	100,00
Jugueiros	71,40	21,50	7,10	100,00
Lagares	57,90	21,10	21,00	100,00
Lordelo	80,00	—	20,00	100,00
Macieira da Lixa	77,60	3,80	19,20	100,00
Margaride	63,20	22,10	14,70	100,00
Moure	35,30	29,40	35,30	100,00
Pedreira	88,90	—	11,10	100,00
Penacova	64,30	14,30	21,40	100,00
Pinheiro	75,00	—	25,00	100,00
Pombeiro	70,80	25,00	4,20	100,00
Rande	80,00	20,00	—	100,00
Refontoura	18,80	62,50	18,70	100,00
Regilde	30,00	—	70,00	100,00
Revinhade	83,30	—	16,70	100,00
Santão	—	—	—	—
Sendim	76,50	11,80	11,70	100,00
Sernande	62,50	37,50	—	100,00
Sousa	38,50	23,10	38,40	100,00
Torrados	53,40	15,40	19,20	100,00
Unhão	75,00	—	25,00	100,00
Várzea	75,00	12,50	12,50	100,00
Varziela	61,90	19,10	19,00	100,00
Vila Cova da Lixa	—	33,30	66,70	100,00
Vila Fria	44,50	11,10	44,40	100,00
Vila Verde	37,50	12,50	50,00	100,00
Vizela (St Adrião)	63,60	27,30	9,10	100,00
Vizela (S. Jorge)	50,00	25,00	25,00	100,00

Na população inquirida, existe uma relação bastante estreita com alguém da família que se encontra no Seminário ou na vida religiosa. 17,50% têm na família seminaristas ou religiosos. Esta percentagem pode considerar-se elevada, tendo em conta que se trata de uma sociedade bastante industrializada e onde a secularização, apesar de tudo, não deixa de ser actuante e em que as solicitações ameaçam de todos os lados.

QUADRO 113 — Familiares no Seminário ou na vida religiosa

Em percentagem

Relação com a vida religiosa	Sim	Não	NS/NR	Total
	17,50	80,70	1,80	100,00

Em razão da experiência que se possa ter neste domínio, pensa-se que é importante a existência, na paróquia, de uma equipa paroquial da vocações. A alta frequência de respostas revela uma consciência relativamente viva desta necessidade. Não pode haver acção pastoral sem agentes devidamente preparados e credenciados, e não existem agentes se não forem des-pertados para isso.

QUADRO 114 — Necessidade de criação de uma equipa paroquial de vocações

Em percentagem

Sim	Não	NS/NR	Total
84,70	10,60	4,70	100,00

As festas religiosas são vistas, por sua vez, essencialmente como actos sociais e religiosos. Não é comum considerá-las como celebrações unicamente religiosas, mas também não são tidas como meros actos sociais profanos. Existe, na cultura popular, uma mistura de sacro e profano nas celebrações religiosas e nos actos civis. A interpenetração é profunda na sua vivência e muito enraizada no passado, tornando-se difícil saber onde começa um e termina o outro.

QUADRO 115 — Apreciação das festas religiosas realizadas na paróquia

Em percentagem

Festas	Essencialmente religiosas	Meros actos sociais profanos	Actos simultaneamente sociais e religiosos	NS/NR	Total
	31,80	3,20	59,60	5,40	100,00

A dimensão simultaneamente social e religiosa é a que parece ser mais procurada e de forma intencional. Uma percentagem elevada pensa que se deve explorar ainda mais a sua dimensão social de convívio. Se alguns advogam que se conservem as festas como estão, outros desejam que as celebrações religiosas sejam purificadas das aderências sócio-profanas. Estará presente eventualmente nestes uma vontade de maior espiritualização da religião.

QUADRO 116- - Como proceder em relação às festas religiosas da paróquia

Em percentagem

Festas	Torná-las actos de vivência estritamente cristã	Aumentar a sua dimensão social de convívio	Conservar as coisas como estão	NS/NR	Total
	23,30	40,30	29,60	6,80	100,00

Os tempos festivos são tempos de convivência. A festa é caracterizada por uma fuga ao quotidiano e pela procura e entrega ao excesso. Foram sempre momentos de intensa efervescência, ao longo da história, dando origem a processos regeneradores da vida social, pela transgressão do quotidiano que operam. As características essenciais das festas conservam-se bem presentes na memória colectiva.

17. Algumas tendências se mostram marcantes ao longo do estudo que se tem vindo a desenvolver, e alguns aspectos merecem, em particular, ser realçados.

A tese da secularização, tal como obteve sucesso nos anos de 1960 e 1970, aponta para um crescente colapso das Igrejas tradicionais. Joanne CTBrien e Martin Palmer, ao considerarem recentemente as perspectivas de fé para o mundo de amanhã, apresentam as sociedades ocidentais (compre-

endendo a Europa, os Estados Unidos e o Canadá) como uma região de crescimento contínuo da secularização⁴⁷ Levantam-se, contudo, hoje reservas quanto à dimensão e alcance do fenómeno.

As Igrejas conhecem, na actualidade, certa deteriorização, mas dispõem também de suficientes meios para fazerem face às mudanças sócio-culturais e possuem capacidade para se reorganizarem. Na região que foi objecto da presente análise, mantêm-se relativamente altos os níveis de prática religiosa. São de salientar a frequente assistência à missa dominical e a procura da confissão. Não se pode dizer que se tenha passado a recorrer unicamente aos ritos de passagem, como o baptismo, o casamento e o funeral, a exemplo do que ocorre nas regiões de forte descristianização. A prática eucarística é significativa, o que mostra que a Igreja vai resistindo aos ventos desagregadores que correm do lado da modernidade.

As pessoas continuam a identificarem-se fortemente com as tradições religiosas. Os efeitos da secularização não se terão feito sentir com grande intensidade, porventura devido à conservação, em grande parte, do tipo de sociedade tradicional. Trata-se de uma região de relativo interior, com uma industrialização difusa e com défices de escolarização bastante elevados. A modernização da sociedade, que é normalmente acompanhada de algumas consequências para as religiões estabelecidas, não se tem processado, certamente, em larga escala e a ambiência rural, que ainda se possa respirar, parece continuar a marcar indelevelmente o seu imaginário.

A investigação não se centra sobre a quebra das representações e das práticas religiosas. Seria necessário, para isso, posicionar as pessoas inquiridas face às crenças e práticas dos seus antepassados. Estes estudos não têm sido muito desenvolvidos em Portugal. A identidade e o empenhamento dos pais poderiam revelar, de acordo com as tendências em curso no mundo ocidental, alguma descoincidência em relação às condutas actuais. O eventual descontentamento com a Igreja traduz-se normalmente, com a alteração da situação, em taxas de relativo abandono. A religião tende tanto mais a ser rejeitada quanto mais viva é a consciência da sua imposição. No concelho de Felgueiras, não parece que aconteça tal fenómeno, pois mantêm-se altos os níveis de fidelidade.

18. Observa-se, por outro lado, na mesma região, algum alargamento do campo religioso. A tese da secularização tentou mostrar, a partir dos anos

⁴⁷ O'BRIEN, Joanne e PALMER, Martin — *Atlas des Religions dans le Monde*, Éditions Autrement, n.º 4, 1994.

1970, que a desafeição em relação à Igreja se traduzia num crescente inte-

resse pelas seitas e pelos movimentos religiosos. À medida que se operava uma descida da prática religiosa, dava-se, como movimento correlativo, a procura daqueles movimentos. À luz desta análise, conservar-se-ia a necessidade religiosa com uma expansão do "mercado religioso". É certo que vão proliferando na região de Felgueiras as seitas, algumas de orientação bem radical. Desde que as Igrejas dominantes entram em processo de regressão, logo surgem novas religiões que tentam ocupar o lugar deixado vazio. Processa-se a complexificação do "mercado" de bens religiosos, com a saturação dos agentes que nele trabalham.

Os dados fornecidos pela investigação revelam, contudo, que, embora se tenha introduzido um grande número de seitas no meio, a adesão não parece ser muito volumosa e que nem elas gozam de grande simpatia. O processo de industrialização não arrasta necessariamente consigo o abandono da Igreja Católica. Apesar do campo religioso se ter alargado, não se verifica uma filiação significativa nas seitas religiosas. A presença de outras confissões poderá inclusive mostrar-se positiva, na medida em que proporcione o despertar da consciência de identidade e o reforço da identificação católica. A procura da própria autenticidade não pode encerrar o indivíduo no círculo apertado do seu próprio horizonte. A identidade pessoal é necessariamente dialógica. Se pressupõe a identificação com um mundo de valores comuns, constrói-se e reforça-se na relação com o outro.

Nem sequer o alargamento do campo religioso introduz um desgaste da imagem da Igreja. Não obstante algumas representações e práticas revelem algum desvio em relação à ortodoxia da Igreja, existe um grau elevado de identidade confessional. O sentimento de pertença permanece radicado na consciência dos indivíduos, qualquer que seja a sua expressão. Esta identidade pode ser medida através da utilização de diversas variáveis, como a taxa dos que declaram que a religião é importante, sendo a vida, por isso, de algum modo influenciada por ela, a frequência da leitura da Bíblia, os níveis da prática religiosa e a confiança depositada nos principais agentes pastorais, como o papa, o bispo e os párocos. Na medida em que as pessoas se identificam com a Igreja, tendem a procurar os seus serviços religiosos, e vários são os indicadores que concorrem para medir o seu empenhamento em actividades da Igreja.

19. O sentido de pertença à Igreja Católica traduz-se também no grau de aceitação dos seus ensinamentos na vida quotidiana, nas suas diversas dimensões. Como resultado das transformações ocorridas, tanto nas sociedades como nas instituições religiosas, poderá perguntar-se qual é o impacto que a religião exerce actualmente sobre a vida colectiva. Duas perspectivas

se extremam neste particular. Ao lado dos que defendem que ela continua a exercer forte influência, estão os que lhe conferem o estatuto de mera herança cultural, sem grande capacidade para condicionar a existência humana na sua quotidianidade.

Sustentam P. Berger e T. Luckmann que "a relação entre as 'ideias' e os seus processos sociais de agora é sempre de tipo dialéctico" ⁴⁸. A forma como se utiliza a religião tem efeitos diferenciados sobre a cultura, assim como estes efeitos condicionam o recurso àquela. A influência religiosa é, cada vez mais, reservada ao foro individual. Este é a sede do sentimento religioso e não a colectividade. A significação das crenças nas convicções e o impacto destas na vida de todos os dias exprimem-se na influência que exercem nas questões relacionadas com os amigos, a família, o trabalho, a cultura e as diversas actividades familiares e sociais.

As convicções religiosas não têm a mesma força em todos os domínios. Ainda que continue a ter importância o sentido de Deus na vida das pessoas, em vários domínios não são tidos em conta os preceitos religiosos. A sexualidade é um deles. Não foi questionada directamente a sexualidade pré e extra-matrimonial, mas parece ser obviamente a esta que os inquiridos se referem. Encontra-se uma certa tendência a ignorar também, em parte, o ensino católico em matéria de controlo dos nascimentos. Esta tendência manifesta-se nas taxas do não reconhecimento da aplicação daquele ensino à vida familiar e à questão do aborto.

Alta e preocupante é a predisposição para a aceitação da eutanásia. Não se admite a doença sem prazo nem se aguenta o peso de vidas decadentes. As sociedades contemporâneas não conseguem harmonizar movimentos opostos da existência.

A tendência a ignorar a doutrina da Igreja revela-se ainda no domínio dos negócios. Várias actividades caem fora da acção religiosa, ou a sua influência faz-se aí pouco sentir.

20. Está em marcha uma crescente pluralização dos valores. As sociedades, à medida que se vão segmentando, produzem, ao mesmo tempo, os seus "deuses", ao introduzirem outros sistemas de significação. Com o pluralismo dos valores, produzem-se as condições para a selecção das representações e das práticas, e afirma-se, por toda a parte, o politeísmo dos valores.

⁴⁸ BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas — *La Construction Social de la Réalité*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1996, p. 174.

Associados a este "politeísmo", estão, por um lado, a tendência para a humanização da religião — embora nem sempre com grande empenhamento a favor do homem — e, por outro, a sua crescente protestantização. Estes dois factos apresentam-se estreitamente relacionados. Radicam ambos no individualismo e na privatização da vida e orientam-se para um *self-service* de crenças e de práticas religiosas. Cada um procura elaborar a sua própria ortodoxia, comportando-se nas esferas religiosa e profana de acordo com ela.

A tendência para a selecção das crenças, das normas e das práticas religiosas é de modo a construir uma religião *soft*, de acordo com um projecto de realização pessoal ou um concreto modo de vida. O ideal da realização pessoal pauta-se, normalmente, pelo hedonismo, não se compadecendo com uma moral restritiva que possa reprimir a acção individual livre. Resulta de certa desintegração da unanimidade no pensar e no agir e da interpretação pessoal de algumas doutrinas, nomeadamente as que possam ter a ver com a vida privada. O sincretismo religioso constitui-se como resposta ao pluralismo.

Processa-se, neste contexto, o movimento que vai de uma identidade confessional a uma mera identidade religiosa, em obediência ao modelo de uma religião de tipo *self-service*, e da identidade religiosa a uma situação de total abandono religioso. Alguns factores contrariam, no entanto, este eventual movimento, como a forte identificação com a paróquia, pelo menos enquanto esta mantiver características comunitárias.

A situação não deixa de arrastar consigo reais contradições. Se, por um lado, se procura manter inalterável o sistema religioso, no que diz respeito a práticas e formas de organização, por outro, constroem-se universos de representação e normas de conduta independentes da esfera religiosa.

Alguns domínios existenciais adquirem a sua realidade substantiva específica, em obediência a normas que lhes são próprias. Criam-se paralelamente espaços de vivência religiosa que obedecem também aos seus princípios, como se vida se cindisse em duas modalidades de ser e de estar.

Estão em vias de construção duas formas distintas de agir que se compatibilizam perfeitamente no quotidiano. A contradição poderá ser formal, mas não material. Porque a existência concebida como um todo explodiu, aparece, cada vez mais, fragmentada e atirada em múltiplas direcções.

Não se abandonando a tradição, nem existindo inclinação para a filiação em outras confissões, pensa-se e pratica-se com alguma selectividade. Mas se a fragmentação religiosa não conduz ao abandono da Igreja, não deixa de criar um certo desfasamento entre o discurso desta e as representações e as práticas que se vão implantando. Aquela entende que a fé deve

abarcam a totalidade das dimensões da existência e entrar nos diversos sectores de actividade. Não se aceita, porém, na prática, a doutrina no seu todo, nem se permite que a sua influência se exerça nas diversas esferas da realidade.

Pode resultar daí um progressivo conflito entre a "oferta" religiosa e a sua "procura", entre a visão proposta e a mentalidade dos que procuram os seus serviços. O conflito será certamente de todos os tempos, mas revela-se particularmente agudo no mundo actual, mesmo em regiões que não estão muito expostas aos ventos da mudança. Uma multiplicidade de sub-culturas afirma-se em correspondência com a fragmentação do social.

O novo contexto condiciona a vivência da religião. Mais do que considerar os seus aspectos quantitativos, traduzidos em indicadores de prática, será mais importante analisar a qualidade da religião que é praticada. Esta tende a ser apropriada individualmente, e a ser subjectivada. A sua plural apropriação é característica das sociedades actuais.

Na sua apropriação diferenciada, a religiosidade torna-se uma componente das racionalidades pessoais. Estas racionalidades configuram trajectórias e universos de religiosidade. O mundo actual exerce um forte impacto sobre a configuração das religiosidades individuais, tende a psicologizar-se a experiência religiosa, à medida que ela deixa de se fundar em contextos colectivos. O homem não está mais colocado num ambiente social fechado, fortemente estruturado, que lhe prescreve a identidade. Individualização não significa, contudo, nem mera privatização, nem fechamento no foro íntimo. Processa-se uma certa desarticulação entre o nível individual e o social, reveladora das dinâmicas próprias da sociedade e da conseqüente recomposição do campo religioso. A individualização acaba por se contrapor à massificação e à rotina.

Face à pulverização crescente das representações e das práticas, ou a Igreja consegue oferecer respostas adequadas às diversas necessidades-aspirações, ou as pessoas tentam encontrar as soluções junto das seitas e dos movimentos religiosos, ou satisfazem-se com os universos de significação elaborados dentro da própria temporalidade. Aberta está a via para a diversificação das respostas, para a oferta de novas significações, ou para a introdução de outras práticas.

Dados os baixos níveis de literacia, entre outras razões, é reduzido o interesse pelas questões de sentido e de finalidade da vida fora do catolicismo. Também não se sente muito o conflito que, por vezes, se manifesta, em fases de grandes transformações, entre a religião e o conhecimento. Mas tendem a deslocar-se, no mundo moderno, o objecto das crenças e a sua intensidade.

21. A suspeição ou mesmo a recusa da Igreja aparece, por vezes, associada à atitude de desconfiança em relação às instituições dominantes, que controlam o espaço da liberdade pessoal. Esta situação traduz-se em diversas manifestações, como o anti-clericalismo, a não participação em cerimónias religiosas e a sobrevalorização do acto individual da crença.

Não se encontram, na população estudada, manifestações vivas desta mentalidade. A atitude face aos padres é positiva. Havia inicialmente a intenção de proceder a uma tipificação dos posicionamentos religiosos, desde o ateísmo à crença religiosa. Os altos níveis de prática e a baixa representação de expressões de descrença tornaram ilusório o propósito.

É, no entanto, possível alguma tipificação no que respeita ao grau de adesão, de acordo com um contínuo que vai da prática religiosa, a oração, a leitura da Bíblia, a presença forte da religião tida como muito importante, até à sua ausência, considerada como pouco importante.

A ligação à religião assume, por vezes, outras formas e gera novos tipos. A diminuição do contacto com a Igreja não leva necessariamente ao ateísmo generalizado, mas à propagação de uma religiosidade difusa.

Se é verdade que quanto mais o ambiente é moderno, menor é a presença da religiosidade institucional, também pode ocorrer o oposto. O interesse pela religião pode crescer como busca de segurança. Ela permanece como uma linguagem a que se recorre para exprimir a insatisfação e o protesto, os estados de efervescência e de alegria, de questionamento e de busca de sentido, mesmo em ambientes de certa descristianização.

Encontram-se, no meio, pessoas que se declaram agnósticas e ateias. Estas revelam uma particular agressividade, que assume normalmente formas militantes contra a Igreja. Tal agressividade encontra a sua explicação no facto de terem sido socializadas cristãmente. A agressividade é a expressão de um relativo recalçamento. Os que se dizem não crentes ou ateus, mas que inicialmente foram socializados na religião, tendem a revelar condutas de clara aversão. Trata-se da expressão de um conflito interior não resolvido. Os ateus, que não receberam formação religiosa acabam, em geral, por perder a agressividade. Desenvolvem um espírito de tolerância e assumem, de ordinário, valores e normas com alguma exigência pessoal, de forma a compensarem essa falta. Tendem a ser eticamente exigentes.

22. Uma vez que o problema do destino não desaparece nas sociedades modernas, tende antes a aumentar numa cultura de riscos existenciais, buscam-se sistemas suficientemente fiáveis de confiança. Nobert Elias observa que as pessoas flutuam "no curso da história da humanidade como os passageiros de um comboio que se move de um modo cada vez mais

rápido e que sem rumo se torna para os ocupantes absolutamente incontrolável: ninguém conhece o destino da viagem, ninguém sabe quando se dará a próxima colisão nem o que se poderá fazer para se chegar a um melhor controlo do comboio" ⁴⁹. Ninguém pode talhar vidas. Não bastando as certezas oferecidas pela religião e a segurança dada pelos sistemas periciais, porque sendo demasiado abstractos carecem de suficiente garantia, adquirem particular importância as superstições e demais crendices. A procura destes sistemas de segurança existencial surge, em particular, quando se está confrontado com situações decisivas que apresentam consequências graves para o destino. Nos momentos decisivos, os dilemas existenciais e morais aparecem com um carácter de urgência. O fundamentalismo religioso será a resposta mais radical de recurso às formas de religião num mundo de dúvida e de risco. A adesão às seitas religiosas, dotadas de um certo radicalismo, aparece como a solução mais frequente. Em tais situações, coexistem os mecanismos de culpa ligados a movimentos de inspiração moral com projectos pessoais de auto-identidade e de auto-realização. A adesão a uma fé forte pode diminuir as ansiedades existenciais. Uma vez que os tempos são de dúvida, "a religião não só se recusa a desaparecer, como está em ressurgimento". Na verdade, "os símbolos e práticas religiosas não são apenas resíduos do passado; o reviver as preocupações religiosas ou, de modo mais genérico, espirituais, parece generalizado nas sociedades modernas". Despertam, por toda a parte, novas formas de sensibilidade religiosa e de manifestações espirituais, porque se criou "um sistema em que as áreas de segurança relativa se entrelaçam com a dúvida radical e com cenários de risco inquietantes" ⁵⁰. Sempre que a religião aparece como um instrumento de controlo tanto dos fenómenos pessoais como naturais, valoriza-se o pensamento tradicional e o sistema de crenças que lhe é próprio. Daí resultará, por vezes, a tendência para um recurso intenso aos santos cuja especificidade confere maior eficácia à acção. Mas actuam ainda, com uma força e constância permanentes, no decurso do tempo, as superstições e outras crendices. O irracional mágico irrompe e coexiste perfeitamente com a crença religiosa e com expressões racionais do conhecimento.

A persistência, com taxas relativamente elevadas, de superstições poderá revelar que o sistema de crenças religiosas apresenta graves fissuras, que o nível de conhecimentos racionais é baixo, ou as duas coisas em simul-

⁴⁹ ELIAS, Norbert — *As Sociedades dos Indivíduos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993, pp. 97-98.

⁵⁰ GIDDENS, Anthony — *Modernidade e Identidade Pessoal*, pp. 100, 126, 127, 139, 149, 163, 175, 185 e 186.

tâneo. A explicação poderá ser ainda mais complexa. O povo, na sua sabedoria proverbial, possui o hábito de acender sempre uma vela a Deus e outra ao diabo.

A análise destas expressões correntes na cultura popular é uma fonte inexaurível de conhecimentos que propicia a abordagem das múltiplas facetas da vida. A linguagem é um instrumento usado para a expressão e para a construção social da realidade. As experiências da vida, ditas ou não ditas, são, no entanto, mais ricas do que a linguagem, que somente consegue captar o que é dizível. A entrada no universo existencial vivido passa pela captação dos factos em toda a riqueza da sua polissemia, incluindo neles a linguagem.

As sociedades ocidentais têm passado por um processo de crescente racionalização, ligado com frequência à ascensão da dúvida. Quanto mais se é tributário de uma tradição e menos se é capaz ou menos se está habituado à dúvida, maior será a tendência para se apoiar em universos de superstição. Ao lado dos que duvidam de tudo, estes são incapazes de duvidar do que quer que seja. A dificuldade está em saber associar a capacidade da dúvida — inerente ao desenvolvimento da pessoa — à adesão a mundos de maravilhoso. O pensamento tradicional continua a manter o seu peso na modernidade. Como a racionalidade é incapaz de penetrar em todos os domínios, a religião é o sistema que melhor sabe lidar com as questões existenciais que se mantêm inquietantes, questões relativas à contingência. E quando a religião não é viva e actuante, dessa capacidade compartilham igualmente as superstições.

A distinção proposta acima entre religião exclusiva e religião inclusiva apresenta uma certa margem de aplicação ao universo estudado. Os cristãos que praticam uma religião de exclusividade são refractários tanto às seitas e aos movimentos religiosos, como às demais crendices e superstições. A semântica cristã domina o seu universo religioso e a formulação de todas as suas crenças. Mas não parece ser essa progressivamente a situação.

Independentemente do alargamento do campo religioso, a religião católica vai perdendo o monopólio absoluto, à medida que se processa a desinstitucionalização do próprio catolicismo e se pulveriza o modelo normativo uniforme de crenças.

23. A vivência religiosa tende a ser particularmente associada a experiências de sofrimento, em detrimento das manifestações de alegria. A protecção divina é tanto mais sentida e procurada, quanto mais o sentimento da adversidade e da exclusão toca as pessoas. A religião afirma-se então na razão directa da incapacidade de tratar a contingência. Recorre-se à expli-

cação religiosa sempre que claudique a explicação racional. Na insegurança existencial, avulta mais a ideia de Deus e a necessidade da sua protecção. O sistema de crenças aparece como o factor mais estável e englobante de explicação do real. Para a explicação das representações e das condutas, torna-se indispensável ter ainda presente a importância da memória colectiva. Parece que quanto mais as memórias individuais se integram na memória colectiva do grupo ou da comunidade, maior é a persistência religiosa e a manutenção do seu grau de ortodoxia. Quanto mais, ao contrário, as memórias individuais se constroem à margem da memória colectiva, menor é o grau de adesão às crenças comuns e menor a possibilidade de retorno a elas. Com a socialização em contextos que não propiciam uma verdadeira e profunda experiência religiosa, parece diminuir a capacidade de retorno, com a idade, às crenças e práticas presentes na memória colectiva da Igreja.

Alguma evidência empírica parece haver para o facto de não existir retorno do religioso sem experiência passada da religião⁵¹, assim como de não ser possível esse regresso sem "a capacidade para chegar a este virtuoso "sacrifício do intelecto" (que) é o sinal que distingue o homem verdadeiramente religioso"⁵², de acordo com o princípio augustiniano do *credo ut intelligam*, convertido depois por Santo Anselmo em critério fundamental da especulação filosófica. Ora, sendo tradicionalmente a família o espaço primeiro desta experiência, e sendo alta a taxa de violência no seu seio, há o risco de que, cada vez mais, deixe de constituir um ambiente favorável à vivência da religião. A família tem sido, através do tempo, uma estrutura fundamental no processo de cristianização e um dos instrumentos principais da sua manutenção.

No meio abordado, coexistem dois tipos de infância e de juventude. Um é constituído por aqueles que frequentam a escola e se entregam a consumos culturais diversificados, próprios quer das sociabilidades juvenis, quer do convívio familiar. O outro abandona precocemente o ensino para desempenhar tarefas laborais que deviam competir unicamente aos adultos, sem conhecerem verdadeiramente tempos de lazer, nem ambiente familiar. Estas situações tipificam contextos diferenciados de vivência social, com capacidades variáveis de socialização e de aculturação. Todos têm igual direito de serem crianças e jovens, no seu tempo próprio.

Para além da família e da escola, existe actualmente uma quantidade de outros domínios de convivialidade, que exerce forte influência sobre a

⁵¹ FERNANDES, António Teixeira — "O retomo do sagrado", *Sociologia — Revista da Faculdade de letras do Porto*, Vol. V, 1995.

⁵² WEBER, Max — *O Político e o Cientista*, p. 185.

juventude. Ao lado do convívio no lar, está a convivialidade extra-familiar. Os jovens tendem a acomodar-se a um e a outra. Esta última, vivida muitas vezes como emancipação, serve frequentemente de base à afirmação da sua identidade. Sujeitos a processos de socialização e de aculturação diferentes ou até mesmo opostos, os jovens acabam por interiorizar padrões de conduta que compatibilizar* valores tradicionais e novos valores. Na multiplicidade das suas valências, como foi no passado considerada por Edward-Burnett Tylor, a cultura aparece como um conjunto de "teias de significação" em que se encontram envolvidas as pessoas ⁵³. Existe, nas sociedades contemporâneas, uma crescente desinstitucionalização dos processos de socialização. Diversos são os quadros sociais que oferecem experiências de formação e de construção da pessoa. As culturas constituem diferenciados universos simbólicos de interpretação do mundo e de orientação da acção social.

As culturas juvenis inscrevem-se, cada vez mais, em espaços culturais mais alargados, desde o local, ao nacional e ao internacional. Não deixam, porém, de ser também distintas, de harmonia com as condições sociais em causa, tendendo a produzir diferentes condutas. Mas criando os seus próprios espaços culturais, produzindo a sua própria cultura, em ambientes que não são da família, da escola ou das instituições religiosas, os jovens tendem a estruturar-se pessoalmente à margem da vivência religiosa.

A via aberta à Igreja é a da criação de um tecido associativo que possa igualmente atrair a juventude. Isso torna-se, no entanto, difícil sem um conhecimento suficiente dos seus consumos culturais e dos seus espaços de convivialidade.

Os grupos sociais sobrevivem pelo exercício da memória, na qual se inscrevem os comportamentos. As sociedades têm que saber combinar a rotina necessária à sua sobrevivência com a inovação exigida pelo seu desenvolvimento. Existe, por vezes, a tentação, no domínio em estudo, de se exaltar mais a rotina do que o progresso. Particularmente "a sociedade religiosa quer persuadir-se de que de modo algum mudou, enquanto tudo se transformava à sua volta" ⁵⁴. A memória do grupo tende a imobilizar-se no tempo, dando a impressão de que é sempre semelhante a si mesmo, mantendo permanentemente a mesma identidade. Esta tendência, bastante adequada às sociedades do passado, vem-se revelando, cada vez mais, como pouco consentânea com o ritmo da vida contemporânea. Mas procurar valorizar apenas a mudança é perder o sentido da identidade, que é uma dimensão igual-

⁵³ GEERTZ, Clifford — *The Interpretation of Cultures*, London, Hutchinson, 1973.

⁵⁴ HALBWACHS, Maurice — *La Mémoire Collective*, Paris, PUF, 1968, p. 165.

mente importante. Não podem as sociedades avançar para o futuro sem o apoio de estruturas capazes de garantirem a sua conservação através das transformações a que são sujeitas.

24. Algumas práticas religiosas tendem hoje a ser tidas como ilegítimas, porque supõem um poder extraordinário que nem sempre é reconhecido a quem as desempenha. A cultura do individualismo a custo suporta os constrangimentos sociais, considerando-os como inaceitáveis. É o caso da confissão, que vem perdendo o seu sentido religioso, à medida que se transforma em mero aconselhamento psicológico. A tendência vai no sentido de negar o poder de intervir na vida privada, em especial no âmbito da sexualidade, da família e dos negócios. Está-se a operar um crescente desfazamento entre a religião e a sexualidade, e entre a religião e a vida económica. O difuso anti-clericalismo que se manifestou fortemente num passado não muito distante e que se revela ainda hoje, de forma subtil, em alguns ambientes sociais, encontra frequentemente aí a sua origem. Este anti-clericalismo vem do passado e está presente na memória colectiva.

Tem-se vindo a alterar, no entanto, o sentimento de culpa. O sentido do pecado aparece hoje bastante diluído e relativizado. Associa-se, em geral, a uma conduta conformista. Tal sentimento impõe a punição a quem ameaça a ordem social e moral.

O desaparecimento do sentido do pecado é acompanhado da introdução da permissividade em âmbitos alargados, tanto da vida religiosa, como da social. A ideia de pecado é um factor determinante da definição da conduta religiosa individual, porque expressão da condição criatural do homem. Existem áreas totalmente corroídas pela modernidade, onde tal conduta tende a desaparecer.

Na população estudada, confronta-se uma moral conservadora com uma moral permissiva. Aquela está ligada à reprodução da ordem social e ao respeito pela ordem e pela hierarquia das coisas. A moral permissiva, essa desenvolve-se nos espaços de mudança. Constitui-se aqui uma outra moral, que normaliza a actividade em perfeita consonância com a negação do pecado. O conceito de pecado tende a ser substituído pelo de erro. A moral não é mais um preceito exterior que gera culpabilidade. Uma certa paganição atinge a vida das pessoas. Segundo Marc Auge, "o paganismo admite que o homem possa cometer erros, mas não tem nenhuma ideia do pecado; a doença, na pior das hipóteses, não reenvia o homem a não ser para a sua cegueira"⁵⁵. Os erros corrigem-se como imperfeições ou desatenções, não

⁵⁵ AUGE, Marc — *Génie du Paganisme*, Paris, Gallimard, 1982, p. 72.

gerando necessariamente o sentimento de culpabilidade. Enquanto o erro pressupõe a ideia de correcção, o pecado traz consigo, para além disso, a ideia de punição. No contexto de reflexividade da modernidade, tem mais sentido o erro do que o pecado. A liberdade individual resiste a qualquer tentativa, tida como ilegítima, de imposição normativa. O âmbito da vida privada cai sob a alçada da interpretação meramente subjectiva.

A tendência associa-se a um processo de autonomização da consciência individual. A consciência autonomizada procede à desconstrução do legado transmitido pela Igreja e à construção de um corpo de crenças e de normas próprio.

25. A religião foi sempre e continua a ser ainda uma fonte de sociabilidades. Este facto pode levar a elegê-la como principal enquadramento de acção.

A pertença faz-se também através da filiação em organizações. As associações são fonte de sociabilidades integradoras, na medida em que produzem gratificações pessoais e sociais. A identificação com os valores e as normas de um grupo social actua como um forte factor de inserção social. O tempo da juventude está particularmente associado a práticas de sociabilidade, através das quais se adquirem uma cultura autónoma, gostos próprios e uma diversidade de estilos de vida. Os jovens aderem facilmente a movimentos e a organizações.

A transmissão religiosa torna-se, deste modo, mais eficaz. A juventude transporta em si um fundo de generosidade que a disponibiliza para a adesão a modalidades, mais permanentes ou mais efémeras, de actividade religiosa. Existe nela uma particular inclinação para a filiação numa "comunidade emocional religiosa"⁵⁶, na expressão weberiana. Abandona-se tanto mais a Igreja, quanto menos se está integrado. A integração traduz-se em adesão a valores partilhados e a práticas comuns e mantém-se pela tradição e pelo uso, assim como pela força das convicções e dos ideais. A inserção em associações de carácter religioso desempenha uma função identitária forte. Sem uma actividade sócio-religiosa que envolva as pessoas e lhes atribua papéis claramente definidos, a identidade católica torna-se instável e incerta. Na ausência de um tal envolvimento, a implicação social tende a ser vivida de forma individualizada.

⁵⁶ Esta é a tradução feita pela edição francesa (WEBER, Max — *Économie et Société*, Paris, Plon, 1971, I, pp. 501-503). A versão espanhola usa as expressões "religiosidade congregacional" e "religiosidade congregacional pneumático-entusiástica" (WEBER, Max — *Economía y Sociedad*, I, pp. 385-386).

Importa atender aos tipos de motivações e aos tipos de ligames. Uns são, em grande parte, uma função dos outros, existindo entre eles uma causalidade circular. A interiorização dos valores e o carácter afectivo das práticas condicionam a identificação com as organizações, e esta identificação reforça aquela interiorização

Os grupos e os meios institucionais de socialização religiosa são as cadeias operatórias que permitem a sobrevivência e o desenvolvimento da religião.

Para além da sua capacidade de resolução dos problemas que nascem da contingência da existência, e de oferta de respostas totais para uma vida que carece, em si mesma, de sentido, a religião proporciona uma intensa integração comunitária. É grande a sua capacidade para preencher os vazios de sentido, para promover a integração e para sustentar projectos colectivos.

26. Os dados parecem mostrar que quanto mais o contexto é moderno, mais se tende a abandonar a orientação religiosa rígida e uniformizada. Os jovens e as categorias profissionais mais cultas parecem ser os mais afectados por este processo.

Não se entrou, no entanto, na região estudada, numa era pós-confessional. O enfraquecimento da Igreja não é acompanhado do desaparecimento da crença católica. Esta tenderá apenas a manifestar-se de forma mais difusa, do ponto de vista social. Somente quando o nível de difusão atinge um grau elevado, é que se processa o apagamento da identidade confessional, como os estudos em outros países europeus parecem mostrar.

Certas crenças dissociam-se da organização religiosa e do campo do sagrado. Acentua este fenómeno a crescente dissonância cognitiva que está em curso e que reforça o processo de dissociação entre crenças disseminadas entre os indivíduos, e as propostas pelas organizações religiosas. A atomização social, a individuação e o pluralismo tendem a desgastar os sistemas religiosos. A dinâmica da racionalização e do desencantamento atinge as organizações. Mas o vício de algumas teorias da secularização está em confundir a recusa de crenças singulares com a problemática do crer. Este exprime-se numa pluralidade de organizações religiosas.

A autonomização dos indivíduos em relação às instituições é acompanhada de uma mudança no crer. As pessoas continuam a acreditar, mas não existe mais monopolização da verdade e do sentido, e não é mais possível o controlo das convicções individuais. A apropriação subjectiva da religião faz desaparecer as fronteiras da ortodoxia, tornando-se plurais as fontes de constituição dos universos simbólicos.

O próprio conceito de Deus vai-se tornando polissémico. A sua apropriação diversificada, com plurais significações, introduz frequentemente a guerra de guerrilha no próprio interior das religiões entre as diferentes concepções de um mesmo Deus. Está em curso, além disso, um progressivo deslocamento para formas de politeísmo⁵⁷. Mais do que sobre um ser divino pessoalizado, as crenças tendem a centrar-se à volta de forças e de poderes. O politeísmo traduz uma despessoalização da ideia de Deus.

Designa-se por politeísmo a emergência de novas formas de crença. Este politeísmo manifesta a recusa de um modelo exclusivo de fé e o aparecimento de sistemas de representação compósitos, tendo como base uma pluralidade de fontes. As maneiras de crer extravasam largamente o próprio campo religioso tradicional. Em face das incertezas que permeiam as actuais sociedades, surgem outras modalidades de crer. O deslocamento do crer para fora das crenças estritamente religiosas é um fenómeno difuso no mundo contemporâneo. O politeísmo resulta da pluralização da cultura e do sentimento de que forças ocultas nefastas rodeiam de todos os lados a existência humana. As crenças tornam-se plurais, para poderem responder a esse sentimento. Uma vez que os deuses se tornam imanentes ao mundo, a crença numa divindade transcendente esvai-se na contingência da vida. Estas crenças politeístas convertem-se, do mesmo modo, em fonte de motivação para as condutas individuais e sociais.

27. As sociedades actuais assistem a profundas transformações que atingem a economia, a actividade laboral, a mobilidade social, as instituições e os sistemas de valores. Em virtude de uma certa desinstitucionalização da vida social, da pulverização das mentalidades, da mutabilidade e oscilação das representações, e da desestruturação dos sistemas de confiança, novos desafios se levantam hoje à instituição religiosa. As gerações mais novas estão particularmente envolvidas em tais mudanças.

As instituições são os mecanismos através dos quais as sociedades asseguram a sua integração social e cultural. Mediante a integração social, cada um assume um papel no conjunto da sociedade. Mediante a integração cultural, opera-se a interiorização dos valores e das normas. O processo de desinstitucionalização atinge, na análise desenvolvida, particularmente a família e a Igreja. Na desinstitucionalização da família, dá-se a prevalência do amor sobre o modelo institucional. Crescem, ao mesmo tempo, as taxas

⁵⁷ SCHMIDT, Francis — *L'Impensable Polythéisme*, Paris, Archives Contemporaines, 1988.

de divórcio, de nascimentos fora do casamento e o controlo da natalidade. Na desinstitucionalização religiosa, os dogmas e as normas morais, que a Igreja pretende constituir em princípios enformadores da totalidade da vida social, tornam-se disposições subjectivas. O indivíduo opta pelas crenças e pelos padrões que melhor correspondem aos problemas com que depara. O sincretismo religioso vai-se generalizando de harmonia com a pluralidade das experiências. Ora, quanto mais enfraquecem as instituições, mais se exige que a pessoa seja ela mesma. Somente o investimento na pessoa é capaz de compensar o desgaste das instituições.

É neste processo de desinstitucionalização que se afirma a individuação. Ao individualismo que as sociedades ocidentais conhecem nomeadamente desde o século XIX, e que se afirma pela procura da diferença e pela defesa de direitos — da cidadania e do trabalho — sucede uma vontade de individuação, que constitui o sujeito em criador de sentido. A subjectivação não é mais do que uma procura de individuação, isto é, de uma assunção da orientação e da mudança da vida social. É uma busca de identidade que se exprime a nível da experiência vivida. A individuação é essencialmente o reconhecimento do indivíduo como pessoa agindo conscientemente em sociedade.

Os ritmos de mudança não se fazem sentir, em todos os tempos e de igual forma, nos diversos domínios de actividade nem nas diferentes dimensões dos fenómenos. Alguns sectores resistem melhor às transformações, enquanto outros entram em acelerada desagregação. A estrutura simbólica da sociedade vai conhecendo algum avanço sobre a actividade material. A desterritorialização, accionada pelos processos de mundialização, faz com que haja um contínuo contacto com novas realidades e com que se receba uma multiplicidade de influências veiculadas pelos meios de comunicação social. O homem vive actualmente num espaço que é simultaneamente local e global. Se se alteram as coordenadas em que se tece a existência humana, será de esperar que, do mesmo modo, mudem as mentalidades.

Os homens, em tempos passados, faziam as coisas e só depois reflectiam sobre elas. A acção tinha uma prioridade sobre o pensamento. Pensavam-se o que havia sido feito para se aumentar a capacidade no seu fazer. O mundo do conhecimento era relativamente restrito, em termos de conteúdo e de extensão, assim como lentas e tardias se faziam sentir as influências vindas do exterior. O local não possuía a dimensão que conhece hoje. Estavam bem próximas as suas fronteiras.

À medida que aumenta a complexidade da existência, a inteligência vai questionando mais a realidade, e o conhecimento acumulado confere ao homem um maior domínio sobre o mundo que o rodeia. O universo humano

não possui mais fronteiras. Não é mais possível viver no novo contexto sem uma enorme capacidade de adaptação à mudança.

Os universos de representação passam, desde então, a estar sujeitos a um outro dinamismo. A estrutura simbólica da sociedade tende a mudar a um ritmo superior ao das próprias práticas sociais. Dando fundamento a uma tal tendência, poderá assistir-se, çra à manutenção de algumas condutas em simultâneo com a mudança de mentalidades, ora à alteração de mentalidades e de condutas, ora à resistência a toda a mudança. Nas sociedades tradicionais, o conhecimento mantém-se de forma mais durável, sendo um factor determinante da estruturação dos universos simbólicos. Passando a ser cada vez menos estável, porque se multiplica a um ritmo exponencial, perde parte do papel que desempenhava de manutenção da ordem existente. As mentalidades tendem hoje a serem continuamente feitas e refeitas, Nesta sociedade da informação e do conhecimento, os problemas encontram solução mediante a utilização de mais conhecimento, quer o objectivo seja a mudança, quer a manutenção da ordem estabelecida. Se anteriormente se tendia a pensar como se vivia, actualmente tende-se a viver como se pensa, independentemente dos meios institucionais que cada um possa ter à sua disposição.

As mentalidades mudam, porque as sociedades são profundamente abertas e dinâmicas. Não existem recintos fechados, impenetráveis a outras influências. O mundo tornou-se, na sua totalidade, presente a si mesmo. Mas as representações não deixam de ser também visões do mundo construídas e partilhadas pelos membros de grupos ou de sociedades restritas. As representações são esquemas estruturados e estruturantes que permitem ler e avaliar a realidade. Para além de esquemas de leitura da realidade, estão ainda postas ao serviço da dominação. Servem de guia na acção e de meio de controlo. Não existe vida social onde não estejam em permanente acção as representações, com as suas diversas valências.

Organizadas sob a forma de saberes, as representações orientam as condutas sociais e a comunicação inter-pessoal. Na medida em que envolvem aspectos mentais e afectivos, constituem saberes práticos nos sistemas de relações sociais. A sua importância, na manutenção da identidade social, é de extrema relevância. Desempenham, na verdade, uma tríplice função: cognitiva, protectiva e de legitimação. As representações colectivas correspondem ao modo como a sociedade pensa e vive o mundo da sua própria experiência. Os indivíduos sofrem o constrangimento das representações, porque a realidade social aparece povoada de universos simbólicos que, na sua existência na mente dos indivíduos, condicionam o seu quotidiano. É no quadro

das representações que se pensa, se exprimem os sentimentos e se tomam as atitudes.

Embora os sistemas de representação estejam em relação com mundos existenciais específicos, na actualidade, as comunicações de massa e a difusão de conhecimentos científicos e técnicos tendem a transformar as visões do mundo particularizadas, dando origem a outros universos simbólicos. Neste mesmo processo complexo de transmutações, se situa também, hoje em dia, a religião.